This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 405356

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN · LIBRARIES ·
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES SCIENTIA VERITAS
1817

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN · LIBRARIES ·
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
1817

A Descoberta do Brasil

Proprietario da segunda edição: **Livraria Central** de GOMES DE CARVALHO — *158, Rua da Prata, 160* — Lisboa.

Composto e impresso na **Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Successora** — *Rua da Cancella Velha, 70* — Porto.

OBRAS DE FAUSTINO DA FONSECA

Lyra da Mocidade (Primeiros versos), 1892. Esgotado. 1 vol.
Tres mezes no Limoeiro (Notas da prisão), 1896, 2.ª edição. 1 vol.
O descobrimento do caminho maritimo para a India, 1898. 1 vol.
A descoberta da India (Drama historico em 5 actos), 1898. 1 vol.
O escandalo do drama do concurso do centenario da India, 1898. 1 vol.
Regresso ao lar (Romance), 1900. 1 vol.
A descoberta do Brasil, 1900, 1.ª edição. Esgotado. 1 vol.
Pedro Alvares Cabral, 1900. 1 vol.
Ignez de Castro (Romance historico), 1900, 1.ª edição. Esgotado. 4 vol.
Ignez de Castro (Romance historico), 1903, 2.ª edição (popular). 2 vol.
Escravos (Romance), 1901. 1 vol.
Padeira de Aljubarrota (Romance historico), 1901. 2 vol.
As mulheres portuguêsas na Restauração de Portugal (Romance historico), 1903. 3 vol.
El-Rei D. Miguel, 1905. 1 vol.
Os filhos de Ignez de Castro (Romance historico em collaboração com Joaquim Leitão), 1905. 1 vol.
Anecdotas de reis, principes e outras personagens portuguêsas e estrangeiras, 1905. 1 vol.
Bons ditos de reis, principes e outras personagens portuguêsas e estrangeiras, 1906. 1 vol.
Os bravos do Mindello (Romance historico), 1906. 1 vol.
A Arraia Miuda (Romance historico), 1906. 1 vol.
Beijos por lagrimas (Romance historico). 1 vol.
Na Prisão (Traducção de Maximo Gorki), 1905. 1 vol.
Viagem Maravilhosa (Romance historico), 1907. 1 vol.
O Atheismo (Traducção de Felix Le Dantec), 1907. 1 vol.

FAUSTINO DA FONSECA

A Descoberta do Brasil

2.ª EDIÇÃO

1908

Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160

LISBOA

F
2526
F68
1908

Escrito na febre de dias improrogaveis para a commemoração do quarto centenario do Descobrimento do Brasil, com o intuito de reivindicar a obra da civilisação portuguêsa, menoscabada pela incapacidade de escriptores nacionaes, e pela ignorancia e malevolencia de extranhos, estava destinado a desapparecer este livro, como esboço de lar-

gos estudos especiaes a respeito de cada uma das principaes phases dos descobrimentos.

Condemnaram-o porém á vida o grande exito obtido, a acceitação das suas demonstrações, as multiplas referencias e largos extractos em diversas obras, e por isso reapparece tal como está.

Ao escrever em 1898 alguns trabalhos commemorativos do descobrimento do caminho maritimo para a India, convenci-me de que estava por fazer a historia das emprêsas maritimas de Portugal. Não voltaria porém tão depressa ao assumpto, que exige uma aturada investigação, se não reconhecesse a necessidade de affirmar, de uma forma indiscutivel, o direito de Portugal á descoberta do Brasil.

Além do interesse historico, ha o alcance sociologico de tal reivindicação.

Da mesma forma que pelo centenario de Colombo, em que Portugal foi jungido ao carro triumphal do genovez e amesquinhado malevolamente na obra colossal

do seculo XV, sem que se procurasse a verdade de tal assumpto com o empenho, com o ardor, com o enthusiasmo, com a emoção de quem disputa a gloriosa herança de um grande povo aos que procuram atassalhal-a; pretendeu fazer-se do centenario do Brasil a consagração dos navegadores hespanhoes companheiros e continuadores de Colombo, deprimindo-se propositadamente o papel de Pedro Alvares Cabral, o representante de Portugal n'aquelle solemne momento historico.

Ao ter conhecimento dos trabalhos, dos esforços e, o que é mais, das resoluções tendentes a exaltar esses navegadores, humilhando os portuguêses de hoje nos portuguêses de então, resolvi escrever este livro em que os

proprios documentos hespanhoes affirmam a descoberta portuguêsa, e em que o confronto dos testemunhos contemporaneos, registando o procedimento de uns e de outros, constitue a apotheose de Cabral e da civilisação lusitana.

E com este trabalho venho concorrer para a celebração do quarto centenario do descobrimento, em homenagem á laboriosa colonia portuguêsa do Brazil; á patria brasileira, a obra prima da colonisação portuguêsa, a continuação da nossa terra e da nossa lingua, a prova do fecundo passado, o monumento da nossa civilisadora missão.

Faustino da Fonseca.

Prologo da 1.ª edição.

Para se comprehender na sua grandeza o plano colossal das descobertas maritimas dos portuguêses, essa obra de quasi um seculo, realisada sem desfallecimentos mas sem precipitações, sem exclusivismos de raça mas sem subordinação a outras iniciativas, sem regeição de auxilio estranho mas sem subordinação a elle; para comprehender a razão do projecto do infante D. Henrique e a causa que levou Pedro Alvares Cabral ao Brasil, é preciso ir buscar as origens da nova cruzada, estudar desde o principio os descobrimentos, averiguar os limites da terra conhecida pelos antigos, apreciar as dificuldades materiaes a vencer: deficiencia de material, falta de instrumen-

tos apropriados, lendas no mar, terror nos marinheiros; é preciso abranger o conjuncto para reconhecer a unidade de concepção, o methodo experimental, a orientação determinada, a ideia inicial, o rigor scientifico, a paciente persistencia, que permittem a explicação cabal de varios pontos, de outra forma obscuros, a reparação de grandes injustiças, a demonstração de verdades contestadas, a abolição terminante da palavra — acaso — com que até aqui se tem satisfeito a indolencia cerebral de muitos escriptores.

Estamos em face de um assumpto de que se tem escripto muito, mas de que se tem quasi sempre escripto mal.

Como se nada existisse, ha que reconstituir pelos documentos, pelas fontes, os factos que de perto se relacionam com as descobertas, e pôr de parte as chronicas officiaes, quando em contradicção com esses materiaes, unicos em que se pode baseiar a historia. Relações de auctores contemporaneos dos factos, ou proximos d'elles, no tempo e no local; noticias indirectas, memorias, passagens dos proprios chronistas que sirvam de commentario ou ampliação aos documentos com que estiverem de accordo, constituem verdadeiras fontes e, como taes, devem ser aproveitadas.

Na obsecação dos documentos ha quem julgue

que descobril-os, decifral-os e compilal-os é fazer historia. Tem que se discutir, commentar, comparar, desenvolver, generalizar; reconstituir por elles as intenções, os propositos, os designios, a maneira de ser, o modo de proceder, os meios de operar, os homens, as coisas, os conhecimentos, as relações, os interesses, a época emfim, em toda a amplitude da esphera de acção, em toda a ligação com o movimento inicial do passado, e com o resultado do esforço no futuro.

Omittem os chronistas diversos descobrimentos; faltam na Torre do Tombo muitos documentos relativos aos trabalhos do seculo XV; não invalidam

essas omissões os factos positivos que os elementos existentes podem estabelecer; não se deve admittir a negativa de passagens confirmadas por provas indirectas ou por indicios, sem que se estabeleça claramente a contradicção.

Não póde annullar a carencia de provas directas os indicios do conhecimento de algumas terras, manifestados indirectamente em factos e em documentos, embora a descoberta d'essas terras seja officialmente marcada em época posterior.

Não se deve julgar os individuos e os acontecimentos pelo criterio de hoje, em face das ideias e dos costumes actuaes; mas é preciso não esque-

cer que esses antepassados não adivinhavam, não tinham o dom da presciencia, não decifravam o futuro, não possuiam a sciencia innata, só procediam em face de conhecimentos adquiridos; e que os seus actos que parecem uma antecipação não constituem mais do que uma revelação. É preciso não esquecer que esses feitos foram a consequencia de trabalhos e de estudos collectivos, de esforços accumulados por muitos annos, de repetidas e arduas tentativas, que póde representar um nome n'um determinado local, n'um dado momento, mas que são sempre a synthese da obra nacional.

Não se deve esquecer que os homens de outr'ora

eram creaturas praticas, positivas, como as de hoje; que os seus actos, de que nos occupamos, são fundados, logicos, consequentes, naturaes, simples, arriscados mas realisaveis, e que então já havia as actuaes noções de utilidade, de interesse, de bem estar, de apego á vida.

É preciso banir da narrativa das viagens a palavra *acaso,* pôr de parte a repetida explicação do *temporal,* abolir para sempre as pomposas expressões *á ventura, ao som do vento, confiando apenas em Deus,* e outras equivalentes, que se davam habitualmente como causa das descobertas, porque muitos julgavam engrandecer Portugal pondo-o a navegar

ás cegas, a tropeçar em terras e em ilhas, suppunham que diminuia a gloria dizer que os mareantes se guiavam por cartas e se orientavam por instrumentos, como se a superioridade, o valor dos individuos e das nações estivessem nos azares da fortuna, em vez de consistirem no trabalho, no estudo, no saber!

Vae este livro de encontro a muitas opiniões consagradas, a muitas versões estabelecidas, a muitas razões geralmente acceites, o que não será motivo para as discutir, para as negar, nem para as referir sequer. Trata-se de factos e não de palavras.

Ha quem em semelhantes trabalhos accumule

termos technicos, conserve aos documentos uma orthographia que os torna quasi indecifraveis sem os revestir de maior authenticidade, mantenha uma aridez que não dá mais authoridade ao assumpto, chegue a empregar caracteres que originam confusões, palavras archaicas, formas antiquadas, que os tornam incomprehensiveis para o grande publico.

Não procurando alardear facil erudição e desejando ser comprehendido, tenho que empregar palavras e phrases de uso geral, embora não rigorosamente proprias; tenho que entrar em explicações e detalhes, inuteis para os conhecedores, mas cuja necessidade serão os primeiros a reconhecer.

Baseia-se este livro principalmente em doações, tratados de limites, correspondencias officiaes, roteiros, mappas, relações, cartas de testemunhas dos acontecimentos e outros documentos da Torre do Tombo e dos archivos hespanhoes.

Introducção da 1.ª edição.

A Descoberta do Brasil

I

As lendas geographicas da antiguidade

Só com as descobertas maritimas dos portuguêses no seculo XV,, entrou a geographia no campo verdadeiramente experimental.

Surprehendida, occupou-se a Europa das viagens no mar desconhecido, e só n'essa epoca desenharam os cartographos nos velhos mappas as novas ilhas, os trechos do littoral africano e foram raspando, pouco a pouco as ficções, as lendas e os terrores.

Se alguma vez se realisaram, não deram o menor resultado pratico, para o conhecimento da terra, as faladas navegações da antiguidade, como se vê consultando livros de geographia, portolanos, re-

lações de viagem, cartas e outros documentos da edade media.

Apenas conheciam incompletamente os europeus dois terços do seu continente, o sudoeste da Asia e o norte da Africa, mantendo-se ha muitos seculos quasi estacionarios esses escassos conhecimentos.

Repetia-se o que diziam os livros gregos, acrescentava-se-lhes um pouco do que os arabes sabiam do oriente, exageravam-se as fabulas.

Por um invencivel espirito de rotina, limitavam-se no geral os debuxadores a copiar as antigas cartas, desaproveitando as indicações colhidas por um ou outro viajante.

Pouco influiam nos christãos os conhecimentos geographicos obtidos pela extensão do dominio politico e religioso dos arabes.

Receiava-se que, em vista da curvatura da superficie da terra, os navios que viajassem para oeste descessem, tornando-se-lhes impossivel voltarem porque não poderiam subir.

Tolhia este pavôr, como muitos outros, o conhecimento das regiões occidentaes.

Era por terra, de occidente para oriente, o pouco que se avançava.

Realisaram-se de oriente para occidente pelo mar largo, de norte para sul pela costa d'Africa e em seguida de occidente para oriente, pelo mar das Indias, os descobrimentos portuguêses.

Não só desconheciam os antigos grande parte do globo, mas tambem espalhavam ideias absurdas, contrarias ao desejo de o explorar.

Dividiam a terra em cinco zonas, duas polares, duas temperadas e a torrida, considerando inhabitaveis a zona torrida por causa da visinhança do carro do sol e as glaciaes pela baixa temperatura. Só as zonas temperadas permittiam a existencia; mas alguns geographos ainda exceptuavam d'ellas toda a região ao sul do Atlas, e outros levavam o seu exagero a considerar impossivel a vida humana em todo o hemispherio austral.

Acceitando as extremas consequencias d'estas theorias, havia geographos que collocavam a Africa toda ao norte do equador.

Ignorava-se o contorno d'esse continente. Davam-lhe uns a forma de trapezio, outros a de triangulo rectangulo; e terminavam-n'o ora por uma ponta ao occidente da longitude de Gibraltar, ora por um grande alargamento para o sul, no sentido de oriente e de occidente, ora por uma extensa

curvatura para leste até um cabo que formava um estreito com a peninsula de Malaca.

Affirmava Ptolomeu, em cuja obra se resumem os conhecimentos geographicos dos antigos, que se estendia sem interrupção a Africa até ao polo antarctico, não havendo portanto communicação com o oceano Indico, reduzido assim a um mar interior e até a um lago, como pretendiam alguns.

Sob o nome generico de India comprehendiam o Indostão, a Indo China, as ilhas e as regiões extremas do oriente, de que se espalhára a fama de grandes riquezas: montanhas de pedrarias, muralhas de prata, torres de oiro fino, echo exagerado pela distancia do fausto oriental.

Localisava-se ahi a lenda do Preste João, soberano christão que reunia o poder temporal ao espiritual, e era considerado o pontifice do oriente [1].

Marcavam alguns geographos o paraiso n'uma ilha com esse nome; outros na Africa ou na Asia,

---

[1] Parece hoje certo que o famoso Preste João era um chefe dos Monges-Keraïtas, convertido ao christianismo por missionarios nestorianos, e morto em 1203, depois de derrotado por Gengis-Khan.

e ainda outros fóra da terra conhecida. Tinham tambem os seus logares o purgatorio e o inferno.

Traziam mais os mappas a ilha de Salomão onde se dizia estar o cadaver d'esse rei, n'um palacio maravilhoso; a ilha dos homens e a ilha das mulheres, habitadas por individuos do mesmo sexo, indo os homens todos os annos visitar as mulheres e voltando depois á sua ilha; a tão falada Atlantida, de onde viera, segundo Platão, uma invasão terrivel contra a Grecia; e outras egualmente phantasticas.

Durante o seculo XV, apezar das descobertas portuguêsas, ainda apresentavam povos monstruosos: pygmeus e cyclopes, hermaphroditas com um seio de homem e outro de mulher; amazonas, mulheres que fecundavam sem necessidade de marido; homens com uma perna só, com a cabeça e a bôca no peito, sem cabeça, tendo os olhos nos hombros, sem lingua, sem orelhas, com quatro olhos, com labios tão grandes que serviam de guarda-sol; outros que viam o sol de noite, que o podiam encarar frente a frente, que só viviam cinco annos, que nasciam com cabellos brancos tornados negros ao envelhecerem; os povos de Gog e de Magog, gigantes descommunaes, que viriam, como guarda de honra

do Antichristo, praticar as maiores devastações, precedendo o juizo final.

Determinavam os pontos onde havia sereias, esphinges, gryphos, phenix, faunos, satyros e basiliscos.

Era considerado completamente innavegavel o Atlantico, tratado por mar tenebroso, mar da escuridão e mar verde.

Estava, segundo uns, coalhado de escolhos e coberto de plantas marinhas, tinha pequena profundidade e o fundo de lôdo; segundo outros, attingiam n'elle as vagas uma elevação de serranias, e abriam fauces de abysmos ao debaterem-se em furiosos temporaes; ora o consideravam impossivel de transpor pela sua absoluta calmaria, porque estavam presos os ventos em varias regiões e nem uma aragem enfunaria as vélas; ora o suppunham perigosissimo para a navegação pela furia dos ventos, pela violencia dos tufões. Diziam-n'o povoado de monstros, de prodigios, de terrores e coberto de vapores perigosissimos; para lá de certas latitudes não se podia ver o caminho; o sol ao mergulhar nas aguas, como um ferro em brasa, produzia um enorme estridor.

Inundava um hemispherio inteiro o mar da noite, estava em ebulição na zona torrida, occupava

todo o Equador como uma grande facha, impedia por completo a communicação do hemispherio norte com o sul.

Não bastava aos geographos antigos limitar a tão pouco a extensão do mundo, abrir-lhe um temeroso abysmo ao sul e ao occidente; para dissuadir os que quizessem alargar os limites da terra conhecida semeavam-o de estatuas, columnas e legendas que prohibiam aos navegadores ir mais além.

Fechavam o caminho do Atlantico as columnas de Hercules, e a entrada do Mar da India outras duas columnas n'um pretendido estreito formado pela peninsula de Malaca e a ponta de Africa.

Mandavam retroceder o navegante, sob pena de morte, tres estatuas, verde, amarela e negra, na ilha de Salomão; duas figuras de bronze sobre columnas de pedra de cem covados de altura, nas ilhas Afortunadas; três figuras monstruosas proximo da ilha de Saida. Era um ninho de serpentes, promptas a devorarem quem se approximasse, o cabo Bojador, cujos rochedos brilhantes attráíam.

Representa o mappa de Marco Polo o estado dos conhecimentos geographicos em 1295-1298. A Africa apparece traçada ao acaso; o mar da noite, innavegavel, impossivel de transpôr, termina o

mundo pelo sul como a terra da noite o fecha pelo norte. Na ilha de Ceylão ha o tumulo de Adão, no mar de Java 7:448 ilhas das especiarias, e no mar das Indias outras 12:700; no extremo oriente a cidade de Kiasay a que se refere Toscanelli na sua carta e a ilha de Cypango aonde Colombo julgou ter chegado.

No mappa catalão, de 1375, vê-se que a costa d'Africa só era conhecida desde Ceuta até ao cabo Bojador.

O mappa de André Bianco (1436), um dos mais curiosos documentos geographicos da antiguidade, reproduz muitas das lendas e das figuras da edade-media, um mixto religioso e pagão: esphinges, dragões, o nascimento de Christo, Jerusalem no centro do mundo e até o paraiso terrestre, em cuja situação Colombo tambem acreditava, como afinal acreditava em todos os erros e fabulas da antiguidade. Reunida n'um só continente a terra conhecida, tudo o que fóra d'ella apparecesse era considerado como ilha. Isto, e o grande numero de ilhas do mappa de Marco Polo explicam a razão porque, ao começo, os varios pontos da costa da America eram tomados por ilhas.

É marcado como um mar interior o Oceano In-

dico, vem o Nilo lançar um braço no Atlantico, figura Catay no extremo oriente. A transição da velha geographia para o exacto conhecimento das terras que os portuguêses andavam percorrendo já se manifesta nas ilhas do Atlantico, onde apparecem os archipelagos; n'uma nova terra lançada em frente ao continente africano, já na cercadura do mappa; na caravela que vae em direcção ao sul tendo pintada nas velas a cruz de Christo.

Desvendou Portugal o oceano em todos os sentidos, regressou do cabo Não, esmagou as serpentes do Bojador, zombou dos monstros do Mar das Trevas que durante seculos tinham conservado prisioneira a Europa; dissipou os vapores, desfez as intrincadas vegetações, despedaçou columnas e estatuas, e foi erguendo padrões em seu logar.

De origem portuguêsa ha apenas duas lendas: o gigante Adamastor a defender o cabo das Tormentas e o cavalleiro de pedra no rochedo da ilha do Corvo.

Emquanto as figuras pavorosas ameaçavam o navegante para que não fosse mais alem, mandava-o este avançar, apontava-lhe confiadamente o caminho, designava-lhe o rumo da America, incitava-o a demandar novas regiões.

Creação da poesia popular, como o Adamastor da poesia epica, representava a confiança na propria força, a esperança no futuro, o desprezo das lendas e terrores, o enthusiasmo pela conquista do desconhecido. Era o symbolo da ideia das descobertas esse cavalleiro a arrojar-se dos penhascos do ultimo rochedo do occidente.

II

O projecto do Infante D. Henrique

Quando tomaram Ceuta os portuguêses, terminou o trafico importante de generos do sertão, a malagueta e o marfim, e de especiarias que vinham pelo Mar Vermelho, até Berenice, de onde seguiam em caravanas passando por Tombuctu.

Mandou D. Henrique emissarios a Tunis para indagarem o caminho dos productos, cujo commercio desejava empolgar, e obteve entre os naturaes da Berberia alguns informadores com quem se correspondia assiduamente.

Conheceu assim as principaes vias do commercio oriental: na origem do Indus compravam os arabes as mercadorias da India e as do extremo

oriente, trazidas até ali pelos mongoes; desciam o Amou-Daria, percorriam o seu antigo leito até ao Mar Caspio que atravessavam, subiam o rio Koura, passavam em caravanas a Sarapana, desciam o rio Rion até ao Mar Negro, e vinham então a Constantinopla; traziam-n'as por mar até ao Golfo Persico, subiam os rios Chatt-el-arab e Euphrates, seguiam em caravanas por Alep para Alexandrette, e d'ahi para Constantinopla; vinham embarcadas até ao Mar Vermelho, descarregavam em Berenice, d'ahi passavam em caravanas ao Nilo, desciam este rio e iam por um canal a Alexandria.

Terminavam no Mediterraneo as três importantes vias commerciaes, e os mercadores das republicas italianas tinham de comprar sempre aos mesmos intermediarios, que faziam pagar a especiaria três vezes mais cara, e o incenso cinco vezes.

Excommungára um papa os que commerciassem com os infieis, mas havia continuado o trafico pela mesma forma.

Misturavam-se nos documentos officiaes, nas palavras dos chronistas, nas bullas os assumptos espirituaes e temporaes.

Eram o necessario complemento da victoria o saque, a posse dos bens materiaes do inimigo.

Em cada acontecimento historico ha um phenomeno economico a salientar.

Dominava então, como sempre, a noção utilitarista, interesseira, commercial. Sabiam bem os soldados christãos que se vence com o ouro, que para fazer a guerra se precisa de dinheiro. Não se sustentavam de bullas pontificaes, não se batiam simplesmente para obter indulgencia plenaria os exercitos numerosos dos cruzados: discutiam o saque e as compensações antes de se lançarem ao inimigo.

Na tomada de Silves, por exemplo, tiveram graves questões com os portuguêses por causa do saque de que pretendiam apossar-se totalmente os cruzados que, de passagem para a Terra Santa, auxiliaram o exercito de D. Sancho I; no tempo de D. Sancho II levaram outros guerreiros da cruz a avidez a saquear Lisboa, tendo de ser combatidos e presos para restituirem os furtos.

Fazia-se pagar aos mouros o custo das expedições que os atacavam em nome da fé, como hoje se impõe a indemnisação para as despezas da guerra ás nações derrotadas.

Ao irem depois á India tratavam os hollandeses apenas de commerciar; ao iniciarem os descobrimentos procuravam os portuguêses alargar a fé

guerreando os mouros, destruindo-lhes as riquezas, desviando-lhes o commercio.

Levavam os navios frades para a catechese e mercadores para as feitorias; paramentos para as egrejas e barretes e guisos para attrair os africanos; indulgencias e absolvições, espingardas e canhões, polvora e bala.

Nas instrucções para a exploração do reino de Angola mandava-se insistir com o rei para se converter ao christianismo, e averiguar se havia ouro ou alguma coisa para trocar.

Registava com jubilo um chronista que os pretos da Mina, com a ísca dos bens temporaes, acceitavam a fé.

Convertiam-se regulos d'Africa para receberem presentes, ou terem nas suas guerras o auxilio dos christãos: como os saxonios do tempo de Carlos Magno que abraçavam o christianismo sempre que precisavam de uma tunica nova.

Eram os descobrimentos portuguêses uteis á fé e ao reino, traziam «almas» para o gremio da egreja e especiaria para a casa da Mina, serviam ao mesmo tempo a religião e o thesouro.

Procediam de egual fórma os pontifices, professava o chefe da egreja as mesmas ideias.

Enviou o papa Clemente VII um breve a D. João III pedindo-lhe que diminuisse o preço da especiaria, o que seria muito agradavel a Deus [1].

Não partiam á tôa, em multidão desordenada, mendigando ou roubando pelo caminho como os maltrapilhos de Pedro o Eremita, os cruzados do seculo XV.

Custavam os soldos, o armamento dos navios, o equipamento das frotas, muito dinheiro, obtido a custo dos *pedidos* votados de má vontade pelas côrtes, das terças tiradas á egreja com descontentamento do clero, e dos rendimentos da Ordem de Christo.

Procurava-se fazer pagar essas pesadas despesas aos mahometanos contra quem eram dirigidas, no interesse da religião christã, em defeza da civilisação europeia ameaçada continuamente.

D'ahi os tributos cobrados á força, os saques, as presas, os ataques ao seu monopolio commercial, porque os grandes lucros do trafico da especiaria permittiam aos musulmanos lançar constantemente contra a Europa soldados e navios.

---

[1] Breve de 9 de abril de 1524.

Vista a impossibilidade de empolgar no Mediterraneo a corrente commercial, que fugiu aos portuguêses quando julgavam tel-a adquirido com a posse de Ceuta, resolveu-se ir buscal-a á propria origem, á India de onde as informações diziam que saía.

Era preciso mudar para o oriente o theatro da guerra.

Apesar de dispôr de bons navios, de excellentes marinheiros, custaria muito a Portugal sustentar a distante campanha.

Para ir ao oriente conheciam-se apenas as vias que por terra partiam do Mediterraneo. Tinha portanto que percorrer o Mar Tenebroso, de tentativa em tentativa, até descobrir um caminho maritimo para a India.

Para assegurar esse caminho, e poder commerciar em concorrencia com os musulmanos, tinha que combater; e como para esses combates lhe era necessaria uma alliança, necessitava de encontrar o alliado natural, a christandade indiana, o reino do Preste João.

Fizera comprehender a sua possibilidade o estudo do problema, mostrava-o exequivel a intuição das circumstancias economicas.

Importava o projecto as seguintes vantagens: dispensa do intermediario e dos trasbordos, rapidez do transporte, possibilidade de conduzir mais carga, substituição do dorso do camello pelo bôjo do galeão. Denunciava isto espirito pratico e accentuava um grande progresso.

Partiu tudo d'este projecto que revolucionou o systema do mundo.

Provem d'esta origem as explorações para o sul e para o occidente; as grandes viagens do occidente e do oriente; o encontro das duas passagens a leste e oeste: o Cabo da Boa-Esperança e o estreito de Magalhães; as descobertas da costa d'Africa e das ilhas do Atlantico, da America do Norte e do Brasil.

Obedece tudo a este proposito, subordina-se tudo a este projecto, são tudo soluções ao problema: os conselhos de Toscanelli e de Monetario, o erro de Colombo, a audacia de Magalhães.

É tudo o desenvolvimento d'essa ideia que, com a Imprensa e a Reforma, torna maior o mundo, marca uma nova epoca na historia da civilisação.

III

Á descoberta

Foram saindo para o sul pouco a pouco algumas caravelas, contornaram a costa africana, descobriram para além dos limites conhecidos, e em vez dos pavôres receiados encontraram por toda a parte o mesmo mar e o mesmo céo.

Quiz um dia o Infante que partissem para o occidente, para o mar alto, sem a terra para abrigo, sem a vista das costas para se orientarem, sem portos para refugio; mandou-os fazer ao largo, muito ao largo, que só vissem o vasto lençol verde, a immensa cupula do azul, até acharem terras da India, a falada riqueza, climas novos, povos diversos,

e poderem certificar depois ao mundo inteiro que não havia monstros no ignoto oceano, e que o mesmo sol illuminava o circuito das aguas, de que era centro a caravela.

Da epopeia do mar regista a historia algumas datas dos descobrimentos, quando muito os nomes dos descobridores; não fala dos sacrificios, dos perigos, dos trabalhos, da tortura d'esses homens á mercê dos elementos, perseguindo a linha do horisonte n'um profundo olhar perscrutador.

Eram dias e dias de mar alto sem uma vela, sem uma ave; noites e noites receiosas, correndo, sem saber por onde, em risco de bater n'um rochedo; adornando-se a caravela na crista das vagas, alagando-se nos abysmos abertos entre ellas; rangendo lugubremente no vergar dos mastros, no comprimir do cavername.

Datavam de ha quinze annos as viagens das descobertas. Apezar das murmurações contra os projectos do Infante, começava o mar a ser o grande factor da vida portuguêsa.

Quando açoitava o vendaval as povoações da costa, amaldiçoava então o povo essas emprezas, recordava as pavorosas lendas do Mar das Trevas, e como que avistava horrendas figuras passeando-o

de fauces escancaradas, promptas a tragarem o temerario que se atrevesse.

Andavam agora á descoberta as caravelas de Gonçalo Velho, que seguia teimoso para occidente.

Viram um dia rebentar mais alto as vagas, lançando nuvens de espuma, atirando-se impetuosas contra uns rochedos como se quizessem amortalhal-os, arrazar-lhes as provocadoras agulhas. Mas resistiam, e ficavam coroados de flocos alvissimos, contrastando com o escuro do granito, os impassiveis bastiões de pedra.

Eram muitos, espalhavam-se ao longe esses pontos negros, como cabeças de monstros marinhos a espreitarem á tona de agua. Chamou-lhes Gonçalo Velho *Formigas,* e voltou d'ali a um anno, no mesmo rumo, até que um dia, ao dissipar-se a neblina da manhã, viu como que uma pequena nuvem rastejando pela linha do horizonte.

Correram para ella. Augmentava de volume, avultou como uma ilha que era, em ribas escarpadas e desprovidas de vegetação. Contornada encontrou-se um recorte na costa, e n'elle um cabeço onde está hoje a Villa do Porto, como uma ave que poisasse em cima de um rochedo. Era o dia 15 de

agosto de 1432. Em attenção ao calendario chamou-se á ilha *Santa Maria.*

Tempos depois visitaram, em dia de S. Miguel, uma grande ilha de suave contorno, coberta de vegetação.

Da Terceira encontrada viu-se mais outra, S. Jorge, e ao passar ao norte d'ella tiveram os navegadores o espectaculo surprehendente de cinco ilhas, essas duas a Graciosa, o Pico e o Fayal.

Eram desertas. Apenas gritavam nas penedias bandos de milhafres que foram tomados por Açores.

Outras duas ilhas appareceram mais além: Flores, surprehendente no seu aspecto; Corvo, aonde o espirito nacional foi collocar uma alegoria a novos descobrimentos, alegoria valiosissima na época em que tudo se representava por symbolos, necessitando da forma para se impôr á ingenuidade das multidões: o cavalleiro posto na crista do rochedo, encarando o oceano na insensibilidade da pedra, apontando além, mandando seguir para o occidente os cavalleiros de Christo.

Ficaram tambem os Açores frota symbolica de caravelas rondando o grande mar; galeões firmes nas ancoras, petrificados, arvorando a bandeira por-

tuguêsa, tripulados pelos descendentes das fortes guarnições; vedetas ao romperem audaciosos o oceano na formidavel campanha do futuro; avançadas nos rudes assaltos á tenebrosa fortaleza do desconhecido; balizas da passagem entre dois mundos, servindo no Atlantico para acertar os rumos e na historia para affirmar a prioridade na descoberta da America; sentinellas perdidas na vasta solidão das aguas, mostrando o que valeu o passado, o alcance da nossa missão social, a obra da civilisação lusitana.

IV

Prioridade dos portuguêses na descoberta da America

É a descoberta da America uma das consequencias da procura do caminho maritimo para a India, e portanto do plano português.

Consideravam os antigos geographos a Asia mais extensa, menor a circumferencia da terra, pequena portanto a distancia entre as costas da Europa e as praias da India, nome generalisado ás regiões do extremo oriente.

Era esta a versão ensinada e acceite por todos quando começaram os descobrimentos portuguêses; acreditada ainda por alguns, apezar d'elles, durante o seculo XV; e só posta inteiramente de parte de-

pois que deu a volta ao mundo o português Fernão de Magalhães.

Escrevia Toscanelli em 1475 a D. Affonso V, referindo as regiões e cidades da India, aonde se chegaria depois de atravessar o Atlantico de leste a oeste. Considerava muito pequena a distancia a transpor «brevissimo caminho por mar que ha d'aqui ás Indias, onde nascem as especiarias» e explicava n'estas palavras a razão theorica do caminho do occidente «não vos admireis que chame poente ao paiz onde nasce a especiaria, que commummente se diz nascer no levante; porque, os que navegarem para o poente, sempre acharão no poente os referidos logares; e os que forem por terra, para o levante, sempre os acharão no levante.»

Ao insistir com D. João II para que mandasse procurar a India pelo occidente fazia Monetario essas citações: «Aristoteles confessa em fim do livro segundo *De celo et mundo*. E tambem Seneca, *Quinto livro dos naturaes,* e Pedro de Aliaco, cardeal mui lettrado na sua edade, e outros muitos varões esclarecidos confessam, digo, o principio do oriente habitavel ser achegado assaz ao fim do occidente habitavel.» Era tão breve para elle como

para Toscanelli o caminho «se prova aquelle mar em poucos dias navegar-se contra Catay oriental».

Allude Duarte Pacheco a estes e outros conselhos nas seguintes palavras: «Muitas opiniões houve n'estes reinos de Portugal, nos tempos passados, entre alguns lettrados, ácerca do descobrimento das ethiopias de Guiné e das Indias; porque uns diziam que não curassem de descobrir ao longo da costa do mar, e que melhor seria irem pelo pego (mar largo) atravessando o golfam até topar em alguma terra da India, ou visinha d'ella, e que por esta via se encurtaria o caminho.» [1]

Estavam todos de accordo em considerarem pequena a distancia a transpor, sendo acatados como auctoridades irrecusaveis os philosophos em que se baseiavam taes asserções.

Assim, na opinião geral, não só havia um caminho por occidente mas era o mais curto, o mais facil, o mais util para chegar ao oriente.

Para muitos era tida por impossivel a viagem

---

[1] *Esmeraldo de situ orbis,* por Duarte Pacheco Pereira, edição de Augusto Epiphanio da Silva Dias (Sociedade de Geographia de Lisboa), pag. 137.

da India pelo sul d'Africa. Diz o *Esmeraldo* «Ptolomeu escreve na pintura de suas antigas taboas da cosmographia o mar Indico ser assim como uma lagoa, apartado por muito espaço do nosso mar oceano occidental que pela ethiopia meridional passa; e que entre estes dois mares ia uma ourella de terra, por impedimento da qual para dentro, para aquelle golfam Indico, por nenhum modo nenhuma nau podia passar; outros disseram que este caminho era de tamanha quantidade, que por sua longura se não podia navegar, e que n'elle havia muitas sereias e outros grandes peixes e animaes nocivos, pelo qual esta navegação se não podia fazer.» [1]

Convenceu os marinheiros portuguêses a experiencia adquirida em muitas viagens ás terras do occidente de que não era a praia occidental essa falada India; mas ao começo da realisação do plano seguiam os livros antigos de que não tinham motivos para descrer.

Trouxe ao regressar, em 1428, o infante D. Pe-

---

[1] *Esmeraldo*, ed. Epiphanio, pag. 151.

dro [1], que em 1418 fôra viajar pela Europa, combatera contra os turcos e percorrera o Egypto, o livro das viagens de Marco Polo, que o senado de Veneza lhe offerecera ao recebel-o solemnemente [2].

Dando á Asia uma extensão para oriente muito maior do que ella tem em realidade, punha o Catay no Atlantico, a pequena distancia da Europa, o celebre livro. «Prolongando consideravelmente a Asia para o oriente, fez nascer o Catay o pensamento de attingir as costas e chegar aos ricos paizes da India singrando directamente para o occidente.» [3]

Segundo Marco Polo, a ilha de Cipango, e as

---

[1] «E no tempo que ho Infante dom Pedro de gloriosa memoria vosso tyo chegou a Veneza. E depois das grandes festas e honrras que lhe forom feitas pellas liberdades, que elles tem nos vossos regnos, como por ho elle merecer: lhe offerecerõ em grande presente ho livro de Marco Paulo, que se regesse por elle, poys desejava de veer e andar pello mundo.» *O livro de Marco Polo,* por Valentim Fernandes allemão, Lisboa, 1502. Dedicatoria a D. Manuel.

[2] Da livraria de D. Duarte consta já uma traducção em português: «Marco Paulo, latim e linguagem, em 1 volume.»

[3] Opinião de Walckenaer. *Livro de Marco Polo,* por M. G. Pauthier.

ilhas das especiarias ficavam no oceano, isto é no Atlantico, eram banhadas pelo mesmo mar que banhava a Europa: «aquelle mar onde está a ilha de Cipango é mar oceano e chama-se Cyn, que quer dizer mar de Mangy, porque a provincia de Mangy é nas margens d'elle. Em este mar onde é Cipango estão outras muitas ilhas, as quaes com diligencia contadas pelos marinheiros d'aquella terra é achado que são sete mil quatrocentos e quarenta e oito, das quaes a maior parte são povoadas.» [1] «Tenho portanto contado das naus que vão para o mar oceano e para as ilhas d'India.» [2] «Sypangu é uma ilha no oriente que está no mar alto, longe da terra firme mil e quinhentas milhas e é muito grande ilha.» [3] «E digo-vos que elles levam um anno em lá ir, porque partem no inverno e regressam no verão.» [4] «E como já vos disse chamam a este mar o de Cyn, mas elle é o grande mar do occidente.» [5]

---

1 Livro III, cap. VIII da edição portuguêsa citada.

2 Edição de Pauthier, Livro III, cap. CLVIII.

3 Idem, idem, cap. CLVIII.

4 Idem, idem, cap. CLX.

5 Idem, idem, idem.

Para os chinezes ainda hoje o Atlantico é « o mar do grande occidente ».

Querendo explicar ainda mais claramente que era o Atlantico o mar onde estava Cipango, o mar de Cyn, dizia: « Mas elle tem este nome assim da mesma forma que se diz o mar da Inglaterra n'este paiz. E tambem dizem n'outra parte o mar da India, mas todo elle é o mar do occidente ».

Constituiam estas indicações do viajante, em concordancia com opiniões e theorias anteriores e posteriores de geographos e philosophos, com as citações d'essas auctoridades, os fundamentos da opinião de Toscanelli, que descreve pelo livro de Marco Polo as regiões do occidente aonde aconselha D. Affonso V a mandar os seus navios; e da convicção de Colombo que possuia um exemplar, com varias annotações, e que em todos os seus actos revela o perfeito conhecimento das suas narrativas por cujas indicações se guia cegamente.

Além d'esse livro, de tão grande alcance como determinante das viagens do occidente, trouxe o infante D. Pedro ao infante D. Henrique um mappa, provavelmente o de Marco Polo, em que as regiões

do oriente estavam muito proximas das do occidente.

Fôra primeiramente redigido em francês em 1298 e começára logo a circular por toda a parte, reproduzido pelos copistas, o livro do celebre viajante. Mesmo que só tivesse chegado a Portugal em 1428, déra aos nossos navegadores a indicação da India ao occidente 47 annos antes do que Toscanelli a apresentasse como uma ideia nova, 64 annos antes que em sua busca partisse Christovão Colombo.

Certamente foram logo procuradas no Atlantico pelos navios portuguêses essas ilhas da India, tão grandes, tão numerosas, que não seria difficil encontral-as.

Regista Martim Behaim n'uma inscripção do globo de Nuremberg os propositos de descobrir terras ao occidente. Eis as palavras que emprega ao falar dos Açores: «No anno de 1431, quando o principe Pedro era regente, dois navios foram equipados com o necessario para dois annos pelo principe Henrique, para irem aos paizes para além do cabo Finisterra, e navegando para o occidente por espaço de umas quinhentas leguas descobriram aquellas ilhas.»

Diz Diogo Gomes, de Cintra: [1] « Em tempo o infante D. Henrique, desejando conhecer as regiões afastadas do oceano occidental, se acaso haveria ilhas ou terra firme além da descripção de Ptolomeu, enviou caravelas para procurar terras. »

Das viagens realisadas ao começo n'essa direcção sabe-se apenas directamente das de Gonçalo Velho em 1431 e 1432, mas vêem-se os resultados no conhecimento de sete ilhas até 1439. Quantas não foram precisas para encontrar os insignificantes rochedos das Formigas, ilhas tão pequenas como os Açores? Não se satisfizeram decerto as aspirações do infante com o encontro d'essas terras desertas, e de tão pequeno valor que ficaram abandonadas por muitos annos.

Já tinham muita pratica de trabalhos maritimos os portuguêses. Em 1293 andavam á baleia, uma pesca do mar largo; em 1336 navegavam para as Canarias; em 1353 celebravam com o rei Eduardo III um tratado a respeito das pescarias que iam fa-

---

[1] *As relações do descobrimento da Guiné e das ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde,* versão do latim por Gabriel Pereira, pag. 28.

zer aos mares da Bretanha e da Inglaterra; em 1405, segundo a relação da viagem de um extrangeiro, João de Bettencourt, eram quem melhor conhecia os portos, regiões e navegação d'Africa. Em 1379 ha em Lisboa entre os maritimos um Machico, nome fixado na Madeira. Estavam portanto habituados de ha muito a percorrer o oceano em grandes extensões.

Não era tão difficil como parece o problema que se lhes apresentava. Nada mais simples effectivamente do que descobrir a America, auxiliando as correntes e os ventos geraes a marcha para occidente, sendo pequena a distancia, 350 leguas dos Açores á Terra Nova e 470 leguas das ilhas de Cabo Verde ao Brasil, havendo sempre terra por todos os rumos, sendo mesmo impossivel deixar de encontrar, depois da persistencia de alguns dias, essa costa que chegava de norte a sul, quasi de polo a polo, impedindo completamente o caminho, apresentando ao navegador por toda a parte uma barreira.

A difficuldade de descobrir a India caminhando para occidente não estava em não encontrar terra, consistia exactamente em encontral-a sempre, seguidamente, uma terra que não a deixava alcançar.

O problema do occidente não era o problema de tomar terra, era exactamente o de não a encontrar; não estava em tocar n'uma costa, mas em abrir uma passagem; não consistia em descobrir países novos, mas em desvendar um rapido caminho para as velhas regiões do oriente, já conhecidas pelos seus productos e pelas narrações de viajantes.

É preciso insistir n'estes pontos, para que se comprehenda bem o problema a que se pretendia dar solução.

Não se contando com a America, procurava-se a Asia por um caminho mais curto do que poderia haver pela costa d'Africa. Esse caminho era de 350 leguas, partindo dos Açôres. Um dos navios de Gaspar Corte Real fez a viagem de ida e volta entre Lisboa e a America do Norte em 5 mezes.

Ora o caminho para a India era de 4:000 leguas [1] e levava dois annos a percorrer. Até ao Cabo da Boa-Esperança havia uma distancia de 1:885 leguas, que Bartholomeu Dias gastou 19 mezes a vencer.

---

[1] Carta de doação a Vasco da Gama, em 10 de janeiro de 1502.

Esta, as de Diogo Cão e todas as grandes viagens á Africa, bem como todas as dos Açores, Madeira e Cabo Verde faziam-se pelo alto mar. Os que negam a prioridade da descoberta da America pelos portuguêses, dizendo que os nossos pilotos receiavam fazer-se ao largo, perder a terra de vista, correr em pleno oceano entre mar e céo, desconhecem por completo o que seja navegar. É preciso ser profundamente ignorante para julgar que os nossos navios, que dispunham de bussolas e cartas, andassem como os barcos de pesca ou como os da navegação de cabotagem, pegados ás praias, sempre á vista de terra, como se fosse possivel realizar assim extensas navegações.

Então os portuguêses que em 1487 já faziam viagens de 1:885 leguas e de um periodo de 19 mezes, tentando um caminho que os antigos lhe diziam impossivel, não se atreveriam a seguir n'esse rumo do occidente, que todos os philosophos e geographos indicavam, que alguns aconselhavam com empenho, e, ao fazer as tentativas, cuja authenticidade ninguem recusa, não seriam capazes de transpôr 350 leguas, cinco vezes menos que a viagem ao Cabo, onze vezes menos que a distancia da difficultosa navegação da India?

O exemplo de Colombo, fazendo a primeira viagem de ida e volta ás Antilhas em seis mezes (1493), devia leval-os a seguirem para a pretendida India esse caminho, tres vezes menor do que a viagem ao Cabo, se não o tivessem já percorrido sabendo perfeitamente que não era a India a terra de além mar.

Pelo contrario, depois de Colombo regressar a segunda vez das Antilhas, que teimava em considerar a India, partiu Vasco da Gama (1497), com viveres para dois annos, a percorrer o caminho maritimo pelo Cabo, tão distante, tão difficil de transpôr, que Duarte Pacheco dizia no *Esmeraldo:* «quatro mil leguas de tão perigosa navegação como é de Portugal ás Indias.»

Era bem differente o perfeito conhecimento que os portuguêses tinham das navegações do occidente e das terras da America, da ignorancia de Colombo que morreu (1506) convencido de que chegára á India.

Ora em 1505, indicando que para os antigos só havia tres partes do mundo, Europa, Asia e Africa, mostra o *Esmeraldo* que os portuguêses conheciam a quarta parte que tinham descoberto, a America: «mas na quarta parte que vossa alteza mandou

descobrir além do oceano, por a elles ser incognita, cousa alguma não falaram.» [1] A descripção da America é feita por elle n'estes termos precisos: «uma tão grande terra firme com muitas e grandes ilhas adjacentes a ella, que se estende a setenta graus de ladeza (latitude) da linha equinocial contra o polo arctico, e posto que seja assaz fóra, é grandemente povoada, e do mesmo circulo equinocial torna outra vez e vae além em vinte e oito graus e meio de ladeza (latitude) contra o polo antarctico, e tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura que de uma parte nem da outra não foi visto nem sabido o fim e cabo d'ella; pelo que segundo a ordem que leva é certo que vae em circuito por toda a redondeza.» [2]

Não fôra obtido esse resultado pelos navegadores hespanhoes, era muito anterior ás suas descobertas.

Mostra esse conhecimento da America, não de uma maneira vaga, mas de uma forma precisa, o mappa enviado de Lisboa em 1502 ao duque de

---

[1] *Esmeraldo,* ed. Epiphanio, pag. 30.

[2] Idem, idem, pag. 23.

Ferrara por Alberto Cantino. Encontram-se as varias terras n'uma posição approximada da que lhes marcam as actuaes cartas.

É o mais antigo mappa português que se conhece. Tem desenhada a costa do norte n'uma extensão de 35 graus além do ultimo ponto tocado pelos hespanhoes, apresenta grande numero de terras que o mappa de La Cosa não revela, e traçando a America desde a Groenlandia até ao sul do Brasil mostra a peninsula de Florida onde só em 1508 chegou o primeiro navegador hespanhol, Sebastian d'Ocampo, e que só foi visitada por Ponce de Léon em 1513. D'ahi para o norte só em 1529 navegou Ayllon e em 1525 Estevam Gomez.

Dá a seguinte informação da maior importancia Pietro Pasqualigo, em carta de 18 de outubro de 1501, narrando ao senado de Veneza a chegada de um dos navios que partira com Gaspar Corte Real na segunda viagem: «Creem os da dita caravela que a sobredita terra é firme e está ligada com a outra, que o anno passado foi descoberta a oeste por outras caravelas de Sua Magestade, ainda que não podessem chegar lá por estar o mar gelado com grandissima quantidade de gelo á similhança de montes na terra. Tambem creem estar ligada

com as Antilhas, que foram descobertas pela Hespanha e com a terra dos papagaios (Brasil), ultimamente achada pelos navios d'este reino que foram a Calicut.»

Denota Humboldt n'estas palavras o conhecimento de tão importante carta: «Provarei na Terceira Secção, publicando uma carta inedita e extrahida recentemente por M. Ranke dos Archivos de Veneza, que mesmo antes da viagem de Colombo a Honduras e a Veragua, no mez de outubro de 1501, já se sabia em Portugal que as terras do norte, cobertas de neve e de gelo, são contiguas ás Antilhas e á Terra dos Papagaios novamente achada.»

Produziu-lhe o notavel documento o maior assombro, como se vê das suas palavras: «Esta adivinhação que proclama, apesar da ausencia de tantos elos intermediarios, uma ligação continental entre o Brasil... e as terras geladas do Labrador, é muito surprehendente.»

Limitava-se Humboldt a classificar de *surprehendente* essa noção da unidade da America que considerava uma *adivinhação.*

Ora, como os homens d'esse tempo não adivinhavam, tal conhecimento da terra americana re-

sultava dos esforços de grande numero de expedições, era a revelação de trabalhos de muitos annos.

Elle bem sabia que nem hoje, nem então, se podia prever o futuro, e reconhecia incidentemente a necessidade de muitos elos intermediarios para o conhecimento da ligação das duas partes do grande continente, mas limitava-se a fazer uma phrase onde devia proceder a uma investigação.

Para conhecer a ligação eram precisos muitos e grandes elos intermediarios, tantos que preenchessem uma extensão de cerca de 100 graus, de quasi 6:000 leguas de costa, mais de 17 vezes a distancia dos Açores á Terra Nova, 6:000 leguas percorridas por entre numerosas ilhas, por dentro do golfo do Mexico e do mar das Antilhas, com o interesse de quem procurou o annunciado caminho do occidente, e só achou essa desesperadora continuidade de terra que não deixava passar.

Para estabelecer a existencia de taes elos era preciso um tão grande trabalho que Humboldt achava mais facil chamar-lhe adivinhação.

Precisa de uma explicação positiva esse conhecimento; a explicação é a serie de viagens para occidente, que constituem os elos necessarios.

Exposto o problema, a continuidade das explorações maritimas tornava facil a solução.

De 1434 a 1446 houve um periodo de grande actividade, chegando a sair 51 caravelas para as explorações de além-mar. De 1431 e 1432 conhecem-se as viagens directas para occidente, já citadas.

Apresenta a oeste dos Açores a Antilia e outras ilhas, acompanhadas da seguinte indicação: «Insulle de novo Reperte» (Ilhas de novo descobertas), o mappa-mundi de Bechario (1435).

Mostram os resultados das primitivas explorações: o mar da Baga, as Antilhas e o Brasil, o mappa-mundi de André Bianco, de 1436, e as cartas do seu portulano.

Reproduz esse interessante mappa o mundo antigo, com algumas das lendas da Edade Media, mas regista os descobrimentos dos portuguêses, que elle, com Fra Mauro, estava incumbido de traçar.

Dá maior importancia a taes indicações a sua qualidade official.

Nas Antilhas, que apresenta n'uma das suas cartas, não ha apenas a reproducção da lenda de Platão, mas um grupo de ilhas dentro de um golfo, como tambem apparecem no mappa, o que, nas linhas geraes, é a verdadeira posição das Antilhas.

Nunca mais desapparece dos mappas portuguêses aquelle nome n'aquellas ilhas e, comquanto os hespanhoes não o empregassem quando as occuparam, continua a figurar nas nossas cartas, e é a designação geographica que presiste ainda hoje.

Não é o Brasil apenas esta palavra sobre uma ilha dos Açores, ou perto da Irlanda, como apparecia em algumas cartas; é uma grande terra, embora figurada como ilha, fóra do mundo antigo, sem se ligar ás costas da Asia.

Dá Bianco na mesma data o mar da Baga, o mar dos Sargaços, com a designação em português, mostrando a descoberta portuguêsa, que elle regista como a das Antilhas e do Brasil.

N'uma carta geographica do seu portulano, feita em 1448, ao dar conta das descobertas portuguêsas, torna a apresentar o Brasil, mas de uma forma precisa, na parte de oeste e sul do cabo de S. Roque, ao sul das ilhas *dos ermanos*, Fogo e Brava, de Cabo Verde, na sua verdadeira posição em face da costa d'Africa, comquanto mais proximo do que realmente está, erro em que caem muitos cartographos, mesmo no seculo XVI, e a que D. João de Castro allude no seu roteiro.

Como receiando que possa ser posta em duvida

a existencia da nova terra, como a indicar que não fôra traçada ao acaso, como a fundamentar que era uma terra além do mundo conhecido, põe-lhe a designação *ilha authentica,* ou *ilha antilia,* e a distancia 1:500 milhas, incontestavel testemunho de um descobridor.

Dá conta Las Casas [1] de uma viagem a que Galeano, *Descobrimentos do mundo,* fixa a data de 1447, anno de grande actividade em que sairam á descoberta 26 caravelas e uma fusta. Eis a traducção das suas palavras: «no tempo de D. Henrique de Portugal, com tormenta, correu um navio que tinha saido do porto de Portugal (Porto) e não parou até dar n'ella, (na ilha das Sete Cidades) e, saltando em terra, os da ilha os levaram á egreja para ver se eram christãos e faziam as ceremonias romanas, e visto que o eram rogaram-lhes que estivessem ali até que viesse o seu senhor que estava d'ali apartado; porém os marinheiros, temendo que lhes queimassem o navio e os detivessem ali, suspeitando que não queriam ser conhecidos de ninguem, re-

---

[1] *Historia de las Indias* por frei Bartolomé de las Casas, cap. XIII.

gressaram a Portugal muito alegres esperando receber mercê do Infante».

Diz mais Las Casas que D. Henrique os tratou mal, certamente por terem partido sem mais informações, e que os mandou voltar á terra descoberta, sem duvida porque precisava conhecel-a melhor.

Não tornou porém da segunda viagem o navio, provavelmente perdido nos gelos como succedia nas explorações de Noroeste.

Sairam alguns de Portugal em busca d'aquella terra, continua Las Casas, entre elles Diogo de Teive, que partiu do Fayal, correu 150 leguas a noroeste e á volta descobriu as Flores (1452), e depois foi pelo nordeste até á latitude do cabo Clear (Irlanda), latitude superior á da Terra Nova, quasi a do Lavrador, tendo signaes de terra a occidente: «o que criam que devia ser por causa de terra que por ali devia haver, que os abrigava da parte do occidente; o que não proseguiram, indo para descobril-a, porque era já agosto e temiam o inverno».

Acha Las Casas que estas viagens concordam com o que dissera um piloto, que n'uma ida á Irlanda tinha visto «aquella terra, que os outros acreditavam haver por ali, e imaginavam que era Tartaria que dava volta por occidente, a qual eu creio

com certeza que era a que chamam agora dos Bacalhaus, á qual não poderam chegar por terriveis ventos ».

Pedro Velasco, é ainda elle quem fala, n'uma viagem á Irlanda descaiu tanto para oeste que viu terra.

Estas noticias de viagens ao occidente dadas pelo fidelissimo narrador, tem completa confirmação nos documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo.

Da viagem de Diogo de Teive fala a carta de doação a Fernão Telles [1] nas seguintes palavras: « outrosim nos apraz e queremos que o dito Fernão Telles tenha e haja, e assim seus successores, as ilhas que chamam as Foreyras [2] que pouco ha que acharam Diogo de Teive e João de Teive, seu filho, e elle dito Fernão Telles agora houve por um contracto que fez com João de Teive, filho do dito

---

[1] Carta de 28 de janeiro de 1474.

[2] Na carta de 12 de janeiro de 1548, confirmando a doação da Ilha das Flores e seu ilheo, vem transcripta a carta de doação a Fernão Telles como primitivo titulo de posse. Tratava-se portanto das Flores, transformadas em Foreyras por erro do copista.

Diogo de Teive, que as ditas ilhas achou e tinha, e isto n'aquella fórma e com aquellas condições e maneiras que elle as houve do dito João de Teive a quem ficaram por morte do dito seu pae». A passagem «que pouco ha que acharam», parecerá não confirmar o praso de 22 annos, mas a doação da ilha do Corvo [1], a pequena distancia das Flores, em 1453, mostra que tinham sido ambas descobertas ántes e prova a veracidade da data fixada por Las Casas á descoberta (1452).

Derivava-se o receio dos marinheiros, de que lhes queimassem os navios, da lenda portuguêsa, referida por muitos escriptores antigos, e a que Las Casas tambem allude, de que no tempo do rei D. Rodrigo, para fugirem á invasão arabe, embarcaram sete bispos com muita gente indo fundar além mar Sete Cidades, queimando os navios para que ninguem podesse regressar.

Está completamente confirmada a existencia de christãos na terra da America aonde foi ter o navio português. Era a Groenlandia, para onde o papa Eu-

[1] Carta de doação de D. Affonso V, em 20 de janeiro de 1453, a D. Affonso, Duque de Bragança.

genio IV designára um bispo em 1443, a que se refere uma bulla de Nicolau V de 1448, e que já em 1379 estava na posse dos scandinavos, constituindo dois districtos: o de Westleygd com 110 logares e 4 egrejas e o de Ostbygd com 2 povoações, 190 logares, 3 ou 4 conventos, e 12 egrejas sendo uma a cathedral.

Na carta já citada, fala Monetario da Groenlandia, que se julgava a ponta da Asia, n'estes termos: «a grande ilha de Groenlandia, que corre por costa trezentas leguas, na qual ha grandissima habitação de gente».

Apresenta o mappa de Alberto Cantino a Groenlandia áquem da linha divisoria das descobertas portuguêsas e castelhanas, estabelecida pelo tratado de Tordesilhas, e indica-a como descoberta pelos portuguêses.

Ao descrever a America dá o *Esmeraldo* a latitude de 70 graus, a latitude do cabo Brewster da Groenlandia, o que mostra que se conhecia bem aquella ilha cuja extremidade sul está em 60 graus.

Não devia ter sido a tormenta que levou o navio, porque lhe causaria certamente avarias que não o deixariam voltar sem reparações. Demais, tem-se abusado tanto da explicação da tempestade

para todas as viagens, cujo motivo não apparece á primeira vista e não ha vontade de procurar, que, tratando-se de descobertas, se deve regeitar sempre. É portanto o navio de 1447 um dos que foi explorar as regiões occidentaes por ordem do infante D. Henrique, de quem os navegantes esperavam receber mercês.

Formam as viagens para occidente uma verdadeira serie, que constitue a mais brilhante documentação da prioridade do descobrimento da America pelos navegadores de Portugal.

E quantas ficaram de todo esquecidas por omissão dos chronistas e perda de documentos, em consequencia do segredo em que se realisavam as investigações e, acima de tudo, pelo pouco caso que se fazia das descobertas que não fossem a India, que não approximassem d'ella, ou por informações, ou pelo commercio de generos similhantes, ou pela utilisação de bahias e rios para abrigo, refresco, descanço e apoio das frotas nas arriscadas navegações em busca do caminho do Oriente! Passavam sem registo ilhas desertas, terras geladas, países de pobres selvagens nus, regiões de que não se deprehendia a proximidade das riquezas indianas.

Regista a carta de D. Affonso V [1], de doação ao infante D. Fernando, a descoberta de um ponto da America, que tanto podia ser uma das suas ilhas, como o continente, porque era sempre como ilhas que consideravam as terras attingidas n'uma viagem em que não havia tempo de fazer um reconhecimento completo. Diz a carta: «o infante D. Fernando, meu muito prezado e amado irmão nos disse que Gonçalo Fernandes, morador em Tavira, ao vir das pescarias, do rio do Ouro, estando no pego (mar alto) a oesnoroeste das ilhas Canarias e da ilha da Madeira, houve vista de uma ilha e que por o tempo lhe ser contrario não se poude chegar a ella, a qual o dito meu irmão já mandou buscar por certos signaes que lhe deram d'ella, mas não lh'a acharam e que porquanto elle queria outra vez mandar buscal-a, nos pedia por mercê que lh'a dessemos, e outorgamos-lhe a dita ilha que achada é, ou em algum tempo se achar por seus navios ou por outros quaesquer na dita paragem».

A oesnoroeste das Canarias e da Madeira, como

---

[1] Carta regia de 29 de outubro de 1462.

em todos os rumos desde N.N.O. a S.S.O, não ha senão terras da America. A procura d'essa ilha pelos navios do infante, o pedido de doação, mesmo na hypothese de já estar descoberta por outro, o proposito de a mandar procurar novamente, mostram que Gonçalo Fernandes tivera um positivo conhecimento d'essa ilha e dera d'ella precisas indicações, os «certos signaes que d'ella lhe deram».

Sabido que não se faziam ao mar largo no inverno, pode calcular-se que a viagem do navio do infante se realisou em 1461 e a de Gonçalo Fernandes em 1460. Ha portanto em Portugal conhecimento de um ponto da America em 1460, trinta e dois annos antes de Colombo partir para as Antilhas; e esse conhecimento é tão positivo que se baseia n'elle o pedido, e se faz por elle a doação n'uma carta regia.

Testemunha outra carta do mesmo anno [1] de doação a João Vogado, cavalleiro da casa de el-rei D. Affonso V e escrivão da fazenda real, o conhecimento anterior de duas outras ilhas, differentes da

[1] De 19 de fevereiro de 1462.

que descobrira Gonçalo Fernandes, descriptas positivamente em termos precisos: « A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que em aquellas partes do mar oceano, cuja conquista nos é dada por privilegio do Santo Padre, novamente são achadas duas ilhas, as quaes ainda não estão povoadas por pessoa alguma, nem d'ellas temos feito mercê a pessoa que haja de as povoar e aproveitar, as quaes, segundo a carta de marear, são chamadas uma a ilha Lono e outra Capraria ».

Considera o Visconde de Santarem, na *Histoire de la Cosmographie,* ao descrever o mappamundo de Hereford, a ilha Capraria como a Gomera, uma das Canarias.

Suppõe Henri Harrisse no 1.º vol. de *Christophe Colomb* que a ilha de Capraria e l'Ovo (escreve d'esta forma) sejam uma Santa Maria ou a Gomera, outra S. Miguel.

O indice do livro *Alguns documentos da Torre do Tombo* diz que Lono (Lovo) é talvez uma das ilhas desertas das Canarias, e que Capraria é, segundo uns, a ilha de Ferro, segundo outros a de Fuerta-ventura, ambas das Canarias.

No atlas manuscripto de 1489, do Museu Britanico, pertencente á familia Cornaro, de Veneza, as

designações Luovo e Capraria correspondem a Santa Maria e S. Miguel, dos Açores [1].

Esta diversidade de opiniões, meras supposições que não se tentou fundamentar, não resolvem a questão.

Em 1460 fez mercê D. Affonso V ao infante D. Fernando de diversas ilhas, entre ellas a de Lana, que embora de nome similhante não pode ser a ilha Lono, porque então só o infante a poderia doar a João Vogado, e não o rei.

Era Capraria o antigo nome das ilhas Cabrera (nas Baleares) e Capraja (no golfo de Genova). Applicava-se muitas vezes o nome de *cabreiras,* ilhas ou terras proprias para cabras, ás que os descobridores consideravam de grande aspereza. Citaremos além d'aquellas o cabo da Cabra (promontorio de Finisterra), a ilha Capri (no golfo de Napoles), a ilha Caprera (ao N.E da Sardenha), o ilheu das Cabras (junto á ilha Terceira), as ilhas Féroé (cujo nome significa ilhas dos carneiros), as villas de Cabra, Cabras, Capranica, Capreso, etc., de Italia e de

---

1 *Archivo dos Açores,* n.º 73, pag. 61, vol. XIII. *Os Açores n'um atlas manuscripto,* por F. A. Chaves.

Hespanha. Fala Diogo Gomes, de Cintra, de uma ilha *Cabreyra* nas Canarias. Pelo commum do nome *Capraria* e pela sua geral applicação, pela completa falta do nome *Lovo,* não pode determinar-se hoje que terras correspondem ás ilhas de João Vogado.

Não pertenciam as ilhas a nenhum dos archipelagos do Atlantico, então já reconhecidos e doados.

Tivera licença em 1439 o infante D. Henrique para povoar as sete ilhas do grupo oriental e central dos Açores. Possuia Teive as Flores desde 1452, e tinha sido doado o Corvo em 1453. Não eram portanto estas as ilhas concedidas a João Vogado.

Recebera em 1433 D. Henrique a doação das ilhas da Madeira, Porto Santo e Deserta, doação que por sua morte foi feita ao infante D. Fernando em 1460. Não estavam pois n'este grupo as ilhas de Lono e Capraria.

Tinham sido todas doadas as ilhas de Cabo Verde ao infante D. Fernando no mesmo anno da doação a João Vogado. Não eram d'esse archipelago as duas ilhas.

Não estavam tambem nas Canarias, pois tanto a Gomera como a Fuertaventura, como a ilha de Fer-

ro, eram, como todas as outras, povoadas pelos *guanchos* e tinham sido assim encontradas pela expedição que saiu de Lisboa em 1336, pela de João de Bettencourt em 1402, pelos hespanhoes que dizimaram systematicamente as populações. Não eram portanto as ilhas desertas de que fala a carta de doação.

Mesmo o facto de estar junto á Fuertaventura o ilheu Lobos, onde alguns querem vêr a ilha Lono, não resolve o problema, porque Fuertaventura era povoada desde a mais remota antiguidade e tinha sido visitada por Bettencourt, emquanto que as ilhas de João Vogado eram ambas desertas, não aproveitadas, e tinham sido descobertas recentemente.

Demais se pertencessem ás Canarias a carta de doação declaral-o-ia, como o faziam ao referir-se a qualquer d'aquellas ilhas diversos documentos anteriores e posteriores.

Trata-as por «ilhas de Canaria» um documento de 1446; diz outro de 1448, falando da ilha de Lançarote, «que he em Canaria»; allude a carta de doação a D. Henrique, em 1449, dos direitos das terras até ao Bojador, aos navios «que vierem de Canarea».

Trata-as por «ilhas de Canaria» o tratado de 1480 em que se reconhece a Castella a posse das Canarias e, dando o nome de oito, não fala em Lono nem em Capraria.

Dá-as a carta de doação como achadas «em aquellas partes do mar oceano», maneira usual de localisar as terras do occidente, as terras da America, como se vê em grande numero de documentos portuguêses e hespanhoes.

Fala da America por esta forma o *Esmeraldo:* «quarta parte que Vossa Alteza mandou descobrir alem do oceano» [1]; e refere-se ao Brasil n'estes termos: «terra do Brasil d'alem do mar oceano» [2].

Usava-se a designação «partes do mar oceano» para indicar a parte mais occidental do Atlantico, junto ás costas da America; em opposição ás expressões: «ilhas de Guiné», «ilhas do mar de Guiné», «senhorio de Guiné», etc., que significavam a parte oriental, que banha as costas de Africa e as ilhas proximas.

Empregavam os hespanhoes as referencias ao oceano no mesmo sentido.

---

[1] Ed. Epiphanio, pag. 30.

[2] Idem, pag. 38.

Eis alguns exemplos dos titulos dos reis, onde apparecem juntas as indicações das Canarias e da America, que demonstram o alcance das expressões que envolviam o oceano, e a sua completa differença da situação marcada para essas ilhas. Na capitulação de 1509 lê-se: «Dona Joana, rainha de Castella... das ilhas da Canaria, das ilhas Indias, e terra firme do mar oceano». Em 1518 na carta de mercê a Ruy Falleiro e Fernão de Magalhães apresenta o titulo a seguinte variante: «de las yslas de Canaria, e de las yslas Yndias, yslas, e tyerra firme del mar oceano». No tratado de 1529, de posse das Molucas, é este o titulo «reies de Castilla,... de las yslas de Canaria,... de las Indias, yslas & tierra firme del mar Oceano».

Ao preparar a sua viagem dizia Colombo ir a «certas partes do mar oceano», empregava a phrase «ás partes do mar oceano», que, como as dos titulos reaes, são equivalentes da expressão da carta de Vogado «em aquellas partes do mar oceano».

Encerram esses exemplos a propria explicação das Indias como ilhas e terras firmes «do mar oceano».

Querem dizer America essas Indias dos documentos hespanhoes, pela obsecação de que se origi-

nou por fim o titulo de Indias Occidentaes, quando já era impossivel de todo tentar defender o erro de Colombo.

Eram portanto as ilhas Lono e Capraria ilhas ou pontos da costa da America, já descobertas, já reconhecidas, já traçadas nas cartas, já pedidas e doadas em 1462, trinta annos antes do que Colombo realisasse a primeira viagem ás Antilhas!

Concede D. Affonso V em 12 de janeiro de 1473 á infanta D. Beatriz uma ilha, já descoberta e já procurada pelo infante D. Fernando, seu fallecido marido.

Não era essa ilha a que descobrira Gonçalo Fernandes, porque as referencias a ella relacionavam-se com as Canarias e a Madeira, emquanto a posição d'esta era relativa á ilha de Santiago.

Diz textualmente a carta de doação: «A quantos esta carta virem fazemos saber que a Infanta Dona Beatriz, minha muito amada e presada irmã, nos disse que o Infante meu irmão, que Deus haja, havendo alguma informação de uma ilha, que através da ilha de Santiago apparecera, algumas vezes a mandára buscar e que, como quer que então se não achasse, que ella tinha tenção de outra vez a mandar buscar, se lhe fizessemos mercê d'ella para

seus filhos, e que porém nos pedia que, achando-se, lh'a outorgassemos ».

Morrera em 18 de setembro de 1470 o infante D. Fernando. Admittindo que mandasse procurar a ilha n'esse mesmo anno, e no anterior, porque a phrase « algumas vezes a mandára buscar » indica duas vezes pelo menos, « apparecera » a ilha, isto é, fôra vista o mais tardar em 1468.

Era tão positivo o conhecimento d'ella que o infante a mandou procurar algumas vezes, não desanimando com uma tentativa infructifera, e que a viuva queria mandar buscal-a novamente, tanto havia a certeza da sua existencia, e requereu e obteve mercê d'ella para seus filhos.

Fallam da situação geographica d'essa ilha a carta regia que diz « através da ilha de Santiago »; a carta de doação das ilhas de Cabo Verde ao infante (19 de setembro de 1462) determina a posição d'essas ilhas dizendo « que são através de Cabo Verde »; a carta de 29 de outubro de 1462 diz que o mesmo archipelago se « achou através do Cabo Verde ».

Então a ilha que « apparecera » estava para a de Santiago como esta e as proximas estão para o Cabo Verde, isto é, no sentido transversal, no mesmo

parallelo, na mesma latitude. Era portanto uma das Antilhas.

É feita a referencia á ilha de Santiago por ser a mais importante e a primeira que se povoou: «a principal d'ella chamamos ilha de Santiago» diz o *Esmeraldo,* e accrescenta n'outro ponto «ilhas da Madeira e dos Açores e de Santiago», generalisando assim o seu nome ao archipelago.

Já tinham sido descobertas e doadas em data anterior todas as ilhas de Cabo Verde, o que, bem como as tentativas infructiferas para a encontrar, põe completamente de parte a hypothese de que a ilha «através» fosse uma do archipelago.

Estava portanto descoberta em 1468 uma das Antilhas, de que se fazia doação em 1473.

Vinte e quatro annos antes do que Colombo partisse de Palos, cinco annos antes da sua chegada a Lisboa, as Antilhas, não um ponto incerto da America, mas as proprias Antilhas, tinham sido descobertas por navegadores de Portugal!

V

Os Corte-Reaes

Escreve Gaspar Fructuoso nas *Saudades da Terra* [1]: « João Vaz da Costa Corte-Real, primeiro capitão da ilha Terceira, da parte d'Angra, por serviços que fez a el-rei de Portugal, nas guerras contra Castella andando por *capitão de grossas armadas;* do qual dizem que foi tão grande *aventureiro no mar, que n'este reino não teve segundo;* e alguns querem dizer que descobriu a mesma ilha Terceira e *algumas partes do ponente e do Brasil, Cabo Verde,* aonde

---

1 *Archivo dos Açores,* vol. IV, pag. 395.

foi o primeiro, que houve vista da *ilha do Fogo* e deu nova do que continuamente de si lançava; e *vindo do ponente* descobriu a mesma ilha Terceira, e a de S. Jorge, pelo que lhe foi dada a Capitania d'Angra e da dita ilha de S. Jorge»... «E vindo (como atraz tenho dito) João Vaz Corte-Real do *descobrimento da Terra Nova dos Bacalhaus que por mandado de el-rei foi fazer,* lhe foi dada a Capitania d'Angra, da ilha Terceira, e da ilha de S. Jorge»... «Foi este João Vaz tão esforçado cavalleiro e temido Capitão, que nunca deu *batalha no mar,* nem na terra, que não vencesse, e tão bem afortunado, que sempre tomou aos castelhanos as maiores prezas que n'este reino de Portugal se tomaram d'elles. E uma vez *tomou uma nau Genoveza* carregada de sedas e de outras mercadorias»... «Dizem alguns que Jacome de Bruges, primeiro Capitão da ilha Terceira de Jesu Christo era flamengo, e que veio povoar a ilha da parte da Praia por mandado do Infante D. Henrique e estando-a povoando veiu ter ali João Vaz Corte-Real... *e vinha do descobrimento da Terra Nova do Bacalhau* e o Jacome de Bruges o recolheu e lhe disse que lhe largaria a metade da ilha, a qual acceitou e depois Jacome de Bruges se foi para sua terra, e desappa-

receu de maneira que não tornou mais, e a Infanta D. Beatriz por vaga deu a ilha ao dito João Vaz Corte Real».

Nascido nos Açores em 1522, vivendo na séde das grandes explorações do occidente, convivendo com os companheiros e os contemporaneos dos Corte-Reaes, escrevendo no local onde a noticia d'esses trabalhos devia estar na memoria de todos e em documentos irrefragaveis; elaborando particularmente um manuscripto sem intenção de o publicar, sem o proposito de elogiar essa familia, sem o intuito de tratar dos descobrimentos, referindo-os accidentalmente ao dar sobre os primitivos habitantes dos Açores as noticias que poude colligir; não tendo em mira estabelecer a prioridade da descoberta da America, não tirando das informações que dá a menor conclusão, é Gaspar Fructuoso uma auctoridade incontestavel e bastava elle só para estabelecer de uma forma irrecusavel a descoberta da Terra dos Bacalhaus por João Vaz Corte-Real.

É uma prova da authenticidade do feito, intimamente ligado ao nome d'elle, a insistencia com que repete três vezes essa noticia, em varios pontos e de differentes maneiras, entre outros serviços de

João Vaz e no decurso da narração de diversos factos.

Mostra bem comprehender o alcance de tal registo a precisão com que narra a vinda de João Vaz *do ponente,* as descobertas que fez em *algumas partes do ponente.*

Estão as referencias a João Vaz, *primeiro capitão da ilha Terceira, da parte d'Angra,* e á doação da capitania pela vaga de Jacome de Bruges, em perfeita concordancia com as seguintes palavras da carta de doação: «havendo eu por informação estar ora vaga a capitania da ilha Terceira de Jesus Christo, do dito Senhor meu filho, por se affirmar ser morto Jacome de Bruges... E portanto a ilha não era partida... houve por bem de a partir entre o dito João Vaz e o dito Alvaro Martins... mandei ao dito João Vaz que escolhesse, e elle escolheu na parte d'Angra». Mostra isto como Gaspar Fructuoso era fundado nas suas affirmações.

É de Fructuoso que o padre Cordeiro, *Historia Insulana,* reproduz o feito de João Vaz.

Fixado o desapparecimento de Jacome de Bruges o mais tardar em 1472, conhece-se a data da chegada á Terceira de João Vaz, vindo da Terra

dos Bacalhaus. Portanto a descoberta d'essa terra foi realisada em 1472, ou em data anterior.

Um manuscripto cuja epoca se pode fixar entre 1672 e 1711, feito nos Açores, onde melhor se podiam conhecer as descobertas de João Vaz, documento importante por haver registado a mesma noticia do manuscripto de Gaspar Fructuoso, sem ter tido conhecimento d'elle, diz o seguinte: [1] «Estando as coisas n'esta forma, morreu o Capitão Bruges, não deixando herdeiros. Chegaram então á ilha dois fidalgos, que vinham de descobrir a *Terra do Bacalhau;* estes pediram a ilha a D. Beatriz, mulher do Infante D. Fernando, por serviços que lhe tinham feito, lhes fizesse mercê da capitania da ilha Terceira, a qual ella lhe concedeu. A João Vaz Corte-Real, que era um d'estes fidalgos, ficou a de Angra».

Ao conceder a capitania de Angra a João Vaz reconhece a infanta D. Beatriz n'estas palavras os seus serviços: «E considerando eu d'outra parte os muitos e grandes serviços que João Vaz Corte-Real, fidalgo da casa do dito senhor meu filho, tem feito ao Infante meu senhor e seu padre que Deus haja

[1] *Archivo dos Açores,* vol. IV, pag. 412.

e depois a mim e a elle... em galardão dos ditos serviços lhe fiz mercê da dita capitania da ilha Terceira». Confirmando, em 1488, essa carta, allude tambem aos grandes serviços de João Vaz o duque de Vizeu, filho de D. Beatriz e do Infante D. Fernando: «querendo-lhe fazer graça e mercê pelos muitos serviços que tem feito ao infante meu senhor e padre que Deus haja e a mim espero que ao diante fará».

Era o infante D. Fernando filho adoptivo do infante D. Henrique, que em 1436 o instituiu seu herdeiro universal. Continuador dos seus planos, recebeu em 1457 D. Fernando, que D. Manuel associava sempre a D. Henrique ao referir os trabalhos do mar, uma carta de D. Affonso V de «doação para elle e todos os seus herdeiros e successores de todas as ilhas, que por elle ou por seu mandado fossem achadas», por onde se vê que tambem mandava á descoberta por sua conta.

Em 22 de agosto de 1460 fez-lhe doação D. Henrique das ilhas Terceira e Graciosa, confirmada por D. Affonso V em 2 de setembro do mesmo anno. Por morte do infante, doou-lhe D. Affonso V em 3 de dezembro de 1460 as ilhas da Madeira, Porto Santo, Deserta, S. Luiz, S. Diniz,

S. Jorge, S. Thomás, Santa Iria, Jesus Christo, Graciosa, S. Miguel, Santa Maria, S. Jacobo, S. Filippe, das Mayas, S. Christovam e de Lana « considerando aos singulares serviços que com muita lealdade nos sempre fez e ao diante esperamos d'elle receber ». Eram doadas as ilhas « assim como de nós as havia o infante D. Henrique meu tio que Deus haja ».

Por carta de 19 de setembro de 1462 concedeu-lhe D. Affonso V as ilhas de Cabo Verde, cinco achadas por Antonio de Nolla « e as restantes sete foram achadas por o dito infante, meu irmão ».

Ao doar-lhe em 29 de outubro de 1462 a ilha descoberta por Gonçalo Fernandes, declara o rei que lhe conceda as « outras sete ilhas que Diogo Affonso seu escudeiro achou através do Cabo Verde ».

Recommendava-lhe D. Henrique, no seu testamento, que tomasse ao serviço de sua casa os seus servidores « peço por mercê ao infante D. Fernando meu muito presado filho... que a cada um receba por seu... e receba serviço como de seu creado ».

Recebendo a doação das terras que tinham pertencido a D. Henrique e muitas outras, e tomando os seus servidores, continuou D. Fernando as descobertas, que depois a sua viuva proseguiu, e col-

laborou pessoalmente na cruzada portuguêsa, conquistando Anifé aos mouros em 1467.

Os serviços prestados a elle por João Vaz eram sem duvida no mar.

Constituiam os Açores a base das explorações do *ponente*, pagavam-se com as capitanias dos Açores esses trabalhos, empenhavam-se n'elles principalmente capitães dos Açores: Diogo de Teive, Ruy Gonçalves da Camara, João Vaz Corte-Real e muitos outros depois d'elles.

Era João Vaz Corte-Real geralmente conhecido por João Vaz.

Trata-o assim oito vezes a carta de doação da capitania d'Angra, tres vezes a doação da capitania da Praia a Alvaro Martins Homem, uma vez a sentença a favor de João Leonardo, uma vez outra sentença de 1483, quatro vezes a carta de doação da capitania de S. Jorge. Trata-o oito vezes por João Vaz, Gaspar Fructuoso, nos extractos citados. Mostra isto como era usual similhante tratamento. É tambem com o nome de João Vaz, o mais simples para uma designação geographica, que estão marcadas nos mappas antigos as terras que descobriu, os pontos onde tocou.

Traz as seguintes indicações a carta quinta, re-

lativa á America do Norte, do precioso atlas de Fernão Vaz Dourado existente na Torre do Tombo: *B. de João Vaz, Terra de João Vaz.*

No mappamundo pintado em pergaminho por ordem de Henrique II rei de França, publicado no Atlas Jomard, lê-se *T. de ta Vaaz*; indicação egual á precedente e á seguinte, comquanto em vez de *João* tenha *ta,* ou talvez *ja,* porque a lettra que parece um *t* não está muito clara.

O mappamundo de Mercator, tambem do Atlas Jomard, tem por extenso: *Terra de Joam Vãz, Rio de Joam Vãz.*

Recebeu Gaspar Corte-Real seu filho por carta de 12 de maio de 1500 a doação das terras que descobrisse, e partiu para a America do Norte, estando já em Lisboa a 27 de janeiro de 1501, data em que obtem uma recompensa para um dos companheiros de viagem.

Sabe-se por outro documento que ainda estava em Lisboa em 11 de abril de 1501. Partiu segunda vez á descoberta, ao que parece em 15 de maio d'esse anno, mas não voltou mais. Em 8 e 11 de outubro de 1501 regressaram a Lisboa, dando conta da sua larga exploração, os dois navios que o haviam acompanhado.

Saiu seu irmão Miguel Corte-Real com dois navios a procural-o, em 10 de maio de 1502, mas tambem não se soube mais d'elle; mandou o rei em 1503 duas naus em busca dos arrojados navegadores, mas ficaram sem resultado todas as pesquizas. Quiz ainda Vasco Annes Corte-Real ir em procura de seus irmãos, mas não lh'o consentiu D. Manuel.

Echoou de tal forma essa desgraça, tão intensamente dramatica que, por exemplo, Sebastião Alvares, feitor na Andaluzia, ao informar D. Manuel dos preparativos da armada de Fernão de Magalhães, fazia votos para que se perdesse, expressando-se n'estes termos: «Praza a Deus todo poderoso que tal viagem façam como os Corte-Reaes, e Vossa Alteza fique descançado».

Não se aterrorisaram elles porém, e não os afastou do mar o triste fim dos seus.

Ainda recebe doação Vasco Annes da ilha da Garça que mandou descobrir; e, alludindo aos trabalhos de seu pae e tios, manda seu filho Manuel Corte-Real três navios com colonos da ilha Terceira para povoarem a Terra Nova!

Foram notaveis as viagens de Gaspar Corte-Real em 1500 e 1501 correndo grande extensão da costa

de noroeste da America, trazendo a Lisboa indigenas d'essas regiões.

Regista importantes trabalhos a carta de 12 de maio de 1500, de doação das terras que vae descobrir, trabalhos anteriores ás duas viagens de que ha noticia directa por documentos, referencias de chronistas e cartas de estrangeiros residentes em Lisboa.

É verdadeiramente excepcional a maneira de referir esses trabalhos, que devem ter sido do maior alcance.

Diz a carta regia: «a quantos esta nossa carta de doação virem fazemos saber que, por quanto Gaspar Corte-Real, fidalgo de nossa casa, os dias passados se trabalhou por si e á sua custa, com navios e homens, de buscar descobrir e achar, com muito seu trabalho e despeza de sua fazenda e perigos de sua pessoa, algumas ilhas e terra firme, e pelo conseguinte o quer ainda continuar e pôr em obra e fazer n'isso quanto poder por achar as ditas ilhas e terra, e considerando nós quanto nosso serviço, honra e acrescentamento de nossos reinos e senhorios serão semelhantes ilhas e terras serem descobertas e achadas por nossos naturaes, e como o dito Gaspar Corte-Real, por o assim querer fazer com tanto trabalho e perigo, é merecedor de toda

honra, mercê e acrescentamento... lhe outorgamos que em quaesquer ilhas ou terra firme que assim novamente achar ou descobrir, elle tenha... as capitanias».

São as mais amplas que se doaram, tão grandes como os serviços que referem, as concessões a Gaspar em rendimentos, auctorisações e alçadas.

Tinham-se realisado nos *dias passados* essas explorações maritimas feitas com *muito trabalho, despeza e perigos, realisadas por elle* e á sua custa, *com seus navios e seus homens,* palavras textuaes do importante documento.

Significa esta phrase annos passados, não muito proximos, e refere-se a diversas viagens.

Não ia Gaspar pela primeira vez a essas *ilhas e terra firme*, queria continuar a descobrir, isto é a reconhecer [1]. É bem precisa a carta de doação: «pelo conseguinte o quer ainda continuar».

Permitte conhecer a epoca e o valor d'essas viagens a consulta de outros documentos.

Não se trata apenas de viagens de Gaspar Corte-

---

[1] A significação da palavra descobrir será mais largamente demonstrada n'outro ponto.

Real, mas de viagens dos Corte-Reaes, de exforços collectivos d'essa familia.

Não designa a terra onde os Corte-Reaes se perderam, mas a terra descoberta pelos Corte-Reaes o nome de *Terra dos Corte-Reaes* que apparece em grande numero de mappas portuguêses e estrangeiros.

Diz precisamente um documento official [1], a carta de doação a João Alvares Fagundes: «a terra que os Corte-Reaes descobriram».

Referindo as viagens e o desapparecimento de Gaspar e Miguel allude a Vasco Annes Corte-Real a carta regia de 17 de setembro de 1506: [2] «em todo este feito o dito Vasco Annes com sua propria fazenda, creados e homens seus sempre ajudou aos ditos seus irmãos».

Tem a seguinte phrase «seu pae e tios mandaram descobrir a Terra Nova» a carta regia de 4 de maio de 1567 a Manuel Corte-Real, filho de Vasco Annes.

---

[1] Carta regia de doação de 22 de maio de 1521. *Descobrimentos, guerras e conquistas dos portuguezes em terras do ultramar nos seculos XV e XVI por E. Bettencourt*, pag. 128.

[2] Alguns documentos, etc., pag. 150.

Referem-se em primeiro logar a Gaspar Corte-Real estes documentos, porque foi elle quem recebeu a capitania das terras a que dizem respeito.

Tratam apenas da regularisação de interesses, dão informações valiosissimas principalmente por serem indirectas, mas que, por isso mesmo, restrictas ao assumpto limitado da posse, não excluem outras provas e indicios com que não estejam em contradicção.

Estabelecido que os irmãos trabalhavam conjunctamente, a carta da tença [1] de 30:000 reaes concedida por D. Manuel a Miguel Corte-Real por serviços feitos a D. João II «havendo nós respeito aos muitos serviços que Miguel Corte-Real... tem feitos a el-rei Dom João meu primo que santa gloria haja» fixa ás viagens dos Corte-Reaes uma data anterior a 1495 [2].

Abrangendo na demarcação portuguêsa a Terra dos Corte-Reaes prova o tratado de Tordesillas um conhecimento anterior d'essa terra, porque não eram

---

[1] Carta-regia de 4 de novembro de 1501. *Archivo dos Açores*, vol. VI, pag. 507.

[2] D. João II morreu em 25 de outubro de 1495.

precisas as 370 leguas, exigidas e obtidas por D. João II, para incluirem a costa do Brazil, mas eram necessarias para manterem a posse da Terra Nova muito mais para occidente. Collocou o mappa de Alberto Cantino a Terra dos Corte-Reaes áquem da linha de demarcação, que apparece traçada pela primeira vez.

São portanto anteriores a 1494 as viagens dos Corte-Reaes [1].

Apontando las Casas [2] as indicações que guiaram Colombo ás Antilhas, indicações confessadas por elle proprio, e que o seu amigo regista ingenuamente como tendo sido fornecidas por Deus, cita entre muitas outras as viagens dos Corte-Reaes que foram «em diversos tempos buscar aquella terra».

Mostra esta interessante passagem como anteriores ás de Colombo as viagens dos Corte-Reaes; anteriores portanto a 1492 data em que elle partiu para as Antilhas, anteriores a 1484 em que saiu de Portugal, porque foi em Portugal que elle recebeu estas informações e viu Miguel e Gaspar Corte-Real.

---

[1] O tratado de Tordesillas é de 7 de junho de 1494.

[2] *Historia de las Indias*, cap. XIII.

Era Vasco Annes o filho mais velho de João Vaz, Miguel o segundo e Gaspar o terceiro.

Não se conhece a epoca do nascimento de nenhum d'elles, mas sabe-se que nasceu em 1475 um filho de Gaspar Corte-Real, de nome Fernão Vaz Corte-Real.

Devia ter portanto Gaspar n'essa data cerca de vinte annos, e portanto pelo menos quarenta e cinco annos em 1500.

Não é natural que só em tal edade principiasse as suas arriscadas viagens, quando a carreira do mar é das que se começam em creança e para a qual, se não ha vocação em tenra edade, nunca pode haver disposição como a que elle manifestou.

Tinha Pedro Alvares Cabral trinta e dois ou trinta e tres annos ao tomar o commando da frota de 1500; partiu Vasco da Gama com vinte e oito annos para a descoberta da India; assumiu D. Lourenço d'Almeida com dezenove annos o commando de uma poderosa esquadra portuguêsa dos mares orientaes.

Não era proximo dos cincoenta annos que começaria Gaspar Corte-Real as suas longas navegações. Fazem assim todas as investigações recuar a epoca d'essas viagens, marcando-lhes uma data

sempre anterior á morte de João Vaz em 2 de julho de 1496.

Realisaram-se portanto em vida de João Vaz, foram o resultado dos persistentes esforços do pae e dos filhos os grandes trabalhos de Gaspar, as viagens e as descobertas dos Corte-Reaes.

Recebendo doações d'elle, doando terras como capitães, figurando ao seu lado em questões particulares, tratados muitas vezes como filhos de João Vaz, foram com mais forte razão collaboradores do pae na descoberta da America, Vasco e principalmente Gaspar e Miguel.

Eis como se descreve uma questão de partilha de terras da Terceira: «disputou á mão armada, elle e seus creados e filhos com o valente companheiro do capitão Bruges, Gonçalo Annes da Fonseca, prétendendo estender os marcos da sua capitania».

Ao referir a viagem de Gaspar começa Damião de Goes pela indicação da paternidade: «Gaspar Corte-Real, filho de João Vaz Corte-Real».

Cita d'esta fórma Las Casas [1] ácerca dos Corte-

[1] *Historia de las Indias*, cap. XIII.

Reaes as proprias palavras de Colombo: «Disse, pois, Christovam Colombo entre outras cousas que poz em seus livros por escripto... e acrescentou mais, que tinha visto dois filhos do capitão que descobriu a dita ilha Terceira, que se chamavam Miguel e Gaspar Corte-Real, ir em diversos tempos a buscar aquella terra».

É concludente e decisivo o alcance d'esta passagem, não só por estabelecer pela fórma mais insuspeita a precedencia dos Corte-Reaes a Colombo, como pela maneira de tratar Gaspar e Miguel como filhos, homens novos, rapazes, e por mostrar que as viagens tinham sido feitas em diversos tempos.

Depois de morto João Vaz, continuam os seus homens, os seus creados, os seus companheiros ao lado dos filhos nas suas arriscadas explorações, desempenhando um papel tão importante que merecem menção especial em documentos officiaes.

Ao referir a morte de Miguel Corte-Real diz um d'elles [1] «após o dito seu irmão (Gaspar) falleceu e acabou, e com elle muitos creados de seu pae».

---

[1] Carta régia de 17 de setembro de 1506. Alguns documentos, etc., pag. 150.

Tomando João Martins por vassallo, em attenção aos serviços que fez a Gaspar Corte-Real na viagem de 1500, diz a carta régia de mercê [1]: «aquelles que no dito descobrimento o ajudaram e despenderam, temos por bem e nos apraz de tomarmos ora novamente por nosso vassallo a João Martins, escudeiro, creado de João Vaz Corte-Real, seu pae... e que o dito João Martins nosso vassallo haja todas as honras, liberdades, privilegios e isenções».

Sabe-se que João Vaz esteve ausente da capitania em 5 de junho de 1487, 3 de janeiro de 1488, 10 de maio de 1488, em que seus filhos fazem doações, figurando como capitães, e em 17 de setembro de 1494 data do seu testamento na Madeira.

Não fica em seu logar de nenhuma das vezes, Vasco Annes, filho mais velho e seu successor na capitania, ou porque já exercia o logar de vedor da fazenda real, ou porque acompanhava seu pae n'essas ausencias de Angra.

Fez Miguel, o filho segundo, as doações de 1487

---

1 Carta de 27 de janeiro de 1501. Alguns documentos, etc., pag. 124.

e de 10 de maio de 1488; mas a de 3 de janeiro de 1488 é feita por Gaspar, o filho mais novo.

Pode deprehender-se d'aqui que Miguel n'essa epoca tambem se ausentára com seu pae.

É possivel que sejam essas datas as de algumas das viagens dos Corte-Reaes.

Mas o que fica irrecusavelmente demonstrado em face de tão claras provas, e de tão seguros indicios, é que João Vaz e seus filhos descobriram a Terra Nova, que durante muito tempo figurou nos mappas como Terra dos Corte-Reaes, e que o fizeram antes de que Colombo chegasse ás Antilhas, servindo os seus trabalhos, as suas viagens, a sua importante descoberta para certificar ao feliz aventureiro a existencia das terras do occidente, das terras da America!

VI

Expedições portuguêsas á America de 1474 a 1492

Descobriu João Vaz a Terra Nova o mais tardar em 1472. Apezar de não ser a primeira que se realisa para occidente, a unica em que se descobrem terras da America, tem a sua viagem uma importancia maior do que as anteriores pelos trabalhos collectivos dos Corte-Reaes; pelos registos indeleveis deixados nos documentos, na geographia e na historia; pelas consequencias produzidas na generalisação das explorações para occidente, na descoberta e concessão de novas terras, na apresentação de largos planos de aproveitamento como os de Fernão Telles, na organisação de expedições para

a conquista como a de Fernão Dulmo; na obtenção de conhecimentos praticos: a distancia a percorrer, o tempo que levavam as viagens, o praso necessario para a ida, volta e reconhecimento.

Até ali são das Canarias, Madeira e Cabo Verde as referencias ás descobertas; reata-se com elle a serie, começada com os Teives que saíram da Terceira, e continuada depois ininterruptamente nas seguintes viagens iniciadas nos Açores. É aos Açores, ponto de partida, que os donatarios, como Ruy Gonçalves da Camara e Fernão Telles, vão comprar ilhas para servirem de base ás explorações, commercio e occupação das terras da America; dos Açores vem Dulmo e João Fernandes Lavrador offerecer ao rei terras descobertas; dos Açores partem tantos outros viajantes ignorados, que, no dizer de Fructuoso, gastaram nas viagens do occidente a sua fortuna!

Seguem muitos o exemplo de João Vaz, continuando o descobrimento das costas da America, ao mesmo tempo que vão proseguindo nas suas viagens os Corte-Reaes.

Em 21 de junho de 1473 faz D. Affonso V doação a Ruy Gonçalves da Camara, filho de João Gonçalves Zarco, navegador e primeiro donatario

do Funchal, de «uma ilha que elle por si ou seus navios achar».

Eis como a carta de doação [1] refere o pedido de Ruy Gonçalves da Camara: «nos enviou dizer como o seu desejo e vontade era buscar nas partes do mar oceano umas ilhas para as haver de povoar e aproveitar. Pedindo-nos que das ilhas que assim achasse por si ou seus navios lhe fizessemos d'ellas mercê e doação».

É determinada a situação das ilhas pela phrase «nas partes do mar oceano» que, como já vimos na doação a João Vogado, significava alem-mar, na America.

Tudo leva a crer, pelo que dizem as cartas precedentes e seguintes, porque em boa logica ninguem pede uma coisa que não existe, que Ruy Gonçalves conhecia a terra pedida. Tratava-se de exploração realisada pessoalmente, ou por navios seus, como indica a phrase «por si ou seus navios achar», de expressa informação de terceira pessoa, ou do resultado da viagem de João Vaz, revelando a existencia da Terra Nova.

---

1 *Archivo dos Açores*, vol. IV, pag. 437.

Obtida a doação d'essa ilha da America, comprou Ruy Gonçalves a ilha de S. Miguel, certamente para servir de ponto de apoio ás suas explorações nas terras concedidas, explorações cuja importancia se deprehende do facto de dispôr de navios para fazerem descobertas por sua ordem, e do reconhecimento dos serviços que, como João Vaz Corte-Real, prestou ao infante D. Fernando, serviços importantes que mereciam recompensas e menções especiaes.

Em 10 de março de 1474 diz a infanta D. Beatriz ao confirmar-lhe a compra da capitania de S. Miguel na carta de doação [1] «e querendo fazer mercê ao dito Ruy Gonçalves pelos serviços que tem feito ao infante (D. Fernando) meu senhor que Deus haja».

Lê-se na carta de 26 de julho de 1483 [2] de D. Diogo, filho de D. Fernando, confirmando a doação feita por sua mãe: «posto que n'ella vão algumas clausulas não costumadas nas cartas das capitanias, porquanto o a dita senhora assim fez pelo

---

[1] Publicada no *Archivo dos Açores*, vol. I, pag. 103.

[2] Idem, pag. 106.

sentir meu serviço e por conhecer os grandes serviços e merecimentos do dito Ruy Gonçalves dos quaes eu mui inteiramente sou em conhecimento e que por elles a dita mercê e outras maiores merece ».

Diz-se na carta de doação a Fernão Telles, do conselho de D. Affonso V, governador da casa da princeza, em 28 de janeiro de 1474 [1]: « nos praz que, indo elle ou mandando seus navios ou homens ás partes do mar oceano ou alguem que por seu mandado a isso vá, lhe fazemos... doação... de quaesquer ilhas que elle achar ou aquelle a que elle as mandar buscar novamente e escolher para as haver de mandar povoar, não sendo porém as taes ilhas nas partes de Guiné ».

É explicada a designação « partes do mar oceano » pela outra « não sendo... nas partes de Guiné », isto é, não sendo nas partes de Africa, nos lados de Africa, porque a expressão Guiné era applicada a toda a costa occidental do continente negro. O que dissemos a este respeito ao falar da concessão de João Vogado recebe assim uma nova comprovação.

---

[1] Alguns documentos, etc., pag. 38.

Confirma a mesma carta a compra das ilhas Foreyras (Flores) a João de Teive, o que mostra que Fernão Telles, querendo explorar largamente essas ilhas « que elle assim achar ou aquelles porque elle as mandar buscar », estando disposto a empregar n'isso os seus homens, os seus navios e ainda contractar outros, e não residindo nos Açores, de onde se partia para as terras americanas, precisava de adquirir ahi uma base de operações, e para isso comprava as Flores, a mais proxima da costa da America.

Em 10 de novembro de 1475 recebe Fernão Telles segunda carta de doação [1], documento de grande valor que reconhece a importancia dos seus propositos, que esclarece completamente a primeira, e manifesta acontecimentos posteriores á concessão que a tornaram necessaria, e que só podiam ter succedido no reconhecimento das terras doadas, das terras da America [2].

---

[1] Alguns documentos, etc., pag. 40.

[2] Na Introducção ao *Livro de Marinharia* de João de Lisboa, Lisboa, 1903, pag. xxv, perfilha o snr. Brito Rebello este ponto de vista, mas a pag. 280 escreve na nota addicional de 22

É mais precisa a indicação das ilhas concedidas. A phrase «partes do mar oceano» é assim esclarecida «com tanto que não sejam nos mares de Guiné», «e isto com condição que as ditas ilhas não sejam nos mares cercanos (proximos) a Guiné».

Admitte a carta a hypothese de que se possam fazer objecções á latitude da concessão: «e se poderia dizer que a mercê que assim lhe tenho feito não se deve a ellas estender». Refere-se ás «Sete Cidades ou algumas outras ilhas povoadas».

É claro que objecções de tal ordem só podiam provir de outros possuidores de terras do occidente, ou dos que lá fossem commerciar.

Reconhecem as seguintes palavras que era preciso respeitar direitos anteriores: «isto com condição que as ditas ilhas... até ao presente não se-

---

de agosto de 1903: «Finalmente o que se acha expresso nas cartas passadas a Fernão Telles e que nos levaram a fazer a respeito d'ellas novas considerações, que nos parece não haverem ainda sido feitas por outrem, deve merecer a attenção de quem houver de tratar d'estes assumptos.»

A primeira edição da *Descoberta do Brasil*, onde todo o problema das descobertas é posto por uma forma absolutamente nova, e desde então geralmente acceite, é de 1900.

jam tratadas, navegadas por naturaes d'estes meus reinos».

Sabia Fernão Telles o valor do que pedira, e D. Affonso V conhecia o alcance do que lhe doava.

Tinham ambos conhecimento das terras da America e da importancia do seu aproveitamento.

São concludentes as seguintes palavras: «assim me praz que se faça e cumpra, por o dito Fernão Telles ter vontade de as mandar buscar e descobrir, e cuidar que de serem achadas podiam vir grandes proveitos a meus reinos».

Determina a carta que sem licença de Fernão Telles ninguem possa ir ás suas ilhas e explica que esta importante concessão é «como tinha outorgado de Guiné ao infante Dom Henrique». Ficavam expostos os transgressores ás mesmas penas.

Havia portanto em 1475 perfeito conhecimento das terras da America. Faziam-se extensas concessões, apresentavam circumstancias e condições derivadas d'esse conhecimento as cartas de doação, esperava-se obter tanto resultado que o seu aproveitamento começava pela compra da ilha mais proxima para base de operações; havia tal navegação para lá que era preciso defender com fortes penalidades a concessão de Fernão Telles; tornava-se

necessario esclarecer bem o seu alcance por causa das interpretações que lhe davam; consignava-se o respeito pelos direitos anteriores.

Não se trata de vagas indicações, mas de coisas positivas, estabelecidas por um documento official, dezesete annos antes de Colombo partir!

Em 25 de junho de 1474 aconselhava Toscanelli a D. Affonso V que procurasse a India pelo occidente e mandava-lhe uma carta em que estava «pintado todo o fim do poente... o principio das Indias», os logares por onde se devia navegar. Na descripção d'essa carta falava Toscanelli de Catay, de Cypango, do Gran Kan, dos usos dos habitantes, da riqueza das povoações.

Não acreditavam os portuguêses nas palavras de Toscanelli, que se baseiava nos antigos philosophos e que, nas descripções das regiões do extremo oriente, que ficavam em face do extremo occidente, seguia as narrativas de Marco Polo.

Nem nas cartas de doação a Fernão Telles, tão proximas da carta de Toscanelli ao rei, nem em nenhuma das outras, anteriores e posteriores, se emprega uma só vez a palavra India, nem mesmo Catay, nem Cypango, para indicar as terras occidentaes, que, pelo contrario, são tratadas por «ilhas

e terra firme por costa » por « ilha das Sete Cidades » por « quarta parte do mundo ».

O nome que nas doações a Telles e a Dulmo se precisa é o de « Sete Cidades », nome que por si nada significa, mas que tem muita importancia por ser differente do que usavam todos os partidarios do caminho para a India pelo occidente, o que indica que já então conheciam os portuguêses que a terra d'alem mar não era a India, nem Cypango, nem Catay, nada que se parecessé, que se aproximasse das riquissimas regiões das especiarias.

Não teve importancia a carta de Toscanelli como determinante das viagens do occidente, que já antes d'ella se tinham realisado, e que continuaram a fazer-se fóra das suas indicações.

É porém um valioso documento para a historia das descobertas, por estabelecer que já em 1474 era sómente pelo sul d'Africa que se procurava o caminho da India.

Ao falar da derrota por occidente diz Toscanelli: « brevissimo caminho por mar, que ha d'aqui ás Indias onde nascem as especiarias, e que eu tenho por mais curto que o que fazeis a Guiné ».

Vê-se por esta passagem do *Esmeraldo* que já em 1471 era pela Africa que se procurava o cami-

nho da India para o qual se iam assegurando pontos de escala: «Dom João o segundo... mandou descobrir as ilhas de São Thomé e Santo Antonio e as povoou com fundamento da navegação da India; se lhe nosso senhor dera vida, devemos crer que elle a descobrira» [1]. Foi descoberta a ilha de S. Thomé em 1471.

Não se realisavam portanto as viagens do occidente no empenho de procurar a India, mas no intuito de colonisar, de aproveitar as terras da America, de commerciar n'ellas como se commerciava nas costas d'Africa e nas ilhas dos seus mares.

Exploravam os navios do rei, os navios de guerra, como hoje diriamos, a costa d'Africa, e procuravam pelo sul d'ella o caminho do oriente. Eram exclusivo da corôa as viagens nos mares da Guiné, e só com licença os particulares as podiam emprehender.

Não navegavam para occidente os navios do rei, nem as expedições mandadas á descoberta como as de Diogo Cão, Bartholomeu Dias e Vasco da Gama.

---

[1] Ed. Epiphanio, pag. 15.

Estava aberto o caminho ás navegações dos particulares, ás descobertas, ás explorações commerciaes.

Relatando Las Casas as indicações que guiaram Colombo ás Antilhas, além das viagens dos Teives e Corte-Reaes, plenamente confirmadas pelos documentos, apresenta mais as seguintes, que têm todo o caracter de authenticidade, não só pela seriedade do auctor, que reproduz palavras e escriptos de Colombo, mas pela confirmação de muitas partes do capitulo. Transparece a verdade d'estas na fórma de as descrever, nos pontos de contacto com outras, nos pormenores de que as acompanha.

Devem ter-se realisado essas viagens entre 1473 e 1484, datas da residencia de Colombo em Portugal.

Eis a primeira de que fala: « Antonio Leme, casado na ilha da Madeira, certificou-lhe (a Christovão Colombo) que tendo uma vez corrido com a sua caravela bom espaço ao Poente, tinha visto tres ilhas cerca de onde andava ».

Em documentos das navegações figuram Ruy de Leme, um dos que assignou o tratado de Tordesillas e Henrique Leme, capitão de uma nau da India, o que mostra que o appellido é português.

« Um piloto portuguez, chamado Vicente Dias, visinho de Tavira, vindo da Guiné para a ilha Terceira, dos Açores, tendo passado á altura da Madeira, e deixando o Levante, viu ou pareceu-lhe ver uma ilha que teve por muito certo que era verdadeira terra». Deixando o Levante (oriente) quer dizer correndo para occidente. Chegado á Terceira, fala ainda Las Casas, *descobriu o segredo* a Lucas de Cacena, rico mercador genovez, seu amigo, que lhe armou um navio para o reconhecimento da ilha descoberta, obtida previamente *licença do Rei de Portugal,* isto é, obtida a habitual carta de doação da terra encontrada.

É bem precisa e bem veridica a narrativa d'esta importante descoberta.

Viu terra o piloto no decurso de uma viagem, como succedeu a Gonçalo Fernandes e outros; deu informações d'ella a Lucas de Cacena, como outros as deram ao infante D. Fernando; requereu doação como era costume, e obteve de um amigo o navio necessario para ir tomar posse.

É portanto já da posse que se trata e não de tentativas para descobrir.

Era effectivamente Vicente Dias morador em Tavira. Já tinha tomado parte nos descobrimentos

commandando uma das 14 caravelas que em 1446 saíram de Lagos, e foi um dos que explorou o Senegal onde recebeu um ferimento.

Refere Las Casas ainda uma outra viagem, mas é tão consciencioso, tão verdadeiro, tão cuidadoso no que faz, que a separa para um novo capitulo, porque não tem d'ella a narração insuspeita dos papeis de Colombo.

Esta maneira de distinguir confirma ainda mais a authenticidade de tudo o que ficou transcripto.

Eis as suas palavras: «uma caravela ou navio que tinha saido de um porto de Hespanha (não me recordo ter ouvido indicar qual fosse, ainda que creio que do reino de Portugal se dizia)... veiu... parar a estas ilhas (Antilhas) e que esta (caravela) foi a primeira que as descobriu... Que isto assim acontecesse alguns argumentos ha para demonstral-o».

Diz mais que a noticia corria como certa entre os primeiros que tinham chegado com Colombo ás Antilhas, e que ali estavam quando Las Casas por lá andou.

Pormenorisava-se a noticia dizendo que o piloto do navio, recolhido por Colombo, ao sentir perto a morte, lhe revelára o segredo da descoberta e «lhe

dera por escripto os rumos e caminhos que tinham levado e trazido por carta de marear e pelas alturas e a paragem onde estava a ilha».

É de grande importancia para nós um dos argumentos que Las Casas cita, por confirmar que esse navio (ou outro qualquer) tinha tocado nas Antilhas antes de Colombo: «entre outras cousas antigas de que tivemos relação (é Las Casas quem fala) os que fomos ao primeiro descobrimento da... ilha de Cuba... uma foi que os indios visinhos d'aquella tinham, de terem chegado a esta ilha Hespanhola outros homens brancos e barbados, como nós outros, antes que nós outros não muitos annos».

É outra prova da serie de viagens portuguêsas para occidente a narração dos indios.

Chamam Affonso Sanches a esse piloto alguns escriptores hespanhoes proximos dos acontecimentos, e ha quem o diga natural de Cascaes.

No capitulo XIII, indicios por que Colombo se guiou, ainda inclue Las Casas outras viagens, de que fala n'estes termos: «Diz mais Christovam Colombo, que no anno de 1484 viu em Portugal que um visinho da ilha da Madeira foi pedir ao rei uma caravela para ir descobrir certa terra, que jurava

que via cada anno e sempre de uma maneira, concordando com os das ilhas dos Açôres».

Estava essa concordancia em que: «nas ilhas Gomera e Ferro (Canarias) e nos Açôres muitos affirmavam e juravam ver cada anno algumas ilhas para as partes do Poente».

No diario da primeira viagem ás Antilhas diz tambem Colombo: «estando em Portugal no anno de 1484, veiu um da ilha da Madeira ao rei a pedir-lhe uma caravela para ir a esta terra que via; o qual jurava que cada anno a via, e sempre de uma maneira... o mesmo diziam nas ilhas dos Açôres».

Confirma essas noticias um documento official [1].

Effectivamente em 1484 pediu e obteve a doação de «uma ilha que ora vae buscar» Fernão Domingues do Arco, morador na ilha da Madeira.

Dizer que elle via a ilha *cada anno* significa que a via em cada viagem annual, como succedera a outros já citados.

Não significam as palavras de Colombo que fosse uma ilha que se visse da Madeira, ou dos

---

[1] Carta de D. João II, de 30 de junho de 1484. Alguns documentos, etc., pag. 56.

Açôres, porque d'essa maneira teria sido descoberta ao chegar-se a qualquer d'estas e um simples barco de pesca lá iria, sem precisar formalidades nem concessões.

Vem revelar um documento de 1486 [1] onde apparece a carta de doação a Fernão Dulmo, a existencia de trabalhos da maior importancia relativos á America, em que não se trata já da descoberta, mas da posse effectiva, da conquista, da occupação.

Foi dizer ao rei Fernão Dulmo, «cavalleiro e capitão na ilha Terceira», que lhe «queria dar achada uma grande ilha ou ilhas ou terra firme por costa».

Segundo a carta presumia-se «ser a ilha das Sete Cidades», isto é, não se julgava que fosse a India como pensava Colombo, nem Catay, Cipango, nem nenhuma das terras do oriente que elle procurava, e que até morrer julgou ter descoberto.

Era uma terra differente, a que se dava aquelle nome por causa da antiga lenda já referida, cuja

---

[1] Carta de El-Rei D. João I de confirmação do contracto feito entre Fernão Dulmo e João Affonso do Estreito. Alguns documentos, etc., pag. 58.

importancia se reconhecia n'esta e anteriores doações, e nas proprias palavras d'este documento: «ilhas», «uma grande ilha», «terra firme por costa»; isto é, terra firme extensa, um continente emfim.

Mas no decurso da carta são mais precisas as indicações geographicas, são exactas, apresentam a verdadeira situação da America.

Mostram o conhecimento do continente americano e das suas ilhas as expressões «ilhas e terra firme», «ditas ilhas e terra firme», «todas as ilhas e terra firme» repetidas grande numero de vezes.

É d'essa mesma forma que se refere Colombo ás terras da America ao preparar a partida. Na capitulação que fez [1] com os reis de Castella em 17 de abril de 1492, emprega a phrase «ilhas e terra firme» para indicar as terras do occidente onde quer ir.

A concessão [2] do titulo de «almirante, vice-rei e governador das ilhas e terra firme que descobrisse», feita pelos reis antes da partida para a pri-

---

[1] Navarrete, vol. II, pag. 11.

[2] Idem, vol. II, pag. 13.

meira viagem, diz ainda mais «por nosso mandado a descobrir e ganhar... certas ilhas e terra firme no dito mar Oceano».

Ia Dulmo fazer «isto tudo á sua propria custa e despeza», e pedia ao rei que lhe concedesse doação das terras que «elle assim descobrisse ou achasse, ou outrem por seu mandado».

O seu proposito de descobrir não quer dizer que as terras do occidente fossem inteiramente desconhecidas. A palavra descobrir não se pode, nos documentos antigos, tomar na acepção absoluta em que hoje se toma.

Era muitas vezes usada no sentido de reconhecer, e nunca se lhe dava a generalisação que modernamente se attribuiu á chegada de Colombo ás Antilhas.

Permittia a grande extensão da America que todos os navegadores citados, e muitos mais, podessem apossar-se de grandes territorios.

Dava-lhe a carta «poder e auctoridade, que possa logo tomar e tome posse real e autoal de todas as ilhas e terra firme que assim achar, sem mais lhe ser necessario para isso nossa auctoridade».

Não se tratava de simples formalidade, de vagas

promessas, mas de uma posse positiva, effectiva e immediata: «e sendo caso que se não queiram sujeitar as ditas ilhas e terra firme, nós mandaremos com dito Fernão Dulmo gentes e armadas de navios com nosso poder para sujeitar as ditas ilhas e terra firme».

Não teriam logar as declarações da carta regia sem que se houvesse dado graves casos de resistencia das populações americanas á occupação.

Não se fazia sem forte motivo similhante promessa; não se falava assim, n'um documento official, por fórma differente do que nos outros era costume, sem que houvesse para isso graves rasões.

Tinham sido hostilisados outros donatarios, derase qualquer caso sangrento por forma que o rei promettia apoiar Fernão Dulmo com soldados e navios seus, no caso de não poder conseguir occupal-as com as suas forças, nem com os poderes de que ia revestido.

É verdadeiramente excepcional a alçada que se concede a este capitão e, ainda mais que a promessa do rei, mostra que era preciso conquistar, combater.

Pedira Dulmo «mercê de toda a justiça com al-

çada de poder enforcar, matar e de toda outra pena criminal» e o rei D. João II, tão cioso do poder real, entende que ha motivo para a justificar e concede-lh'a.

Em nenhuma das doações anteriores tinham sido conferidas tão amplas auctorisações.

Recebera Fernão Telles, de todos o de mais alta cathegoria official, fidalgo do conselho de D. Affonso V, governador e mordomo-mór da princeza sua filha, apenas os seguintes poderes: «mercê de toda a jurisdição civil e crime, mero e misto imperio... reservando para nós sómente alçada de morte ou talhamento de membro».

Estava tambem sujeito o infante D. Fernando, de cujo papel proeminente já falámos, ás mesmas restricções. Recebeu a doação das ilhas do Cabo Verde: «com toda a jurisdição civel e crime, reservando sómente alçada para nós nos feitos crimes nos casos em que caiba morte ou talhamento de membro».

Recebeu o proprio infante D. Henrique a doação da ilha da Madeira, em 26 de setembro de 1433, nas seguintes condições: «todos os direitos e rendas d'ellas, assim como nós de direito havemos e devemos de haver, com sua jurisdição civel e crime,

salvo em sentença de morte ou talhamento de membro».

Tinha-se passado alguma coisa, conheciam-se quaesquer circumstancias que provocavam taes medidas; havia portanto conhecimento da terra firme, da terra da America, para onde Fernão Dulmo queria partir em tão excepcionaes condições.

Assim como a falta de taes auctorisações nas precedentes cartas, põe em relevo o conhecimento de alguma coisa da America que as determinava; a continuação de taes poderes nos documentos posteriores confirma que se tornava necessario proceder assim, quer dizer que não houvera um vago receio mas uma justa precaução.

Dá a carta de doação a Gaspar Corte-Real, por outras palavras, as mesmas graves auctorisações, sem restricções, nem appellação.

Era-lhe concedida: «a jurisdição civel e crime, com toda a alçada e superioridade alta e baixa, sem d'elle, nem de seus herdeiros e successores, poderem appellar, nem aggravar em nenhum caso... e queremos que elle e seus herdeiros em nosso nome e de nossos successores tenham assim e governem e rejam a terra ou ilhas, que assim achar, livremente, e sem limitação alguma».

Mostra claramente que se tinham dado luctas na America entre os donatarios e os indigenas um outro documento official, a carta de doação a Vasco Annes Corte-Real, onde se diz que Miguel Corte-Real, ao partir em procura de Gaspar, ia «por buscar e achar e remir o dito seu irmão».

A intenção de remir indica a supposição de que estivesse captivo, e esta supposição a de ter havido lucta por causa da opposição dos naturaes.

Tanto Miguel Corte-Real, como os navios mandados pelo rei, como aquelles em que Vasco Annes quiz partir, não iam, é claro, salvar Gaspar de um naufragio, que o teria feito desapparecer n'um dia, n'uma hora; tinham, como se vê, o proposito de libertal-o, remil-o, tiral-o do captiveiro.

Denunciando assim a opposição dos naturaes á occupação, revela a carta de doação a Fernão Dulmo, o conhecimento da America em data anterior a 1486.

Além d'isto, dão outras circumstancias o maior relevo aos importantes factos de que falam estes documentos.

Recebe Dulmo a doação em 3 de março de 1486, mas só em 12 de julho celebra o contracto com João Affonso do Estreito, escudeiro morador na ilha

da Madeira, a quem cede metade dos seus direitos, apresentando este duas caravelas «abastecidas e armadas para seis mezes», commandando uma, e Dulmo a outra, obedecendo a este e seguindo-o como capitão-mór durante os primeiros quarenta dias.

Ao confirmar o conctrato, em 24 de julho do mesmo anno, declarou o rei que fazia a mercê, comtanto que as ilhas fossem descobertas nos primeiros dois annos.

Segundo o contracto, obrigava-se a partir a expedição da Terceira em março de 1487.

Demonstram as diversas delimitações de praso o caracter positivo de tudo isto.

Manifesta a epoca, durante a qual se devia tornar effectiva a concessão, que o rei tinha vontade de vêr em breve aproveitadas aquellas terras.

Os seis mezes que devia durar a viagem «espera gastar todo o outro tempo (alem dos quarenta dias) até cumprimento dos ditos seis mezes», mostram que as viagens anteriores já permittiam fixar aquella duração, que provavelmente se tornára habitual.

Precisam ainda a carta, o contracto, e depois a doação a João Affonso um outro praso mais curto,

quarenta dias, que tambem só podia ser estabelecido em vista de uma pratica anterior.

Nos primeiros quarenta dias era Dulmo o capitão-mór, com direito de fazer «seu caminho por onde lhe aprouver», e João Affonso seguil-o-ia segundo o regimento que recebesse.

Passado esse praso era este quem commandava, Dulmo não mandaria «fazer caminho para nenhuma parte, mas antes seguirá e fará seu caminho e rota por onde o dito João Affonso requerer».

Não era marcado arbitrariamente esse periodo, havia uma razão para tal. Mudavam as circumstancias para mudar o commando. Só ha uma explicação, que fôsse esse o tempo necessario para chegar á terra firme.

Dulmo, que pedira e obtivera a doação, que era capitão na ilha Terceira onde residiam os Corte-Reaes, os Teives, o Lavrador e tantos outros, conhecia certamente o caminho e como tal commandaria até chegarem.

João Affonso, que fizera a despeza, grande despeza com que o outro não podia, assumiria lá então o seu logar dominante, e viria commandando até ao regresso.

Não ha outra explicação para o praso dos qua-

renta dias, no fim dos quaes mudavam completamente as condições, as relações dos dois capitães das caravelas.

Daria uma divisão arbitraria do commando geral a cada um metade do tempo, ou então o de um mez ou de mezes.

Mas dentro dos seis mezes, fixados para o abastecimento dos navios, para a duração das explorações, comprehende-se ainda melhor o alcance do periodo do commando de Dulmo.

Viagem de ida quarenta dias, viagem de regresso o mesmo praso, ida e volta oitenta dias; restavam cem dias para a permanencia na America, para a exploração, marcação e divisão das capitanias, para a sujeição dos habitantes das terras doadas.

Assim apparece sensivelmente dividido ao meio o periodo de seis mezes.

Tinha estado com certeza na America Fernão Dulmo, porque João Affonso não ia dispender tanto, metter-se n'uma empreza tão arriscada apenas na vaga esperança de obter interesses, quando o contracto que celebraram o mostra como um homem pratico e seguro, rodeiando-se de garantías e obtendo por fim do rei uma especial carta de doação.

Avaliava em tanto esse homem a importancia da terra, de que recebia metade, que deu logo 6:000 reaes brancos a Fernão Dulmo, e estabeleceu em 2:000 cruzados de ouro a indemnisação que elle devia pagar-lhe se não cumprisse o contracto.

Além da viagem anterior á carta de doação, que lhe permittiu vir offerecer ao rei a grande ilha ou terra firme, que lhe queria dar achada, parece que Fernão Dulmo fez tambem outra entre a data da sua carta (3 de março) e a do contracto (12 de julho).

Os cento e vinte e nove dias tirando oitenta para ir e vir, ainda lhe deixavam quarenta e nove dias para reconhecer que a empreza era superior ás suas forças, como elle diz no contracto: «não estava em tal disposição para poder fazer a dita armada e despezas que para ella pertenciam», o que é muito differente do que dissera ao rei ao pedir a doação em que lhe «queria dar achada uma grande ilha ou ilhas ou terra firme por costa... e isto tudo á sua propria custa e despeza».

Ignora-se quanto tempo gastou Gaspar Corte-Real na sua primeira viagem, mas sabe-se que partiu para a segunda em 15 de maio de 1501 e que em 8 de outubro voltava a Lisboa um dos navios

que fôra com elle, noticiando a sua perda e narrando uma longa exploração.

Tinham-lhe dado para tudo cento e quarenta e tres dias, apenas mais quatorze do que teve Fernão Dulmo para ir á terra concedida.

Confirma este praso de uma viagem, de que se conhece grande numero de documentos, tantas testemunhas irrecusaveis, o calculo de quarenta dias para tomar terra e indica que os seis mezes, marcados para ida e volta, mostravam já o conhecimento da navegação do occidente.

Apparece depois, nas viagens portuguêsas e hespanholas, exactamente o praso de seis mezes marcado para a duração da viagem de Fernão Dulmo.

Leva a armada em que vae ás Antilhas Iñigo de Artieta em julho de 1493, um anno depois de Colombo, sete depois de Fernão Dulmo, mantimentos para seis mezes e os soldos á gente e os fretes dos navios pagos pelo mesmo tempo.

Dura sete mezes a primeira viagem de Colombo pouco mais do que o praso da viagem de Dulmo, mas no reconhecimento das Antilhas gasta noventa e seis dias, quasi os que calculámos para aquella, e regressa em quarenta e oito dias, que, descontados os atrazos pelo temporal, e a arribada a Santa

Maria, dão os quarenta dias do praso que temos discutido.

Vae de Lisboa ao Brasil em quarenta e tres dias Pedro Alvares Cabral, apezar da calmaria.

Parte Colombo de Cadiz para a segunda viagem em 25 de setembro, e chega a Dominica em 3 de novembro, gastando quarenta dias no percurso, exactamente o periodo da extraordinaria carta de Fernão Dulmo.

É evidente que os prasos marcados n'esse documento tinham sido regulados por viagens anteriores, com a precisão que é possivel em coisas do mar, com tal approximação que as viagens subsequentes vem confirmal-os.

Ao fazerem o contracto para a divisão das terras doadas pelo rei, estão em Lisboa Fernão Dulmo e João Affonso do Estreito, mas a expedição não parte da capital, nem da Madeira onde residia João Affonso, que fazia a despeza e armava os navios; teem de sair da ilha Terceira, como se marca expressamente no contracto; tem que largar dos Açôres, como tantas outras referidas, porque era nos Açôres que havia informações precisas das terras, e guarnições aptas para os navios; era aos Açôres que Colombo referia o conhecimento das terras oc-

cidentaes; era d'ahi que partiam, segundo Monetario, «muitos marinheiros sabedores que navegaram a largura do mar, tomando o caminho das ilhas dos Açôres... e... navegaram a praia oriental», quer dizer a praia occidental, a America.

Provam exuberantemente o conhecimento anterior da costa americana a multiplicidade dos factos revelados pela interessante carta de doação a Fernão Dulmo, e pelo contracto.

Mas ha ainda um outro facto que põe em evidencia o alcance da viagem. No contracto, depois de falar nas duas caravelas, ha o seguinte periodo: «quanto ao cavalleiro allemão, que em companhia d'elles ha de ir, que elle allemão escolha ir em qualquer caravela que quizer».

Tratava-se decerto de Martim Behaim que de 1480 a 1484 fez parte da junta do astrolabio de D. João II, que de 1484 a 1486 acompanhou como cosmographo Diogo Cão na expedição que descobriu o Congo, e que de 1486 a 1490 residiu nos Açôres.

Seguia Behaim a opinião dos antigos de que o caminho para a India era pelo occidente. Segundo escreve Fructuoso nas *Saudades da terra,* dizia muitas vezes que um dia viriam do occidente navios

carregados de ouro e prata e fez uma prophecia (previsão) para a viagem de Gaspar Gonçalves ao occidente.

Ou n'essa ou n'outra viagem, como cosmographo ou como cartographo, obteve Behaim os conhecimentos da costa da America manifestados no globo que fez ao regressar á patria, e no mappa do erario do rei de Portugal a que allude Pigaffeta.

Ao aconselhar o dr. Monetario D. João II á descoberta da India pelo occidente, dizia d'elle: « Terás tambem se te apraz para este caminho, por companheiro deputado do nosso rei Maximiliano, o senhor Martinho Bohemio, singularmente (apto?) para isto acabar ».

Tem o tão discutido globo de Nuremberg alguns pontos, como uma peninsula, um golfo e muitas ilhas, que correspondem sensivelmente, em posição e forma, á peninsula de Florida, ao golfo do Mexico e ás Antilhas.

Deram esta similhança, e outros factos da sua vida, motivo a muitos escriptores para affirmarem que Behaim descobriu a America antes de Colombo e o estreito do Sul antes de Magalhães.

Anteriormente porém á sua residencia nos Açô-

res já havia em Portugal perfeito conhecimento da America.

Deve ter-se realisado entre 1486-1490, datas que limitam a sua residencia nos Açôres, a viagem de Gaspar Gonçalves, a que se liga a prophecia de Behaim.

Residia Gonçalves, segundo Fructuoso, na Ribeira Secca (ilha Terceira). Diz outro antigo escriptor açoreano, o padre Maldonado, que Gaspar Gonçalves Machado, chamado da Ribeira Secca, fôra uma das primeiras pessoas que nasceu na ilha Terceira. Gaspar Gonçalves, segundo Fructuoso, queria descobrir uma ilha ao norte dos Açôres. É mais um da longa serie de navegadores da Terceira, que desde Teive faziam explorações para noroeste!

Encontra-se a seguinte passagem n'uma carta de doação [1] de D. Manuel em 1499: «João Fernandes, morador em a nossa ilha Terceira, nos disse que por serviço de Deus e nosso se queria trabalhar

---

[1] De 28 de outubro de 1499. *Archivo dos Açôres*, vol. XII, pag. 353, *Quem deu o nome ao Lavrador?* memoria de Ernesto do Canto, onde se podem vêr este e os outros documentos ácerca do interessante assumpto.

de ir buscar e de descobrir algumas ilhas de nossa conquista, á sua custa; e vendo nós seu bom desejo e proposito, além de lh'o termos em serviço, a nós praz e lhe promettemos por esta de lhe darmos, como de feito daremos, a capitania de qualquer ilha ou ilhas, assim povoadas como despovoadas, que elle descobrir e achar novamente».

Concede a carta de doação [1] de Henrique VII de Inglaterra a tres negociantes inglezes de Bristol, e a João Fernandes, Francisco Fernandes e João Gonçalves «escudeiros, naturaes das ilhas dos Açôres sob a obediencia do Rei de Portugal... plena e livre auctoridade, faculdade e poder de navegar e de se transportar a todas as partes, regiões e terras do mar oriental, occidental, austral, boreal ou septentrional, sob a nossa bandeira, com tantas, tamanhas e taes naus e embarcações quantas lhes aprouverem e forem mister... com o fim de achar, recuperar, descobrir e explorar quaesquer ilhas, terras, regiões, etc.... faculdade de poder arvorar a nossa bandeira... tomar posse por nós... occupar, submetter e possuir».

---

[1] Carta de doação de 19 de março de 1501. *Archivo dos Açôres*, vol. IV, pag. 450.

Constituiam um monopolio essas concessões. Ninguem poderia ir a essas terras sem licença d'elles ou do rei.

Concedia-se a todos o posto de Almirante no mar das regiões assim descobertas, e eram naturalisados os tres portuguêses.

Instituia esta carta, pelas amplas concessões que faz extensamente, uma verdadeira companhia de navegação, com poderes de armar navios, e combater debaixo da bandeira ingleza nos mares de todo o mundo.

Não podendo talvez João Fernandes, o mesmo da carta de D. Manuel, tornar effectiva a regia doação por falta de meios, como succedeu a Dulmo, e não encontrando homens como João Affonso ou Lucas de Cacena para o auxiliarem com dinheiro e navios, porque as attenções estavam então todas voltadas para a India, de onde Vasco da Gama regressára em 1499, e para onde os particulares preparavam tambem navios, que iam encorporados nas frotas com os navios do rei; aproveitou-se do echo da importante descoberta para se associar com os inglezes, obtendo para si, para Francisco Fernandes, talvez seu irmão, e para João Gonçalves, companheiros sem duvida nas viagens do occidente,

vantagens eguaes ás concedidas pelos reis de Castella a Colombo, e que nunca obteria em Portugal onde não era novidade o rumo da America.

Já em 1502 estavam João Fernandes e os seus na posse de uma terra, o que se vê pelo livro de despezas particulares do mesmo rei: « 1502, janeiro 7, Aos homens de Bristol, que acharam a ilha — Libras 5 ».

Já não figura João Fernandes na carta patente de 9 de dezembro de 1502, em que se concedem doações analogas aos mesmos.

Revela o estudo dos documentos, como succedeu com os Corte-Reaes, quando começaram as viagens de João Fernandes, cujos resultados figuram nas cartas de D. Manuel e na carta e na nota de Henrique VII.

Tem a designação: « Terra do Lavrador do rei de Portugal » o portulano de Vesconte Maggiolo (1511).

Lê-se no planispherio de Diogo Ribeiro (1529): « Tiera del Labrador la qual descubriero los inglezes de la villa de Bristol ».

E mais explicito o mappa *B* da bibliotheca ducal de Wolfenbuttel: « Tiera del Labrador. La qual fue descubierta por los inglezes de la villa de Bris-

tol e por que el que dio el aviso era lavrador de las islas de los Acares (Açôres) le quido este nombre ».

É completamente esclarecida esta explicação, perfeitamente de accordo com a carta ingleza de doação, pelo indirecto testemunho de Pedro de Barcellos, que declara ter feito viagens de descoberta com João Fernandes Lavrador, ligando assim o João Fernandes, morador na Terceira, da carta de D. Manuel; o João Fernandes escudeiro dos Açôres da carta ingleza; o lavrador das ilhas dos Açôres, que deu aviso aos de Bristol, do mappa de Wolfenbuttel.

Faz essa declaração Pedro de Barcellos n'uma demanda relativa á posse de uns mattos que lhe tinham sido doados em 1490 e que em 1495 foram concedidos a outro, certamente porque não os tinha aproveitado n'aquelle prazo, como determinava a sua carta de sesmaria.

Eis o principal da sua allegação: « estando assim em posse d'ellas (as terras contestadas) ao dito tempo houve um mandado de el-rei nosso senhor para ir descobrir eu e um João Fernandes Lavrador no qual descobrimento andámos bem tres annos e quando tornei á dita ilha (Terceira) achei a minha gente fóra das ditas terras ».

Recebera-as o novo possuidor por carta de sesmaria de 30 de janeiro de 1495.

Regressou Pedro de Barcellos do descobrimento portanto depois d'aquelle dia.

Em 14 de abril de 1495 torna a receber as terras, sendo-lhe confirmada então a sua carta.

Limita a época do regresso esta nova data.

Conforme as suas palavras, andára tres annos no descobrimento com João Fernandes Lavrador.

Descontando os tres annos, vê-se que partiram da Terceira para a America entre 30 de janeiro e 14 de abril de 1492, portanto muito antes de Colombo, que só em 3 de agosto de 1492 saiu para as Antilhas a primeira vez.

Recapitulando o vastissimo assumpto dos descobrimentos do occidente, tem-se a taboa chronologica d'essas viagens, das cartas de doação que as auctorisam, do apparecimento de indicações geographicas reveladoras de outras que desconhecemos.

1431 — **Correndo para o occidente, descobre Gonçalo Velho as Formigas.**

1432 — **Descobre Gonçalo Velho Santa Maria.**

1436 — **Regista André** Bianco as descobertas do Brasil, Antilhas e Mar da **Baga** (Mar do Sargaço).

1439 — **Estão descobertas** sete ilhas dos Açores.

1447 — Vae um navio do Porto á Groenlandia, onde os marinheiros desembarcam.

1448 — Regista André Bianco precisamente o Brasil, a 1:500 milhas.

1452 — Descobrem as Flores Diogo de Teive e seu filho João de Teive, e chegam á latitude da Terra do Lavrador, de que têm signaes, não aportando por temerem o inverno.

1460 — Descobre Gonçalo Fernandes uma ilha a oesnoroeste das Canarias e da Madeira, a que não chega por causa do vento contrario.

1461 — Manda o infante D. Fernando procurar sem resultado essa ilha.

1462 — Carta de D. Affonso v doando essa ilha ao infante D. Fernando.

1462 — Doação a João Vogado das ilhas Lono e Capraria.

1468 — Descobre-se uma ilha na latitude da ilha de Santiago.

1469 — Tentativa infructifera do infante D. Fernando para reencontrar essa ilha.

1470 — Nova tentativa do infante, sem resultado.

1472 — Descobre João Vaz Corte-Real a Bahia de João Vaz e Terra de João Vaz, na America do Norte.

1473 — Obtem a infanta D. Beatriz a concessão da ilha, na latitude de Santiago, para a mandar procurar.

1473 — Doação a Ruy Gonçalves da Camara das ilhas que descobrir.

1474 — Doação a Fernão Telles das ilhas que descobrir.

1475 — Ampliação das doações a Fernão Telles.

1473-1484 — Descobre Antonio Leme tres ilhas a occidente.

1473-1484 — Descobre Vicente Dias uma ilha a occidente.

1473-1484 — Descobre Affonso Sanches as Antilhas.

1484 — Recebe Fernão Domingues do Arco doação de uma ilha que já descobrira.

1486 — Doação a Fernão Dulmo e João Affonso do Estreito de algumas ilhas e terra firme, e viagem provavel de Fernão Dulmo.

1487 — Viagem á America de Fernão Dulmo e João Affonso do Estreito, acompanhados por Martim Behaim.

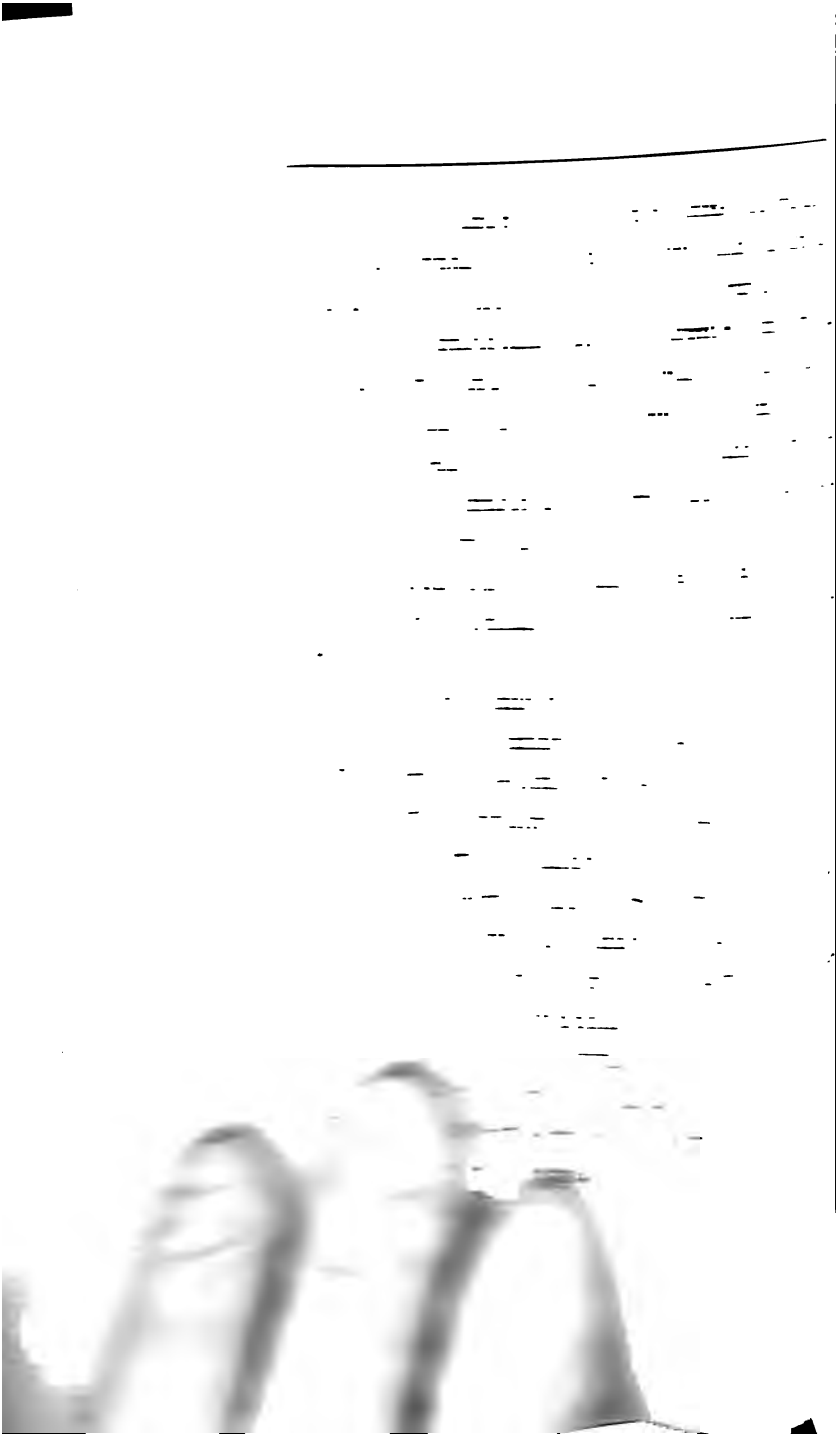
1490 — Vae Gaspar Gonçalves á descoberta por conselho de Behaim (1486-1490).

1492 — Viagem de Pedro de Barcellos e João Fernandes Lavrador, que descobre a terra do Lavrador.

Confirma o conhecimento obtido pelos marinheiros portuguêses das terras da America um importantissimo documento, a carta do dr. Monetario a D. João II em 1493 (14 de julho) aconselhando-lhe a que demande a India pelo caminho do occidente [1]. Colombo regressára das Antilhas em 6 de março de 1493, mas Monetario desconhecia esse facto.

---

[1] «Carta enviada pelo dr. Jeronymo Montaro, de Nuremberg, a el-rei de Portugal D. João, ácerca dos descobrimentos portuguêses, traduzido do latim por fr. Alvaro da Torre, monge dominicano, reimpressa por um bibliophilo (A. Fernandes Thomaz), Coimbra 1878.»



Elogiando o saber dos marinheiros portuguêses, põe esta interessante carta em evidencia as suas navegações na costa da America, e precisa essa noticia com as indicações da temperatura; com a posição da America, ácerca da qual repete a phrase usual das referencias ás viagens ao novo continente: «navegaram a largura do mar»; e com o ponto de partida das expedições: «tomando caminho das ilhas dos Açôres», o que, como já vimos, é absolutamente verdadeiro.

São irrecusaveis estas noticias de contemporaneos, escriptas sem a intenção de estabelecerem prioridades em descobertas.

Para a verdadeira India tinham partido por terra em 1487 Pero da Covilhã e Affonso de Paiva, indo este á Abyssinia e aquelle a Calecut e a Sofala, chegando quasi a encontrarem-se na costa oriental da Africa com Bartholomeu Dias que, partindo de Lisboa no mesmo anno, descobriu o cabo da Boa Esperança e abriu finalmente o caminho da India, deixando esboçada a costa oriental, como se vê do mappa de 1489 do Museu Britannico.

É mezes depois de ter ido á descoberta João Fernandes Lavrador que Colombo sae para as Antilhas, é cinco annos depois de estar assim aberto

o caminho da India pelo oriente que vae procural-o pelo occidente.

Não o dissuade a evidencia d'esse facto, nem a opinião de D. João II e dos marinheiros e cosmographos portuguêses; como não lhe desvanece o erro de que estava na Asia o regresso de Vasco da Gama (1499) do descobrimento do caminho maritimo para a India.

Apezar de uma tal evidencia, percorriam em vão Colombo e os seus continuadores a costa da America, mettiam-se por entre as ilhas, subiam os rios, investigavam as bahias e os golfos em demanda da desejada passagem para o oriente.

Existia uma passagem, havia de facto um caminho que permittia attingir o oriente pelo occidente, mas os hespanhoes, por mais que procurassem em vinte e sete annos de trabalhos (1492 a 1519), nunca o poderam encontrar.

Havia um caminho; não era o «brevissimo caminho» que Toscanelli e os antigos aconselhavam; era longo, complicado, por entre os centenares de ilhas da Oceania, muito mais extenso que o que se fazia pelo sul d'Africa: mas havia de facto uma passagem.

É o notavel piloto português Fernão de Maga-

lhães quem se presta a conduzir os hespanhoes por esse caminho.

Esforça-se D. Manuel por dissuadil-o do seu proposito, manda offerecer-lhe grandes vantagens para que volte a Portugal e desista do seu intuito.

Bem sabe o rei português que existe esse caminho, porque tem no seu erario os mappas onde elle está traçado; conhece Magalhães e os marinheiros que o acompanham, e não quer que elle, como Christovam Colombo, como João Fernandes Lavrador, vá levar aos estrangeiros o resultado dos aturados trabalhos de tantos annos.

Mas não o poude conseguir.

Parte Fernão de Magalhães com cinco navios, com pilotos portuguêses em todos, entre elles o piloto João Carvalho que traz á Europa a nau Victoria, o ultimo navio da frota, com vinte e nove marinheiros portuguêses e o cosmographo português Ruy Faleiro, que dirigia com elle a expedição.

Diz Pigaffeta [1], um dos que tomou parte na ce-

---

[1] *Premier voyage autour du monde,* par le chevalier Pigaffetta, pag. 40.

lebre viagem, ao narrar as difficuldades do extraordinario feito, de cujo exito muitos descriam, no que se fundava a certeza de Magalhães: « Este homem, tão habil como corajoso, sabia que era preciso passar um estreito muito occulto, mas que elle tinha visto representado n'uma carta feita por Martim Bohemio, muito notavel cosmographo, que o rei de Portugal conservava no seu erario ». Pigaffetta é extranho a Portugal e a Hespanha e narra, assim que desembarca, as peripecias da viagem. Tem a maior auctoridade o seu testemunho.

Era ainda um português, acompanhado dos arrojados pilotos portuguêses, com grande numero dos atrevidos marinheiros portuguêses, com um cosmographo português e um mappa português; era ainda um representante da sciencia experimental, dos grandes trabalhos, das arriscadas navegações de Portugal quem ia abrir ao mundo um novo caminho.

Effectivamente Magalhães (1519-1521) atravessa o estreito que conservou o seu nome, attinge pelo occidente as ilhas da especiaria, e realisando a mais extensa navegação até ali feita, completa a gloriosa serie dos descobrimentos portuguêses dando a volta ao mundo, produzindo da espheroicidade da terra a primeira e a mais completa confirmação.

VII

Colombo

É anterior alguns mezes á primeira viagem de Colombo ás Antilhas a ultima expedição da extensa lista das viagens portuguêsas á America.

E assim como na ordem chronologica é dos ultimos a fazer-se ao largo, a demandar as terras do occidente, não passa Colombo de uma figura secundaria na serie dos descobridores, não é mais do que um episodio dos descobrimentos portuguêses, que continuam para occidente depois d'elle, como para occidente se tinham feito muito antes, sem que a sua acção tenha maior alcance do que guiar um povo ávido de riquezas, á exploração de uma parte do mundo.

Pretendia Colombo chegar á India pelo occidente, como aconselhavam Toscanelli, Monetario e Behaim; como indicavam os livros dos antigos; como ao começo das descobertas fizeram os proprios navegadores de Portugal.

Era o plano de Colombo — desde que se convencionou chamar-lhe assim — o plano de toda a gente.

Não constituia uma coisa absolutamente nova, diametralmente opposta ao que se fazia; não era o resultado de um largo estudo, de uma descoberta scientifica, de uma antecipação ao saber da epocá. Pelo contrario consistia na repetição dos erros da antiguidade, na resurreição de velhas idéas, na reedição dos absurdos da antiga philosophia, que não só já não seguiam, mas iam a cada passo emendando, rectificando, desmentindo os portuguêses, com a segurança, com a consciencia, com o orgulho, com a superioridade a que lhes davam direito os conhecimentos rudemente adquiridos nos trabalhos colossaes do seculo XV.

Ao propôr chegar á India pelo occidente, nem tinha Colombo a vantagem de ser o primeiro. Já o aconselhára Toscanelli a D. Affonso V. As proprias instrucções que o sabio italiano enviou a Colombo

não foram mais do que a copia da carta mandada annos antes áquelle rei.

Era conhecido em Portugal, pelo menos desde 1428, o livro de Marco Polo, fonte principal da convicção de Toscanelli e de Colombo.

Portanto nem constituia ao menos uma novidade o que elle pretendia fazer.

Tinha sido directamente aconselhado por Toscanelli e Behaim, como Behaim fôra por Monetario, e os reis de Portugal tinham sido pelos três.

Na Colombina, bibliotheca fundada por seu filho Fernando na cathedral de Sevilha, ainda existem, annotados pelo proprio punho de Colombo, o *Livro das viagens de Marco Polo* e *Imago mundi* de Pedro de Ailly.

No capitulo 8.º *De quantitate habitabili,* diz Ailly citando Aristoteles: «que não ha muito mar do fim de Hespanha, pela parte do occidente, ao principio da India pela parte do oriente». Escreve no capitulo 19.º da sua *Cosmographia:* «segundo os philosophos e Plinio, o mar oceano que se extende entre o fim de Hespanha ulterior pela parte do occidente, e o principio da India pela parte do oriente, não é de grande extensão, porque ha experiencia de que aquelle mar seria percor-

rido em muito poucos dias se o vento fosse tal como convém».

Era tão velha a idéa de ir á India pelo occidente que dizia Aristoteles na obra *De cælo et mundo,* fim do segundo livro, que «das Indias se podia chegar a Cadiz em poucos dias». Affirmava Séneca, primeiro livro dos *Naturaes,* que «com vento favoravel se podia navegar em poucos dias dos fins de Hespanha até ás Indias».

Era fundada em passagens de Ptolomeu, Plinio, Strabão, Alfragano, etc., a supposição da pouca extensão da terra, em que se baseiava a possibilidade do curto caminho do occidente.

Era pois baseiado em opiniões alheias, e não nos seus trabalhos ou em conhecimentos proprios, tudo o que Colombo dizia.

Fôra tudo colhido em Marco Polo e em Ailly, que pela sua parte se fundavam nos philosophos antigos [1].

Não acatavam os portuguêses de então as opiniões d'esses philosophos, e oppunham-lhes os resultados do seu saber.

---

[1] Veja-se a pag. 50 e segg. mais opiniões a respeito do caminho por occidente.

Compendía em poucas palavras o *Esmeraldo* a sciencia dos cosmographos, dos navegadores portuguêses: «a experiencia, que é madre das coisas, nos desengana e de toda a duvida nos tira» [1]; e «n'esta tão trabalhosa jornada da qual a experiencia nos ensinou a verdade».

Era assim emendada a distribuição das terras e das aguas: «o mar oceano não cerca a terra como os philosophos disseram» [2].

Merecia o seguinte commentario a descripção da Africa e do monte Atlas: «Plinio no seu quinto livro *Da Natural Historia,* capitulo primeiro, e Ptolomeu no seu livro «*de situ orbis*» e assim outros auctores, os quaes escreveram... o monte Atlante... com muitas fabulas que d'elle contaram, mas... não souberam esta provincia nem a praticaram como nós a temos praticado, portanto não é maravilha cairem em erro [3].

Desmentia Diogo Gomes, de Cintra, a affirmação dos livros antigos de que era inhabitavel a

---

1 Ed. Epiphanio, pag. 23.

2 Idem, pag. 24.

3 Idem, pag. 66.

zona torrida [1]. «Ptolomeu, que em verdade muito boas coisas escreveu sobre a divisão do mundo, que porém falhou n'esta parte».

Na carta a D. João II, regista o dr. Monetario a maneira como a sciencia experimental dos portuguêses emendára os antigos philosophos: «Porque certamente sabeis que muitos auctorisados astronomos negaram haver alguma habitação debaixo dos tropicos e equinocios. As quaes cousas tu achaste serem vãs e falsas por tua experiencia».

Punha tambem Duarte Pacheco em evidencia a contradicção: «esta terra é muito visinha do circulo da equinocial, que os antigos disseram que era inhabitavel, e nós por experiencia achámos o contrario», «d'onde parece que segundo sua tenção, aquella torrida zona por esta causa se não podia navegar, pois que a fortaleza do sol impedia não haver ahi habitação de gente; o que tudo isto é falso; certamente temos muita e muita razão de nos espantar de tão excellentes homens, como estes foram, e assim Plinio e outros auctores que isto mesmo affirmaram, cairem em tamanho erro» [2].

---

[1] *As relações*, etc., pag. 11.

[2] *Esmeraldo*, ed. Epiphanio, pag. 152.

Não eram desconhecidos dos portuguêses os livros em que se baseiavam os auctores predilectos de Colombo; via-se que os tinham lido, mas que os abandonaram ao reconhecerem as suas informações como coisas falsas, erradas, absurdas. Já não lhes serviam de coisa alguma [1].

Fala d'elles o *Esmeraldo* por esta forma: «pelos livros que dos antigos cosmographos ficaram para esta navegação nenhuma coisa nos podemos d'elles aproveitar»; «e n'estas cousas a nossa nação dos portuguêses precedeu todos os antigos e modernos em tanta quantidade que... podemos dizer que elles em nosso respeito não souberam nada».

Ao mandar á descoberta os seus navegadores, mais de setenta annos antes de Colombo, falava com desdem o infante D. Henrique das lendas do Mar Tenebroso, chamando-lhes: «opinião de quatro mareantes, os quaes, como são tirados da carreira de Flandres ou d'alguns outros portos, para que

[1] Nas livrarias de D. Duarte, D. Affonso v e do condestavel D. Pedro, cujos catalogos chegaram até nós, existiam esses livros em que se orientava Colombo. Antes de impressos já tinham traducção portuguêsa. Diogo Gomes de Cintra e Duarte Pacheco Pereira a cada passo os citam e os corrigem.

commummente navegam, não sabem mais ter agulha nem carta para marear ». E animando-os com promessas, dizia: « vós não podeis achar tamanho perigo que a esperança do galardão não seja muito maior... não temaes sua opinião fazendo essa viagem, porque com a graça de Deus não podeis d'ella trazer senão honra e proveito ».

Apprendiam os portuguêses a conhecer o globo percorrendo-o em todos os sentidos.

Eram ao mesmo tempo habeis pilotos e conscienciosos escriptores, registavam o que recolhiam na observação directa dos phenomenos, e assim iam desmentindo as falsidades da sciencia escholastica e fundando a moderna geographia, Duarte Pacheco no *Esmeraldo,* Diogo Gomes de Cintra nas suas *Relações de prima inventione Guinea,* João de Lisboa na *Arte de Marinharia* e *Tratado da agulha de marear,* Manuel de Figueiredo no *Tratado de navegação* [1], D. João de Castro no *Roteiro de Lisboa a Gôa,* e outros.

Explicava Duarte Pacheco, que tão precisamente apontára as origens do saber português, di-

---

[1] Traduzido em francez por Nicolau Le Bon.

zendo «que a experiencia é a mestra da vida», a razão da ignorancia dos antigos: «sómente por causa d'aquelles que o orbe descreveram careceram do exercicio e fundamento da arte de marinharia».

Dizia no começo do seculo XVI o grande geographo português Pedro Nunes, auctor do *nonio*, na *Defensão da carta de marear:* «estes descobrimentos de costas, ilhas e terras firmes não se fizeram indo a acertar, mas partiam os nossos navegadores mui ensinados e providos de instrumentos e regras de astrologia (astronomia) e geometria, que são as cousas de que os cosmographos hão de andar apercebidos».

No seu *Roteiro* mostrava D. João de Castro como se adquiriram os conhecimentos rigorosos da navegação: «quantas vezes estive mettido debaixo das bravas ondas por saber o fundo das barras e para que parte endereçavam os canaes, e entrada dos rios, até então nunca lavrados, cobertos de bravo matto; e assim mesmo que para alcançar a verdade das rotas, fluxos do mar, voltas e remansos de rios, surgidouros de portos, abrigo de enseadas, differença das agulhas, altura das cidades, e fazer taboas de cada logar e rio em que se con-

tem a mostra da terra, baixos, restingas, rotas, e como se devem de entrar, perdi muita parte da saude e disposição natural».

Assim poderam vencer as fabulas, as lendas que davam o mar como innavegavel.

Refere-se o *Esmeraldo*, pag. 98, a essas lendas: «os escriptores que d'aquellas partes falaram, escreveram d'ellas tantas fabulas, por onde a todos pareceu impossivel que os indianos mares e terras, do nosso occidente se podessem navegar» [1]; «Vasco da Gama... por capitão de suas naus e gente a descobrir e saber aquelles mares e terras com que os antigos nos punham tão grande medo e espanto; e indo com muito trabalho achou o contrario do que... os antigos escriptores disseram» [2].

Resumia assim o cosmographo Pedro Nunes o resultado das navegações de Portugal: «Tiraram-nos muitas ignorancias e mostraram-nos ser a terra maior do que o mar, e haver ahi antipodas, que até os santos duvidaram, e que não ha região que, nem por quente, nem por fria, se deixe de habitar.

---

[1] Ed. Epiphanio, pag. 151.

[2] Idem., pag. 152.

E que em um mesmo clima e egual distancia do equinocio, ha homens brancos e pretos, e de mui differentes qualidades. E fizeram o mar tão chão, que não ha hoje quem ouse dizer que achasse novamente alguma pequena ilha, alguns baixos, ou sequer algum penedo que por nossas navegações não seja descoberto».

Deve-se ao infante D. Henrique a invenção das cartas hydrographicas planas; e ao português Fernando (1483)[1] a primeira bussola completa com a rosa dos ventos. Foi inventada a contagem das longitudes com o relogio pelo piloto João de Lisboa em 1514; só se vulgarisou na Europa muito mais tarde. É obra da junta dos cosmographos de D. João II o aperfeiçoamento do astrolabio, assim como o das taboas astronomicas applicadas á navegação. Foram os portuguêses os primeiros a reconhecer, a explicar ou a registar o fogo de Sant'Elmo, as nuvens do Cabo, as trombas d'agua, a declinação da agulha, as marés, as monções e os tremores de terra submarinos. Registaram o cruzeiro do sul em 1500, quando só em 1517-1520 André Corsali e Pigafetta o tornam conhecido do resto da Europa; e em 1514

[1] Prioridade que até os francezes nos reconhecem.

orientam-se já por elle, quando só em 1545 a arte de navegar de Pedro Medina dá a conhecer aos outros povos o novo methodo de determinação de latitudes.

Assim, no desaccordo com os pilotos e os cosmographos portuguêses, era Colombo quem representava os erros do passado, e elles quem preparava o saber do futuro.

Esse conflicto de opiniões, que tem sido sempre referido desfavoravelmente para Portugal, constitue um titulo de gloria, porque era o conflicto entre o *magister dixit* dos antigos, e a sciencia experimental da Renascença.

Tinham os portuguêses libertado a Europa das pavorosas lendas da Edade Media, e possuiam a consciencia da sua grande missão.

«A experiencia, diz ainda o *Esmeraldo,* nos faz viver sem engano das abusões e fabulas que alguns antigos cosmographos escreveram ácerca da descripção da terra e do mar».

Acreditava porém Colombo muitos dos absurdos da Edade Media e estava por tal fórma obsecado, e era tão falto de criterio, que a experiencia das coisas não o convencia da verdade.

Pintam os seus panegyristas Colombo como

um predestinado, um visionario, um homem de genio que adivinhára um mundo e o offerecia por toda a parte; um arrojado marinheiro cuja vida, um rosario de aventuras, o trouxera a nado a Portugal; um fidalgo de nobre linhagem, de uma familia de almirantes, tendo cursado a universidade de Pavia e iniciado bem cedo os trabalhos do mar. Era Colombo um operario, descendia de uma modesta familia de operarios que, quando muito, o poude mandar aprender a lêr; não fizera estudos universitarios, nem carreira maritima, pois em 1472 ainda era tecelão [1]. Pintavam-o porém vindo a Portugal apresentar um luminoso plano, que a ignorancia dos portuguêses recusou; que a perfidia do rei lhe quiz roubar, emquanto pretendiam assassinal-o os invejosos!

Que poderia ensinar esse modesto operario n'um paiz em que havia mappas como o de Pero Vaz Bisagudo, com o Brasil marcado antes de 1500; e outros, de tal valor, como aquelle em que Magalhães viu o estreito do sul da America a que

---

[1] Foi rigorosamente traçada em face de documentos a biographia de Colombo por Henry Harrisse, *Christophe Colomb, son origine, sa vie,* etc. (Paris 1884-1885).

ligou o seu nome; onde se dispunha de preciosas informações das correntes commerciaes do oriente, de Calecut e da costa oriental da Africa, obtidas pelos portuguêses e pelos mouros e judeus de seus reinos?

Que podia ensinar esse pobre tecelão aos marinheiros que ha mais de setenta annos proseguiam methodicamente a exploração das terras d'Africa e dos mares do occidente, attingindo varios pontos da America e traçando todos os portos e bahias do littoral africano com a maior precisão; detalhando as barras e rios, os pontos de referencia para o conhecimento das terras, as profundidades e o estado do fundo para as ancoragens, e calculando as marés para as entradas e saídas, como se vê no *Esmeraldo*, esse admiravel repositorio da sciencia nautica?

Nada conhecia Colombo de cosmographia nem de pilotagem ao chegar a Portugal, onde veiu como tantos outros estrangeiros tentar fortuna. Foi aqui que apprendeu o pouco que sabia.

Mas elle mesmo reconhecia que o homem não precisa de estudar; acreditava na sciencia innata, na sciencia revelada; cria que por intermedio do Espirito Santo tanto podia saber um homem como uma creança, ou como um boi!

Em 1502, dez annos depois de chegar ás Antilhas, quando já tinha tido tempo para obter conhecimento directo das terras a que aportára, ainda continuava obsecado Colombo por uma das fabulas de Marco Polo, os milhares de ilhas das especiarias.

Escrevia ao papa n'essa data: [1] «Descobri este caminho e ganhei mil e quatrocentas ilhas e tresentas e trinta e tres leguas de terra firme da Asia». Communicava-lhe n'outra occasião: [2] «Aqui me ordenou nosso redemptor o caminho. Ali puz sob o seu senhorio mais terra que Africa e Europa e mais de mil e setecentas ilhas [3], além da Hespanhola [4], que é maior que toda a Hespanha».

Levava-o a sua cegueira a julgar-se na Asia, apezar de Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral já terem regressado da India e considerarem os por-

---

[1] Navarrete, vol. II, pag. 311. Todas as citações d'esta obra se referem á 2.ª edição.

[2] Idem, idem, pag. 283.

[3] Ora as ilhas do mar das Antilhas são cerca de noventa. Colombo tinha reconhecido bem poucas.

[4] Haiti. Como esclarecimento diremos que esta ilha tem a superficie de 77:250 kilometros quadrados e a Hespanha 495:000.

tuguêses a America como uma terra differente, a quarta parte do mundo!

Acreditava piamente na lenda da localisação do Paraíso, que vem traçado no mappa de Bianco, e tinha uma tão forte convicção d'isso que não duvidava participar ao papa ter lá chegado! Eis as suas palavras na carta citada: «Cri e creio... que ali... é o paraíso terreal».

Era tão bom marinheiro, tão certo do que fazia, que se gabava de ter chegado ás Antilhas apenas guiado pelas prophecias de Isaias:[1] «Para a execução da empreza das Indias não me sérvi de raciocinios, nem de mathematicas, nem de mappamundos».

Se tivesse recorrido á mathematica não chegaria a parte nenhuma, porque, a julgar pelo calculo do fim do mundo, as sciencias positivas não eram o seu forte. «Segundo esta conta, diz Colombo[2], não faltam senão cento e cincoenta annos para cumprimento dos sete mil, nos quaes, como digo acima,

---

[1] Navarrete, vol. II, pag. 289. Extracto do livro de prophecias de Colombo.

[2] Livro das prophecias de Christovão Colombo. Navarrete, vol. II, pag. 204.

pelas auctoridades citadas, terá de acabar o mundo ». Escrevia isto em 13 de setembro de 1501. O mundo devia portanto acabar pelas suas contas em 13 de setembro de 1658.

Colombo não acreditava apenas nas lendas do paraíso e nos milhares de ilhas das especiarias, cria que em certos países os estrangeiros ficavam sempre na edade em que entravam e não estava inteiramente emancipado de varias outras.

Nas palavras [1] em que se refere a sua ida em 1498 á ilha de Santiago, mais ao sul do rumo que levára das outras vezes ás Antilhas, transparece um pouco do receio que lhe inspiravam o Mar Tenebroso e a zona torrida inhabitavel: « disse que, depois que chegou, nunca viu o sol nem as estrellas, mas o céo coberto de tão expessa neblina, que parece que a podiam cortar á faca, e calôr intensissimo que os angustiava ».

Restavam no seu espirito algumas sombras dos vagos terrores da Edade media. Não navegava confiadamente, não se fazia ao largo com segurança,

---

[1] Las Casas, *Historia de las Indias*, livro I, capitulo 130 e 132.

não viajava com a serenidade e a tranquillidade dos nossos; vestia o habito de S. Francisco, cingia os cordões da ordem e andava sempre com o credo na bôca, como diz o povo.

Ao narrar a terceira viagem ás Antilhas copía Las Casas[1] as suas palavras: « Disse... que ia em nome de Santissima Trindade... com proposito de navegar ao Austro... e despediu a outros três navios em nome da Santa Trindade... entende com ajuda da Santissima Trindade... caminho que levava d'aquellas ilhas ao Austro e Meiodia em nome da Santa e indivisivel Trindade ».

Eram muito usuaes e repetidas estas suas maneiras de falar.

Não procedia assim Colombo porque fosse extremamente religioso, sinceramente religioso, o apostolo que nos querem descrever, o santo que até já pretenderam canonisar.

Usava o escapulario como podia usar um amuleto, porque em verdade o que n'elle predominava não eram as crenças christãs, mas um mixto de

---

[1] Las Casas, *Historia de las Indias,* livro I, capitulo 130 e 132.

crendices terroristas, pagãs: «e digo que não sómente o Espirito Santo revela as coisas futuras ás creaturas racionaes, mas nol-as mostra por signaes do céo, do ar e dos animaes quando lhe apraz, como foi do boi que falou em Roma no tempo de Julio Cesar» [1].

Não podia fazer grande ideia de Colombo, nem acreditar na sciencia de que alardeava, quem conhecia taes opiniões.

N'uma carta [2] ao rei de Portugal, relativa á copia mandada tirar secretamente de um livro feito por elle ácerca das demarcações do tratado de Tordesillas, dizia-se: «E ainda que aquillo não seja verdade, como parece, deve Vossa Alteza mandar vel-o por cosmographos, porque tambem os theologos vêem o Alcorão». O Alcorão era considerado então um livro mentiroso, falso, absurdo, uma verdadeira burla, a *burla do Alcorão,* no dizer de Duarte Pacheco.

---

[1] Livro das prophecias de Christovão Colombo. Navarrete, vol. II, pag. 294.

[2] Carta de D. Duarte de Almeida a el-rei D. João III. Alguns documentos, etc., pag. 518.

Ao livro de Colombo, como se vê, era ligada muito pouca importancia.

Resume João de Barros [1], que só deve ser citado por estar de accordo com esse documento, e com outros factos, n'estas palavras, a opinião formada a respeito d'elle: «El-rei, porque via ser este Christovão Colombo homem falador, e glorioso em mostrar suas habilidades, e mais phantastico e de imaginação com a sua ilha de Cipango, que certo do que dizia, dava-lhe pouco credito... todos houveram por vaidade as palavras de Christovam Colombo, por tudo ser fundado em imaginações e coisas da ilha Cipango de Marco Polo».

Apezar da opinião contraria de D. João II, dos cosmographos e dos navegadores portuguêses, ao chegar ás Antilhas julgou Colombo ter attingido a India, querendo vêr na costa de Cuba o littoral da extrema Asia.

Mas não se limitava Colombo a acreditar esse absurdo; impunha-o a todos, e obrigava a que o acreditassem.

Despeitado, sem duvida, porque em Portugal ne-

---

[1] *Decadas da Asia*, 1.ª, livro III, cap. XI, f. 57.

gavam o alcance d'essa descoberta, fez Colombo em 1494 um inquerito da opinião dos seus pilotos e marinheiros, para provar que a costa de Cuba era a da Asia, mandou lavrar um auto de todas essas opiniões, e ameaçou com 10:000 maravedis de multa, cem açoites, e a lingua arrancada os que depois affirmassem o contrario, isto é, os que dissessem a verdade, os que teimassem que era uma ilha. Isso mostra que, mesmo entre os seus, havia quem partilhasse a opinião da escola portuguêsa.

Eis as palavras do proprio auto: «requereu a mim, escrivão, o dito senhor almirante... que eu pessoalmente, com boas testemunhas, fosse a cada uma das tres caravelas e requeresse publicamente ao mestre e tripulação, e a toda a gente que n'ellas está, que dissessem se tinham alguma duvida de que esta terra não fôsse a terra-firme do começo das Indias, e do fim para quem a estas partes quizesse vir de Hespanha por terra... assim como o dito senhor almirante me havia requerido, eu requeri a elles, e lhes puz a pena de dez mil maravedis, e a lingua cortada por cada vez que o contrario disserem do que agora digam, e se fôr grumete ou pessoa de tal classe dar-lhe-hiam cem açoutes e lhe cortariam a lingua».

Ia na frota um português pelo menos, Pedro de Salas, grumete, natural de Lisboa. Sabe-se de uma opinião contraria, a do abbade de Lucerna, que como cosmographo, conhecia o erro de Colombo, e affirmou, como os portuguêses, que Cuba era uma ilha e não a costa da Asia aonde todos procuravam chegar.

Por causa d'isso não lhe consentiu o almirante que regressasse a Castella.

Radicou-se este procedimento a ponto de na legislação hespanhola, até 1618, ser prohibido, sob pena de morte, considerar Cuba como uma ilha!

Compare-se tão extraordinario proceder com aquelle persistente investigar da verdade, aquella exploração cuidadosa dos mares e terras, aquella solida e admiravél sciencia experimental dos portuguêses!

São mais que o *magister dixit* do passado, a teimosia de Colombo, a imposição á força das suas opiniões, a violenta prohibição da verdade; constituem o verdadeiro *crê ou morres* inquisitorial.

Não se sabe o que trouxe Colombo a Portugal. Suppõe-se que viesse tentar fortuna como outros genovêses que se dedicavam ao commercio.

Em 1472, ao citar o seu testemunho em Savone, ainda um tabelião o trata por tecelão de Genova.

Estava Colombo em Savone desde 1470, com seu pae que era tecelão, e se estabelecera ao mesmo tempo com uma taberna.

Casára a irmã com um queijeiro-salchicheiro do bairro dos tecelões. Deve talvez fixar-se em 1473 a sua vinda a Portugal.

Diz-se que Colombo teve na Madeira uma casa de pasto, onde morreu o piloto Affonso Sanches ao regressar das Antilhas, deixando-lhe os seus mappas. N'essa ilha casou com a filha de Bartholomeu Perestrello, já fallecido. A sogra deu-lhe os papeis e cartas d'elle que, com os de Affonso Sanches, constituiram a base dos seus conhecimentos nauticos.

Descreve assim Las Casas [1] os objectos de Perestrello: « instrumentos e escriptos e pinturas (cartas e mappas) convenientes á navegação, os quaes deu a sogra ao dito Christovão Colombo, que com a vista e leitura d'elles muito se alegrou. Com estes se crê haver sido instigada e excitada a sua natural

[1] Cap. IV, pag. 51, da *Historia de las Indias.*

inclinação». Completou os conhecimentos obtidos por esses importantes papeis embarcando em navios portuguêses: «resolveu ter por experiencia o que então do mundo pela parte de Ethiopia se andava e praticava pelo mar, diz Las Casas [1], e assim navegou algumas vezes aquelle caminho em companhia dos portuguêses, como pessoa já residente e quasi natural de Portugal».

«Estive no forte de S. Jorge da Mina, pertencente ao rei de Portugal» [2], diz o mesmo Christovão Colombo em nota do proprio punho, n'um dos livros que lhe pertenceram. Datava de 1482 a construcção d'essa fortaleza.

Foi em Portugal que Colombo aprendeu o que sabia do mar, foi em Portugal que teve conhecimento pratico da existencia de terras ao occidente, terras que julgou a India, em vista das opiniões já referidas.

Reune Las Casas [3] tudo o que Colombo soube em Portugal das terras da America, e considera

---

[1] Cap. IV, pag. 51, da *Historia de las Indias*.

[2] Henry Harrisse, obra citada, vol. II, pag. 265.

[3] Cap. XIII da obra citada.

essas informações, que extrae dos seus proprios papeis, como inspirações com que Deus procurava leval-o á realisação do seu projecto: «por muitas maneiras dava Deus motivos e causas a Christovão Colombo para que não duvidasse cometter tão grande façanha».

É bastante suggestivo o titulo do capitulo: «no qual se contem muitos e diversos indicios e signaes que por diversas pessoas Christovão Colombo era informado, que lhe deram a certeza de haver terra n'este mar Oceano para este lado do poente».

Começa por estas palavras bem claras e concludentes o capitulo XIV: «Resta concluir esta materia dos motivos que Christovão Colombo teve para offerecer-se a descobrir estas Indias», o que mostra que os motivos para offerecer-se foram as informações que obteve em Portugal.

E ao terminar esse mesmo capitulo deduz Las Casas de tudo o que transcreveu dos papeis de Colombo: «ou por esta occasião ou por parte d'ellas ou por todas juntas, quando elle se determinou ia tão certo de descobrir o que descobriu, como se dentro do seu quarto e fechado á chave o tivesse».

Depois de referir as razões de auctoridade, as opiniões dos antigos, diz Las Casas que Deus quiz

dar-lhe assim «outras razões de experiencias mais palpaveis».

E entra no assumpto, as informações dos pilotos portuguêses, d'esta maneira: «Diz, pois, Christovão Colombo entre outras cousas que pôz por escripto em seus livros, que falando com homens do mar, pessoas diversas que navegavam os mares do Occidente...» Eis as informações: Disse-lhe Martim Vicente, piloto do rei de Portugal, que encontrou no mar, a 450 leguas a oeste do Cabo de S. Vicente, um madeiro lavrado sem ser com ferro, que suppunha proceder de alguma ilha ou ilhas que houvesse a occidente porque o vento soprava de oeste ha muitos dias. Asseverou-lhe Pedro Correia [1], casado com uma irmã de sua mulher, que na ilha de Porto Santo tinha visto outro madeiro trazido pelo mesmo vento e lavrado da mesma forma e que tambem vira canas muito grossas.

«E isto mesmo diz Christovão Colombo, continua Las Casas, que ouviu affirmar ao Rei de Por-

---

[1] Pedro Correia, fidalgo da casa do infante D. Henrique, comprou a capitania da ilha do Porto Santo a Bartholomeu Perestrello seu cunhado, filho do primitivo capitão donatario. A carta de confirmação é de 17 de maio de 1458.

tugal, fallando com elle em outros assumptos, e que el-rei lh'as mandou mostrar. O que teve por certo, (diz Christovão Colombo) serem as ditas canas de algumas ilhas ou ilha que não estavam muito longe, ou trazidas da India com o impeto do vento e do mar». Monetario ao aconselhar a D. João II o caminho do occidente dava-as como indicio da proximidade de Catay: «são signaes... as canas que a tormenta lança da praia do oriente ás praias das ilhas dos Açôres».

Note-se bem que o rei, longe de esconder essas provas de terra ao occidente, as mostra a Colombo, como elle proprio confessa, e lh'as mostra da mesma forma que lhe indica a situação do Brasil [1].

Entre as informações que em Portugal obtem das terras da America, recebe Colombo directamente do proprio rei.

Mas é materia corrente, e tem passado até hoje sem muito protesto, que D. João II procurou desvendar o *segredo* (!) do plano de Colombo, e tentou secretamente roubar-lhe a gloria, mandando ao occidente uma caravela, cuja tripulação recuou

---

[1] Veja-se capitulo XI.

apavorada pela extensão do mar, sem ter conseguido encontrar terra!

Continua Las Casas: «Por alguns habitantes das ilhas dos Açôres, era informado Christovão Colombo de que, soprando ventos fortes de poente e noroeste, trazia o mar alguns pinheiros, e os lançava nas costas d'aquellas ilhas, em especial da Graciosa e do Fayal... Outros lhe disseram que á ilha das Flores... tinha levado o mar dois cadaveres, de caras muito largas e de feições differentes dos christãos».

Dizia outra informação que tinham visto no Cabo da Verga [1], e por ahi perto, «almadias ou canôas com casa movediça, as quaes porventura, passando de uma ilha a outra, ou de um logar a outro, tinham sido levadas pela força do vento e do mar».

Affirma Las Casas que, além d'estes fortes indicios, teve conhecimento Colombo das viagens do navio português que em 1447 foi á Groenlandia, da ida de Diogo de Teive em 1450 até ás proximidades do Lavrador, das descobertas de Vicente

---

1 Ao sul da Guiné Portuguêsa.

Dias, Antonio Leme e Affonso Sanches (1473-1484), da concessão a Fernão Domingues do Arco (1484) e das viagens dos Corte-Reaes começadas em 1472.

Eram de tal valor todas estas informações que ácerca do seu alcance dizia ainda:[1] «quando determinou procurar um principe christão que o ajudasse e o protegesse, já elle tinha a certeza de que havia de descobrir terras, e gentes n'ellas, como se n'ellas pessoalmente tivesse estado (do que certamente não duvido)».

Tinha pois Colombo a certeza de que existiam terras ao occidente, recebera essa indicação de pilotos portuguêses, viajára muitas vezes com elles. Não duvidava Las Casas de que mesmo ás terras do occidente já tivesse ido!

Eis a verdadeira historia do homem e do feito, baseiada em documentos irrecusaveis, em narrativas de contemporaneos insuspeitos, e nas suas proprias palavras.

N'um determinado momento offerece-se Colombo aos reis de Castella para ir á India.

Para explicarem o motivo porque saiu de Portugal, indo pôr-se ao serviço de outro país, a causa

[1] Las Casas, cap. v, pag. 55.

porque deixou a terra onde apprendera nautica, onde obtivera o conhecimento das terras da America, onde casára e lhe nascera o primeiro filho, dizem os seus panegiristas que fugiu porque o invejavam e hostilisavam como extrangeiro, porque lhe tinham procurado roubar o plano, porque pretendiam prendel-o e matal-o, afim de que o não fosse apresentar em Castella.

Embora fale levianamente Humboldt do *odio nacional,* não podia Colombo ser maltratado pela sua qualidade de extrangeiro, porque andaram sempre ao serviço de Portugal nos descobrimentos, nas explorações commerciaes e na colonisação das novas terras muitos extrangeiros como os Cezares, Cataneos, Salvagos, Lomellinos, Dorias, Grimaldi, os Nolas (Antonio, Bartholomeu e Raphael), o cavalleiro Valarte, Jacome de Malhorca, Aluise de Ca da Mosto, João da Nova, Antonietto Usodimare, Guilherme Vandaragen, Martim Behaim, Jos Dutra, Americo Vespuci, Jean Baptista, Jacome de Bruges e tantos outros.

Para que lhe quizessem roubar o plano, era preciso, em primeiro logar, que existisse esse plano e, como já vimos, Colombo tratava de um assumpto que toda a gente conhecia, que não tinha nada de

particular nem de novo, cuja eficacia não residia em nenhum segredo.

Ter saído de Portugal por qualquer d'esses motivos devia tornar-lhe odioso o rei e o país. Pelo contrario, continua Colombo nas melhores relações com D. João II e com os portuguêses, e sempre que se lhes refere é com palavras de elogio.

N'uma carta ao rei de Castella diz «fui aportar a Portugal, cujo rei entendia de descobrimentos mais que nenhum outro».

Desculpando-se por não mandar navios carregados de ouro, apontava em ar de censura aos reis castelhanos: «o grande coração dos principes de Portugal, que ha tanto tempo proseguem na empreza de Guiné, e tambem na de Africa, onde gastaram metade da gente do reino».

É tão importante o alcance d'este elogio, que até a forma de dizer é a mesma do *Esmeraldo,* o que mostra que Colombo sentia pelos trabalhos portuguêses a mesma admiração que os nacionaes. Eis o que escreve Duarte Pacheco pela mesma epoca: «o grande engenho dos nossos principes... e a grandeza de seus corações, que tiveram, para no descobrimento d'estas terras dispenderem seus thesouros».

Ao escrever-lhe em 1488, trata-o D. João II por «especial amigo».

Ao vir a Lisboa em 1493 é admiravelmente recebido pelo rei, como adiante veremos. Pela sua parte, ao sair para as Antilhas em 1503, sabendo Colombo que os portuguêses estavam cercados pelos moiros em Arzilla, foi soccorrel-os com a frota, não sendo já preciso o seu auxilio quando chegou.

Deixam prevêr o testamento de Colombo, e a carta que o rei lhe dirigiu, garantindo-lhe que podia regressar, que a sua saída foi a solução para a insolvencia, assoberbado por dividas que não podia satisfazer.

Eis o seu testamento: [1] «Digo e mando a D. Diogo, meu filho, ou a quem herdar, que pague todas as dividas que deixo em um memorial, pela forma que ali diz, e mais as outras que justamente parecer que eu deva».

Lia-se no memorial: «Relação de certas pessoas a quem eu quero que se dê dos meus bens o con-

---

[1] Testamento de Colombo feito em 19 de maio de 1506. Navarrete, vol. II, pag. 346.

tido n'este memorial, sem que se tire coisa alguma. Ha dar-se-lhes de tal forma que não saibam quem o manda dar... A Antonio Vaso, mercador genovês que costumava viver em Lisboa, dois mil e quinhentos reaes de Portugal... A um judeu que morava á porta da judiaria em Lisboa... o valor de meio marco de prata... Aos herdeiros de Luiz Centurion Escoto, mercador genovês, trinta mil reaes de Portugal... A esses mesmos herdeiros e aos herdeiros de Paulo de Negro, genovês, cem ducados... A Baptista Espindola ou aos seus herdeiros... vinte ducados. Este Baptista Espindola é genro do sobredito Luiz Centurion... y por signal residiu em Lisboa em 1482».

Á obrigação contraída para com os credores, refere-se D. João II, em carta de 1488, em resposta a outra de Colombo que se desconhece, dando-lhe um salvo conducto para que não fôsse incommodado e podesse regressar livremente:

«E porque por ventura tereis algum receio das nossas justiças, por razão de algumas coisas a que sejaes obrigado, nós por esta carta vos asseguramos pela vinda, estada e tornada, que não sejaes preso, retido, acusado, citado nem demandado por nenhuma cousa, ou seja civil ou criminal, de qual-

quer penalidade. E por ella mesmo mandamos a todas as nossas justiças que o cumpram assim ».

Provam, da forma mais completa, estes dois importantes documentos, que não foi por aggravos do rei que Colombo saíu de Portugal. Pelo contrario, é ao rei que pede um salvo conducto, para poder voltar sem ser demandado ou preso pelos seus credores.

Mas tem ainda muito mais alcance a carta de D. João II [1], evidenciando que, em vez de ser repellido, Colombo foi bem tratado pelo rei; e fazendo sobresair, pela comparação com outros documentos, a falta de caracter do tão falado genovês.

Responde D. João II a uma carta de Colombo cujo assumpto se deprehende d'essas palavras: « Vimos a carta que escrevestes e a boa vontade e affeição que por ella mostraes ter ao nosso serviço. Vos agradecemos muito. Emquanto a que vossa industria e bom engenho nos será necessario nós o desejamos e prazer-nos-ha muito que viesseis, porque, em o que vos toca, se dará tal fórma que vós devaes ser contente ».

---

[1] Navarrete, documento diplomatico n.º 3, do archivo do duque de Veraguas.

Offerecera-se Colombo, acceitára o rei os seus serviços, promettendo que o devia satisfazer a paga. Ora não havendo documento de em qualquer outra occasião ter Colombo offerecido os seus serviços ao rei, póde concluir-se que foi esta a tão falada offerta de um mundo, que, no dizer dos seus panegyristas, D. João II regeitou. Ao contrario do que se diz, o rei acceita-os, e até lhe diz que ficará contente no que lhe toca.

Sabia o rei de Portugal que Colombo havia navegado com os nossos, estivera na Mina e conhecia as terras da America, pois elle proprio lhe mostrára os signaes de terra ao occidente, e lhe revelára a existencia do Brasil. Convinha-lhe portanto evitar que em Castella aproveitassem o que esse homem sabia dos descobrimentos. Tinha pois toda a conveniencia em fazel-o voltar a Portugal.

Ora ao mesmo tempo que se offerecia ao rei português, mostrando boa vontade e affeição pelos seus interesses, estava Colombo ao serviço dos reis de Castella. Estabelecem documentos do real archivo de Simancas [1] que em 1487 recebeu 14:000 maravedis. Não fôra qualquer aggravo d'esses mo-

[1] Navarette, vol. II, pag. 8.

narchas que o levára a offerecer-se a Portugal. Tinha Colombo recebido dinheiro, e continuava recebendo. É de 20 de março de 1488 a carta de D. João II, em resposta á sua offerta. Pois em 15 de outubro de 1487 havia recebido 3:000 maravedis, e em 16 de junho de 1488 outros 3:000!

É ainda excedida essa dualidade pela fórma como Colombo altera a verdade dos factos, contradizendo-se a cada passo, e dando-se como possuidor das terras do occidente.

Tendo-se offerecido a D. João II diz depois que foi elle quem lhe fez grandes promessas: «respondi á França, á Inglaterra e a Portugal que para el-rei e rainha, meus senhores, eram essas terras e senhorios. As promessas não eram poucas nem vãs» [1].

Tempo depois, em carta ao rei catholico, torna a alardear as fingidas propostas, de que se servia para mais engrandecer o que fizéra: «Deus nosso senhor milagrosamente me trouxe aqui para que eu servisse a V. A... digo milagrosamente porque houve cartas de pedido de tres principes» [2].

E n'essa mesma carta põe-se em contradicção

---

[1] Navarrete, vol. II, pag. 282.

[2] Idem, vol. III, pag. 527.

comsigo proprio, e sempre com a carta de D. João II: «Digo milagrosamente, porque fui ter a Portugal, cujo rei entendia de descobrimentos mais que nenhum outro; elle (Deus) lhe atalhou a vista, ouvido e todos os sentidos que em quatorze annos não lhe poude fazer comprehender o que digo».

Não são estes os unicos documentos em que falta á verdade para engrandecer-se, fazer-se valer, tratar dos seus interesses.

No diario da primeira viagem manifesta Colombo os conhecimentos obtidos em Portugal, porque não viaja ao acaso, tem exactas noções da terra para onde se dirige, e das ilhas que a precedem, por entre as quaes precisa de atravessar para chegar ao continente.

Escreve em 3 de outubro: «não se quiz deter barlaventeando a semana passada, e estes dias em que via tantos signaes de terra, ainda que tinha conhecimento de certas ilhas n'aquella região, para não se demorar, pois o seu fim era ir ás Indias». Era exacto o conhecimento que mostrava das ilhas; descrevia-as na verdadeira posição: «teve por certo que á banda do norte e do sul havia algumas ilhas... ia por meio d'ellas, porque a sua vontade era de seguir adeante até ás Indias... prazendo a

Deus á volta tudo se veria». Effectivamente ao norte e ao sul da ilha em que Colombo tocou ha muitas das Antilhas, e para chegar ao continente é preciso passar por entre ellas.

Mas não é só n'isto que se revelam os conhecimentos adquiridos em Portugal. Em 7 de outubro vê passaros que teem como signaes de terra «porque sabia... que as mais ilhas que teem os portuguêses pelas aves as descobriram».

Estava tão affeito Colombo ás expressões, usos e costumes de Portugal, que até contava pelo nosso dinheiro: «vi dar 16 novellos de algodão por tres ceitis de Portugal», e emprega a phrase portuguêsa «maré de ingente» (enchente) na parte do diario de 13 de março.

Em 4 de novembro falla em «um português que tinha em seu navio», talvez um piloto dos que conheciam a viagem da America!

Ao regressar da sua primeira ida ás Antilhas, arriba Colombo a Santa Maria, por causa do temporal.

Perguntando-se-lhe quem era e de onde vinha, respondeu com tal orgulho dos seus titulos de almirante e vice-rei, e das auctorisações que lhe tinham dado os reis catholicos, ameaçando arrazar a ilha

se não lhe restituissem alguns marinheiros idos a terra, que o governador [1] lhe respondeu briosamente como se vê na parte do diario de 19 de fevereiro: «então respondeu o capitão e os demais que não reconhecem aqui o rei e a rainha de Castella nem suas cartas, nem lhes tinham mêdo, antes lhes dariam a saber quem era Portugal, quasi ameaçando».

No dia 22, porém, o governador mandou a bordo alguns frades e fidalgos, para verem a carta em que os reis de Castella recommendavam aos outros monarchas o seu almirante e, reconhecida como authentica, deixou-o saír livremente.

Ora João de Castanheira não só tinha direito de prender Colombo, mas era expressamente obrigado a fazel-o pela legislação em vigor. Constituia a navegação do Atlantico um exclusivo da corôa, ou dos infantes a quem era concedido. Sem expressa licença d'elles ninguem podia navegar. Eram graves as penalidades e severas as ordens a tal respeito.

---

[1] Era João de Castanheira o governador, a quem Colombo chama João de Castañeda, um dos povoadores de Santa Maria, que depois passou a residir em S. Miguel, onde ainda hoje o Pico da Castanheira conserva o seu nome.

Dizia uma carta de doação [1], de D. Affonso V ao infante D. Henrique: «ninguem passe além do dito cabo Bojador sem seu mandado e licença; e os que passarem nos apraz que percam, para o dito infante meu tio, o navio ou navios em que assim lá forem, e tudo o que de lá trouxerem. E mandamos ao nosso corregedor da côrte, e a todas as nossas justiças, que assim o cumpram sem alguma duvida ou embargo que a isso ponham, e, fazendo o contrario, sejam certos que tornaremos a elles, como aos que não cumprem nosso mandado». Davam as cartas de 3 de fevereiro de 1446 e 25 de fevereiro de 1449 o mesmo direito ao infante, e a de 10 de novembro de 1475 fazia egual concessão a Fernão Telles nas terras do occidente.

No tratado celebrado em Toledo [2], em 6 de março de 1480 promettiam os reis de Castella «que não mandarão por si nem por outro nem consentirão, antes prohibirão que sem licença dos ditos senhores rei e principe de Portugal (D. Affonso V e

---

[1] Carta de 22 de outubro de 1443. Alguns documentos, etc., pag. 8.

[2] Alguns documentos, etc., pag. 42.

seu filho D. João II) não vão negociar aos ditos tratos, nem ilhas, terras da Guiné descobertas e por descobrir, seus naturaes ou subditos... nem outras quaesquer gentes extrangeiras que estiverem em seus reinos e senhorios, ou em seus portos se armarem... nem darão... consentimento directo nem indirecto, nem consentirão armar nem carregar para lá... E se alguns dos naturaes ou subditos dos reinos de Castella ou estrangeiros, quaesquer que sejam, forem commerciar... sem licença e consentimento expresso dos ditos senhores rei e principe... sejam punidos ».

É ainda mais severa do que as concessões a D. Henrique a carta regia de D. Affonso V [1] aos capitães dos navios enviados por seu filho: « damos poder e faculdade, e especial mandado aos capitães que forem enviados pelo principe meu filho... á dita Guiné, que, achando elles quaesquer caravelas ou navios de qualquer gente de Hespanha... sem outra mais ordem nem figura de juizo possam logo todos ser e sejam deitados ao mar, para que mor-

[1] Carta de 6 de abril de 1480. Alguns documentos, etc., pag. 45.

ram logo ». Em 4 de maio de 1481 fazia o mesmo rei a seu filho, depois D. João II, doação do commercio da Guiné, com as mesmas clausulas das doações ao infante D. Henrique, para que ninguem podesse ir ou mandar sem licença do principe.

Eram severas as penas e expressas as ordens para as cumprir. Além dos capitães donatarios, que tinham competencia judiciaria, havia, para exercerem vigilancia, os navios mandados expressamente pelo principe.

Residindo muito tempo em Portugal, viajando com portuguêses, indo á costa d'Africa, conhecia Colombo toda esta legislação, mas, apezar d'isso, no intuito de engrandecer-se, insinua que eram outros os motivos da attitude do governador. No dia 6 escreve no seu diario « soube por uma caravela, que vinha da ilha de Ferro que andavam por ali tres caravelas de Portugal para o prender ». E accrescenta na constante preoccupação de se fazer valer: « Devia ser de inveja que o rei tinha por ter ido para Castella ». Em 22 de fevereiro, ao tratar do conflicto com o governador de Santa Maria, escreve ter-lhe dito um marinheiro que o governador o queria prender por ordem do rei.

Encarrega-se porém Colombo de desmentir tudo

isto ao descrever a amigavel recepção que em Lisboa lhe fez D. João II. Se, em verdade, receiasse ser preso por ordem do rei, pelo governador ou pelos navios, não viria á capital entregar-se á prisão. Mas, confiando-se depois descançadamente á hospitalidade do rei, a quem já tinha pedido o salvo conducto para vir a Lisboa, mostra Colombo que não escrevia sinceramente aquellas passagens, tendentes apenas a augmentar mais os perigos que correra, no desejo insaciavel de obter vantagens.

Escreve em 4 de março ao rei de Portugal, para que o auctorisasse a ir com a caravela a Lisboa «e tambem para que soubesse que não vinha da Guiné, mas da India». Vê-se o empenho que tinha em dar a saber que não estava incurso nas penalidades para os que iam á Guiné sem licença, e a confiança que depositava no rei.

Em 5, ao chegar ao Restello, escreve no diario que o foi cumprimentar Alvaro Damas, capitão da nau de el-rei surta no Restello «com muita ordem com atabales e trombetas e anafis, fazendo grande festa, veiu á caravela e falou com o almirante e lhe offereceu fazer tudo o que lhe mandasse». As grandezas de Portugal deslumbravam-n'o ainda e sempre. Descreve a nau do rei n'estas palavras: «nau

grande d'el-rei de Portugal... a mais bem artilhada de artilheria e armas que nunca se viu » [1].

Em logar da inveja, que pretendeu insinuar, ha em Lisboa verdadeira alegria. Vae muita gente a bordo vêr os indios em 6 e 7 de março. Escreve no diario: « Hoje veiu infinitissima gente á caravela, e muitos cavalleiros, e entre elles os feitores do rei, e todos davam infinitissimas graças a nosso senhor por tanto bem e accrescentamento da christandade ».

Em 8, continua elle, respondeu o rei á sua carta, pedindo-lhe que fosse vêl-o aonde estava. Tinha Colombo tanto receio de que o prendessem, que deixou a caravela e foi mais o seu piloto dormir a Sacavem, de caminho para Valle de Paraíso onde se encontrava D. João II. Tinham os feitores do rei

---

[1] Devia ser a nau de mil toneis, talvez equivalentes a duas mil toneladas de hoje, de que diz Garcia de Rezende na *Chronica de D. João II*, cap. CXLVI: « a mais formosa e melhor acabada e a maior que nunca até então fôra vista, de tão grossa, forte e basta liança e tão grosso taboado que a artilheria a não podia passar, e tinha tantas bombardas e outras artilherias que foi muito falada n'ella em muitas partes ». Mandou o rei fazer esta nau « mais... para guarda do rio do que para navegar ».

ordem de darem ao almirante e á sua gente, e de fornecerem á caravela tudo o que preciso fosse, sem receberem dinheiro.

Em 9 de março escreve que o rei « o mandou receber pelos principaes da côrte mui honradamente, e o rei tambem o recebeu com muita honra e lhe fez muito favor, e o mandou sentar e falou muito bem... e mostrou ter muito prazer da viagem ter tido bom termo e de se ter feito... Deu-o por hospede ao Prior do Crato que era a principal pessoa que ali estava, do qual o almirante recebeu muitas honras e favores ». Em 10: « depois da missa lhe tornou a dizer o rei que, se tinha precisão de alguma coisa, que logo se lhe daria, e conversou muito com o almirante ácerca da sua viagem, e sempre o mandava estar sentado e lhe fazia muita honra ». Em 11 de março só partiu depois de comer, acompanhado por todos os cavalleiros e fidalgos que lhe vieram fazendo muita honra por largo espaço. Em seguida foi ao mosteiro de Santo Antonio, em Villafranca, a convite da rainha D. Leonor. Fizeram-lhe muita honra a rainha e os fidalgos que a acompanhavam, e o almirante foi essa noite dormir a Alhandra. Era tal o medo de que o capturassem que Colombo, em vez de ir directamente a

um porto de Castella, dar conta da sua missão, gastava todo este tempo em Portugal, paiz rival do que andava servindo, visitando o rei e a rainha, narrando-lhes a viagem e passando quatro dias e quatro noites longe do seu navio!

Em 12, continua o diario, mandou-lhe perguntar o rei se preferia ir a Castella por terra, que disporia tudo para isso, offereceu-lhe uma mula, e ao piloto outra, e 20 espadins (moeda de oiro).

Como toda esta narrativa do proprio Colombo é differente das versões dos seus penegyristas, que mostram o rei invejoso da sua gloria, pretendendo roubar-lh'a, e os fidalgos querendo assassinal-o; como se distancía das proprias palavras que, para dar mais relevo aos seus serviços, Colombo escreve em outras occasiões!

Embora o recebesse amigavelmente, sempre D. João II disse a Colombo que lhe pertenciam as terras onde elle chegára [1].

Não devem surprehender as repetidas contradicções em que a critica historica encontra Colombo. Ha muitas mais, além das que citámos; existem ou-

---

[1] Veja-se cap. XII.

tros factos que revelam n'elle um pessimo caracter, ganancioso, sanguinario, desleal.

Está isto em contradicção com o que geralmente se escreve, mas é deduzido dos factos e dos documentos. Talhou-se para Colombo um figurino moral, como o que se cortou para D. Manuel, para D. João II, etc. São boas ou más essas e outras figuras á phantasia do escriptor, que depois acceita ou recusa os factos attribuidos, segundo as qualidades de que os revestiu. Chega a haver amigos e inimigos dos grandes homens do passado, que fazem resaltar, como importantissimos, factos de pequeno alcance, e encobrem outros que podem denegril-os! Proceder assim, não é fazer historia, é adulteral-a n'um pessimo romance.

Na sua primeira viagem ás Antilhas não é Colombo o apostolo, de que pretenderam fazer um santo; é um homem pratico que faz pagar caro o que sabe, e os serviços que vae prestar. Na certeza da existencia das terras do occidente assigna, antes de partir, um tratado com os reis de Castella, que, cedendo ás suas exigencias, lhe concedem o grau de cavalleiro da espora dourada, o titulo de *dom,* para elle e seus descendentes, os cargos de almirante-mór do mar oceano, e de vice-rei e governador perpetuo

das terras que descobrir, a decima de todas as rendas, e o direito de poder concorrer com o oitavo das despezas de todas as frotas, recebendo o oitavo dos lucros.

Viajavam de ha muito os navegadores portuguêses para occidente, á sua custa; vinham offerecer ao rei as novas terras, como Dulmo e Lavrador; ficavam crivados de dividas por causa do armamento das frotas, como os Corte-Reaes; e dispendiam n'isso, como muitos outros, totalmente as suas fortunas.

Commentava Las Casas [1] n'estes termos as concessões: «na petição das quaes mostrou Christovão Colombo sua grande prudencia, e ser de animo generoso, e não menos a quasi certeza que levava de achar o que pretendia».

Ao partir não se preoccupa Colombo com a entrada dos gentios no gremio da egreja, não leva padre, frade, nem capellão nas caravelas. O que promette aos reis é trazer «mercadorias de toda a qualidade, perolas, pedras preciosas, ouro, prata e especiarias».

---

[1] Cap. XXVIII, pag. 218.

No empenho de se atravessarem no caminho das Indias, de tirarem partido dos trabalhos portuguêses de tantos annos, de colherem o fructo dos esforços intelligentes de muitas gerações de navegadores, pagavam generosamente os reis de Castella a Colombo, como depois a Magalhães, e como o rei de Inglaterra ao Lavrador, o conhecimento, adquirido em Portugal das terras do occidente, para onde ia ensinar a navegação.

Além do que lhe deram, destinaram 10:000 maravedis para o marinheiro que annunciasse terra. Mas quando Rodrigo de Triana gritou da gavea alegremente, esperando receber as reaes alviçaras, disse Colombo que já na noite anterior vira uma luz, e como se fosse pouco o recebido, apossou-se tambem da gratificação!

Tinha extranhas maneiras de se manifestar a sua falada caridade christã.

Ao chegar ao golfo de Samaná, logo na primeira viagem, faz correr sangue, luctando com os pobres indios nus e desarmados, que só podiam despedir settas de cana, quasi brinquedos de creanças, contra as armaduras de que se revestiam elle e os seus.

Não podendo enviar as promettidas riquezas in-

dianas, mandou á rainha de Castella cinco navios carregados de escravos para serem vendidos, e se pagar com o preço d'elles o custo das viagens.

De 1493 a 1496, governando a Hispaniola (Haiti), exterminou a terça parte da população.

Nas instrucções a Pedro Margarite para ir reconhecer Cuba [1], mandava-o mutilar barbaramente os indios: « castigae-os tambem cortando-lhes os narizes e as orelhas, porque são membros que não poderão esconder ».

No mesmo triste documento manda urdir um ardil contra o cacique Cahonaboa para que o prendam á traição. Eis as suas instrucções textuaes: « vão com um presente... mostrando-lhe que tenho muito desejo da sua amisade, e que lhe enviarei outras cousas... e tratem-no assim de palavras até que tenham amisade com elle, para melhor o poderem haver... e podem enviar outra embaixada até que o dito Cahonaboa esteja assegurado, e sem receio de que lhe possam fazer mal, e depois... prendam-no como melhor lhes parecer ».

Effectivamente o pobre cacique foi preso com

---

1 Navarrete, vol. II, pag. 126.

novos requintes de malvadez. É Hojeda, um dos pretendidos descobridores do Brasil, quem executa a traição [1], e, deve dizer-se em seu abono, excedendo o mestre em deslealdade e em sanguinarismo.

Assim começa a ligação entre Colombo, Hojeda, Pinzon e Lepe, a concordancia entre os seus feitos, propositos e processos civilisadores [2].

Constitue uma das mais flagrantes injustiças de toda a historia o que se tem dito de Colombo, das suas relações com Portugal e do seu papel na descoberta da America!

Comtudo Colombo enriqueceu a Hespanha, guiando-a aos descobrimentos, abrindo um grande continente á sua insaciavel cubiça de oiro, levando-a a fundar as grandes nações americanas que a perpetuam, e facultando-lhe os thesouros riquissimos que lhe permittiram estender a muitos paises a sua oppressão.

Em paga d'isto soffreu perseguições e desgostos; foi submettido a um tribunal, ao voltar da segunda viagem; e regressou da terceira, depois de

---

[1] Navarrete, vol. III, pag. 166.

[2] Veja-se o cap. X onde se confrontam os documentos dos processos civilisadores dos portuguêses e hespanhoes.

dois mezes de calabouço, preso a uma grilheta como um ladrão!

Perpetuou-se a injustiça atravez de quatro seculos. Em 1892, ao celebrar-se o 4.º centenario, n'essa Hespanha que tudo lhe devia, foi denegrida a sua memoria, foi amesquinhado o seu serviço, não em defeza de um justo direito ferido, mas em favor de uma grosseira e ridicula invenção. Quiz-se fazer passar por descobridor da America Martin Alonso Pinzon, como tendo sido quem indicou o verdadeiro caminho a Colombo e o impediu de regressar desanimado. Esse Pinzon, segundo os seus panegyristas, obteve o conhecimento da America uma vez que foi a Roma vender sardinhas! Canovas del Castillo, então presidente do conselho, n'uma conferencia no Atheneu de Madrid, absolveu o indigno Bobadilla de ter encarcerado e posto a ferros o homem que os conduzira ao occidente: «que fez emfim Bobadilla, disse elle, senão applicar o principio, hoje tão querido de todos, da egualdade perante a lei? Colombo era para elle um delinquente e como delinquente o tratou»!

Liquidado o imperio colonial n'uma onda de sangue e n'um punhado de oiro, ultimo d'esse sangue derramado em caudaes na descoberta e na con-

quista, derradeira migalha d'aquelle oiro extorquido aos caciques na fogueira e na tortura [1], não podendo salvar mais nada do desastre, trasladou a Hespanha, de Cuba para Sevilha, os pretendidos ossos do desventurado navegador, que nem lhe pertenciam porque elle era genovês.

Fôra sepultado Colombo, o eterno expatriado, em 1506 em Valladolid, em 1513 mudado para Sevilha e em 1536 trasladado para Haïti, a sua querida Hespaniola. Cedida a ilha á França em 1795 tiraram de uma cova raza da cathedral de Santo Domingo «pedaços de ossos de canelas e outras varias partes de algum defunto que se recolheram em uma salva» [2], e foram levados para Cuba como sendo os ossos do almirante. A sua retirada d'ali em 1498 não era mais do que uma repetição da mesma cerimonia!

Acompanhou-o na ultima trasladação um côro

---

[1] Veja-se no capitulo x a maneira como procederam os portuguêses e hespanhoes ao chegarem á America.

[2] Noticia official da trasladação pelo almirante Aristizabal. Navarrete, vol. II, pag. 409. Na cathedral de Santo Domingo ha porém uma caixa de folha com uns ossos que dizem ser os verdadeiros ossos de Colombo.

de improperios dos cubanos e dos hespanhoes, dos que despedaçavam algemas e dos que viam fugir a preza; e o publico da metropole, que não protestára contra as bravatas nem contra as capitulações, apedrejou a sua estatua e amaldiçoou a sua memoria!

Atravessando o Atlantico pela derradeira vez, sem que quatro seculos lhe déssem o direito de descançar, no regresso da ultima viagem como na volta da primeira, foi passar nos Açores; e a generosidade portuguêsa, esquecendo os prejuizos que esse homem lhe causára, as injustiças que com elle tinham feito, depôz corôas de flôres sobre o seu feretro, as unicas com que desceu ao tumulo em Sevilha; emquanto que a Hespanha maldizia a hora em que elle saíra de Palos, provando assim que as suas descobertas e conquistas não tinham partido de uma tendencia natural, mas do incitamento e da iniciativa d'aquelle homem. Portugal, que começára os descobrimentos um seculo antes, continuava e continua ainda serenamente, civilizando, colonisando extensos territorios, no consciente cumprimento da sua grande missão!

VIII

A frota de Cabral

Conhecidos por Vasco da Gama a grandeza e alcance das emprezas da India, organisou D. Manuel para ir ás regiões do distante oriente uma grande frota de treze navios, sendo dez naus destinadas a Calecut, dois navios para Sofala e um que ia de conserva com os mantimentos.

Sabe-se o nome das naus *São Pedro,* de que era capitão Pero d'Ataide Inferno; *Annunciada* do commando de Nuno Leitão da Cunha; e *El-Rei* [1].

---

[1] *A Historia Geral do Brasil,* pelo Visconde de Porto Seguro, tom. I, pag. 70, nota, cita um documento da Torre do Tombo que lhe parece dever attribuir-se a esta expedição. Exa-

Dão *O Livro das Naus, Chronica de D. Manuel* e *Decadas da Asia* como capitães das naus: Sancho de Toar, que devia succeder a Cabral em caso de morte; Simão de Miranda d'Azevedo, Ayres Gomes da Silva, Nicolau Coelho, Bartholomeu Dias, Diogo Dias, Gaspar de Lemos, Luiz Pires, Simão de Pina, Pero d'Ataide Inferno, Vasco d'Ataide e Nuno Leitão da Cunha. Cabral commandava a nau capitania.

Não refere Gaspar Correia, *Lendas da India,* os nomes de Pero d'Ataide Inferno e de Ayres Gomes da Silva; dá Simão de Miranda d'Azevedo como

---

minámos esse documento, uma folha de papel que só trata da quebra da carga das naus *Santo Espirito, Santa Cruz, Flôr de la Mar, S. Pedro, Victoria,* galeão *Trindade* e nau *Espera.* Transcrevamos uma parte:

« Nau São Pedro: — Item, Carregou de pimenta em Coulão 5:062 quintaes, 3 arrobas e 12 arrateis.

E descarregou aqui (em Lisboa) 3:477 quintaes, 2 arrobas e 8 arrateis.

Assim quebrou por toda por entrada 1:585 quintaes, 1 arroba e 4 arrateis. Que sae a 32 quintaes e meio por cento. »

Estes sete navios não são os de Pedro Alvares Cabral, que chegou á India apenas com seis, um dos quaes se perdeu no regresso.

commandante da nau capitania e devendo succeder a Cabral; e publíca a mais os nomes de Braz Matoso, Pedro de Figueiró e André Gonçalves. Segundo elle, este ultimo, Luiz Pires e Gaspar de Lemos commandavam navios pequenos.

Iam na frota Pero Vaz de Caminha, auctor da celebre carta a D. Manuel; mestre João physico, que enviou ao rei uma outra carta; Duarte Pacheco Pereira, auctor do *Esmeraldo;* os pilotos Pero Escolar, Affonso Lopes e os que Vasco da Gama trouxe de Melinde; os frades Henrique de Coimbra, Gaspar, Francisco da Cruz, Simão de Guimarães, Luiz do Salvador, Maffeu, Pedro Netto e João da Victoria; Balthazar e outros indios vindos na primeira viagem; os interpretes Gaspar da Gama, Gonçalo Madeira de Tanger e um grumete negro da Guiné; os degredados Affonso Ribeiro, João Machado, Luiz de Moura, Antonio Fernandes, que era carpinteiro de naus, e mais 16; Ayres Correia, feitor de Calecut e seus filhos Ayres e Antonio, Vasco da Silveira, Fernão Peres Pantoja, João de Sá, Francisco Henriques, Lourenço Moreno, Fernão Diniz, Affonso Furtado, Sebastião Alexandre e Gonçalo Peixoto.

Chegaram até nós apenas estes nomes, mas o

total da gente era de 1:200 homens, segundo as *Decadas,* e de 1:500 conforme a *Chronica de D. Manuel.*

Eis as categorias e vencimentos: [1]

	Vencimentos em cruzados	Quintaes de pimenta	Caixas forras
Capitão-mór.	10:000 por viagem	500	10
Capitães das naus.	1:000 por cada 100 toneis da nau	50	6
Mestres e pilotos	500 por viagem	30	4
Condestavel (1 por nau). .	200 idem	10	2
Homens d'armas.	5 por mez	3	1
Marinheiros	10 idem	10	1
Bombardeiros (10 por nau)	idem, idem	10	1
Contramestres e guardiões.	1 1/2 vencimento de marinheiro		
Officiaes das naus: Clerigos (2 por nau)			
Calafates (idem) . . .			
Carpinteiros (idem). .			
Estrinqueiros (idem) .	2/3 de vencimento de marinheiro		
Dispenseiros (1 por nau)			
Barbeiros-sangradores (idem).			
Grumetes	1/2 vencimento de marinheiro		
Pagens.	1/3 de vencimento de grumete		

Tinham o direito de trazer de graça nos navios essas quantidades de pimenta, comprada á sua custa pelo preço que custasse ao estado, e que este

[1] Segundo as *Lendas da India.*

adquiria á chegada a Lisboa pelo valor corrente da venda. Eram essas caixas livres de direitos, excepto da dizima de Deus, destinada á construcção dos Jeronymos.

Recebeu 100 cruzados em dinheiro, e um collar de ouro do mesmo valor, cada um dos pilotos mouros de Melinde. Iam fechados á chave os seus mantimentos e agua.

Recebia 10 cruzados por mez o interprete Gaspar da Gama, judeu aprisionado na India por Vasco da Gama.

Tinha cada tripulante a ração diaria de uma canada de vinho, mas no regimento recommendava-se aos capitães-móres das frotas que combinassem com elles dar-lhes só tres quartilhos logo pela manhã, para o vinho lhes durar mais tempo, em vista das quebras que havia em tão largas viagens.

Devia ser feita d'esta maneira a repartição das prêsas, « posto que n'ellas não devesse haver partes, por todos irem a soldo », diz o regimento: o capitão-mór tiraria a sua joia, cujo valor não excederia 500 cruzados, depois separar-se-ia o quinto para o rei, e o restante devia ser dividido em tres partes, duas ainda para o rei « pela armação, mantimentos

e artilheria». Tinham direito á ultima parte na seguinte proporção os que faziam a prêsa:

Capitão-mór.	15	partes
Capitães de navios de alto bordo . . .	10	»
Capitães de caravelas.	6	»
Mestres (sendo mestres e pilotos) . . .	4	»
Mestres.	3	»
Pilotos	3	»
Marinheiros.	2	»
Bombardeiros	2	»
Espingardeiros	2	»
Besteiros	2	»
Marinheiros armados	1 $^1/_2$	»
Homens d'armas.	1 $^1/_2$	»
Grumetes	1	»

«E Nossa Senhora de Belem havemos por bem que haja outro tanto, como o que ha-de haver, por bem d'este nosso regimento, cada um dos capitães das naus de alto bordo, que são dez partes, as quaes virão para a obra de sua casa (Jeronymos); e estas partes nos apraz que todos tenhaes, assim do que se fizer em terra, como do que se fizer no mar».

Adiantava-se dos soldos 5:000 cruzados ao capitão-mór, 1:000 aos capitães, um anno á gente do

mar que era casada, e seis mezes á solteira. Recebiam os homens d'armas seis mezes, e roupas brancas.

Ao pagar esses adiantamentos na «Casa de Guiné e Indias» fazia-se uma relação de todos os que recebiam, pondo-se além do nome qualquer alcunha ou appellido que tivessem, se eram casados e onde, nome de pae e mãe. Por essa relação procedia-se á chamada quando a frota chegava ao Restello. Eram ainda acceites e inscriptos os que se apresentavam com alvará d'el-rei, e desembarcados os que se tivessem mettido a bordo sem documentos. Dos que faltavam ao embarque mandava-se uma nota ao feitor da «Casa de Guiné e Indias» para que recebesse d'elles, ou dos seus fiadores, a importancia dos soldos adiantados. Eram castigados os que faltavam sem motivo.

Variava o typo e o tamanho dos primeiros navios que foram á India.

Eram tão leves as naus que varavam em terra, encalhadas pela prôa, como os actuaes barcos de pesca. Tinham a quilha e o cavername de carvalho; o forro, costado e convés de pinho e sobro; eram ligados com pregaria de ferro e calafetados com breu. Para poderem aguentar muito panno cir-

cumdava-lhes todo o costado um grande embono, servindo de cintado, seguro ao casco por prodigos de madeira, tão grosso que se andava por cima d'elle. Ainda mantêm, no forte cintado, e nos olhos pintados á prôa, a tradição da marinha das descobertas, as fragatas de carga e outros barcos pequenos do Tejo.

Muito largas proporcionalmente ao comprimento, tinham as naus á prôa e á ré altos castellos, cuja parte superior se chamava chapiteo.

Para o seu serviço traziam dentro o batel, a moderna lancha, embarcação possante que andava á vela e a remo, e chegava a armar artilheria; e o esquife, o actual bote, com bancadas para quatro ou seis remadores.

Tinham geralmente tres mastros, com mastareos e cestos de gavea, verdadeiros cestos dentro dos quaes se ferrava o panno da gavea. Armavam redondos, em grandes bolsos, para levantar a prôa quando o vento enfunava as vélas. Não ia além de 4 ou 5 milhas a sua velocidade.

Eram de corrente os fuzis da enxarcia, e de linho os cabos e as amarras. Levavam amarras de corrente, até um pouco abaixo da linha de agua, os navios de Cabral, para evitar que lh'as cortassem,

como em Mombaça pretenderam fazer ás naus do Gama.

Para o combate assestavam nas baterias da amurada meios canhões, esperas e columbrinas; e nos castellos berços, aguias, sacres e falcões. Eram de bronze, de carregar pela culatra e atiravam pelouros de pedra e ferro, estas peças da antiga artilheria, de nomes e formas curiosas. Combatiam dos castellos, e das pontes que os ligavam, os homens de armas vestidos de couras de laminas, saios de malha e elmos; armados de lanças, espadas, béstas, machados e espingardas. Nunca usaram os portuguêses armaduras completas, por causa do custo e dos climas quentes em que tinham de combater.

No mais accêso da lucta, ao afferrar outra nau, despediam virotões das gaveas, e atiravam á mão panellas de polvora e alcanzias de fogo.

Tinham as naus a cruz pintada nas vélas, como se vê em todos os desenhos do seculo XV e XVI; e usavam uma grande variedade de bandeiras entre as quaes o estandarte real, branco com as armas portuguêsas; a bandeira branca com a cruz de Christo; o pendão das quinas, branco, debruado a vermelho, com as cinco quinas azues; bandeiras azues com a cruz branca e as quinas; guiões e pendões farpados

brancos com a cruz de Christo; pendões farpados amarellos, verdes, amarellos e vermelhos; flamulas verdes e vermelhas içadas ás tres, a par, no mastro grande; e as bizarras divisas e insignias especiaes de cada capitão.

Iam os navios de Cabral aparelhados e fornecidos do necessario para anno e meio de viagem, bem providos de artilheria, munições, pipas d'armas brancas, espadas e lanças, e uma botica em cada nau.

Para commerciarem ia coral em ramo e em fio; cobre, vermelhão, mercurio e ambar; pannos de lã grossos e finos; velludos, setins e damascos de todas as côres.

Levavam os padres um retabulo da Senhora da Piedade, orgão, paramentos e alfaias de prata.

Recebeu Cabral em 15 de fevereiro de 1500 a carta da capitania-mór e dos poderes de que ia revestido. N'essa carta [1] é tratado por Pero Alvares de Gouveia, appellido de sua mãe D. Isabel de Gouveia.

Era a missão que tinha a desempenhar detalhadamente descripta no regimento de capitão-mór da frota que ia á India, regimento de que restam

---

[1] *Gonçalo Velho,* por Ayres de Sá.

ainda dois fragmentos, um extenso, que se conserva na Torre do Tombo; e outro menor, uma pagina apenas, publicado em *fac-simile* na *Historia Geral do Brasil.*

Por esses dois fragmentos, que abrangem a parte principal, e pelas instrucções que, segundo Gaspar Correia [1], deu D. Manuel a Cabral, vê-se que o seu regimento era identico ao que depois levaram D. Francisco d'Almeida [2], Fernão Soares [3], e Diogo Lopes de Sequeira [4], ao irem á India.

A parte publicada é quasi exactamente correspondente a esses regimentos; a que está na Torre do Tombo tem a mesma disposição, os mesmos *itens,* a mesma forma precisa de determinar procedimentos, prevêr hypotheses, preceituar maneiras habeis e cautelosas, que aquelles documentos.

Reconstituindo-o assim, começava o regimento por ordenar os « Alardos de gente », relações para os adiantamentos e chamadas de que já falámos; depois recommendava a « Vigia do fogo », para que

---

[1] *Lendas da India*, pag. 140, 150.

[2] Alguns documentos, pag. 139.

[3] Idem, pag. 160.

[4] Idem, pag. 184.

houvesse toda a vigilancia por causa dos incendios; em seguida estabelecia as « Regras dos mantimentos », a maneira de acautelar as « Chaves dos paioes dos mantimentos », as « Regras dos vinhos ».

D'ahi passava ao « Caminho que fará em partindo », capitulo de que trata o fragmento publicado em *fac-simile* na *Historia Geral do Brazil* e que, por não vir completamente interpretado n'essa obra, reproduzimos aqui:

« Esta é a maneira que pareceu a Vasco da Gama que deve ter Pero d'Alvares em sua ida, prazendo a nosso senhor.

Primeiramente, antes que d'aqui parta, fazer mui bôa ordenança para se não perderem uns navios dos outros n'esta maneira.

A saber: cada vez que houverem de virar fará o capitão mór dois fogos e todos lhes responderão com outros dois cada um. E depois de lhe assim responderem todos virarão. E assim lhes terá dado de signal, que a um fogo será por seguir, tres por tirar moneta [1], e quatro para amainar.

---

[1] « Os navios de pequeno lote, quando podiam fugir ao tempo, sem as ondas lhe galgarem as alhetas, içava uma *moneta*

E nenhum virará, nem amainará, nem tirará moneta, sem que primeiro o capitão mór faça os ditos fogos e todos tenham respondido. Salvo se alguma das naus não soffrer tão bem a véla como a do capitão e a força do tempo lhe requeira que a tire. E depois que assim forem amainados, não guindará nenhum senão depois que o capitão mór fizer tres fogos e todos responderem, e minguando algum não guindarão, sómente andarão amainados até que venha o dia, porque não poderão tanto rolar as naus que no dia se não vejam.

Se os navios partindo d'esta costa se perderem uns dos outros com o tempo e que uns corram a

---

ao pé do mastro, que alguns dizem ser uma vela triangular como a polaca, ou um bolso do traquete ». *Os navios de Vasco da Gama* por João Braz d'Oliveira, capitão tenente da armada, pag. 24. « As velas mestras amainavam sobre a borda, e para lhes augmentar ou diminuir a superficie cosiam ás esteiras as *monetas,* onde estavam pintados letreiros piedosos, *Ave Maria, Ave Maria Stella, In hoc signo vinces,* ou só as iniciaes P. N. A. M. G. P. (Padre Nosso, Ave Maria, Gloria Patri) para não haver enganos no envergar das vélas. » *Influencia do infante D. Henrique no progresso da marinha portugueza. Navios e armamentos,* pelo mesmo, pag. 71.

um porto e outros a outro a maneira para se ajuntarem.

Se os navios partindo d'esta cidade, antes de atravessarem ás Canarias, os tome o tempo com que hajam de tornar, farão todo o possivel por todos tornarem a esta cidade, e se algum a não podér haver trabalhe-se quanto poder por tomar Setubal, e de onde quer que se achar vol-o fará saber logo aqui para lhe ser mandado o que faça.

E por este aparelhar, fará qualquer, que fôr desaparelhado, muitos fogos por tal que os outros navios vão a elle.

E não lhe fazendo de noite os ditos signaes alguns dos navios, nem no vendo pela manhã, vós fareis com todos os outros o vosso caminho direito á aguada de São Braz e ali, emquanto tomardes agua, vos poderá o dito navio encalçar e não vos encalçando partireis como fordes prestes, e deixar-lhe-eis ahi taes signaes [1], por que saiba quando ali chegar que sois partido e vos siga.

---

[1] O regimento dado a Fernão Soares, que foi á India em 1507, explica n'estas palavras em que consistiam esses signaes: «deixando ahi por signal da vossa chegada e partida uma cruz grande, feita da maneira que apparece na margem d'esta folha,

Depois que em boa hora d'aqui partirem, farão seu caminho direito á ilha de Santiago e, se ao tempo que ahi chegarem, tiverem agua em abastança para quatro mezes, não devem pousar na dita ilha nem fazer nenhuma demora, sómente emquanto o tempo lhes servir á pôpa fazerem seu caminho pelo sul, e se houverem de guinar seja sobre a banda de sudoeste. Se tomaram antes a ilha de S. Nicolau, no caso d'esta necessidade, pela barra da ilha de Santiago. E tanto que n'elles der o vento escasso devem ir na volta do mar, até metterem o cabo da Bôa Esperança em leste franco, e d'ahi em diante navegarem segundo lhes servir o tempo e mais ganharem, porque como forem na dita paragem não lhes minguará tempo, com a ajuda de Nosso Senhor, que cobrem o dito cabo. E por esta ma-

---

na primeira arvore que estiver sobre a desembarcação da ilha de Palma, tirada a casca da dita arvore, ao que appareça a cruz no branco do pau... e mais deixareis tres ou quatro cartas a outros tantos negros para por ellas, além do dito signal, quando ahi chegarem qualquer navio ou navios que não tiverem vossa companhia saberem que sois passado e vos sigam... qualquer capitão, a que se derem, dê ao primeiro negro, que lhe der a sua, seis manilhas, e por cada uma das outras dê quatro, porque cada um tenha mais vontade de o fazer ».

neira, lhe parece que a navegação será mais breve e os navios mais seguros do gusano e isso mesmo os mantimentos se tem melhor e a gente irá mais sã.

E se fôr caso, que Nosso Senhor não queira, que alguns d'estes navios se percam do capitão, deve-se ter de ló quanto podér para haver o cabo e ir-se á aguada de São Braz (... marcas d'onde se façam os caminhos para os navios que assim se perderem, e que isto se faça com mui boa pratica de todos os pilotos). E se fôr ahi primeiro que o capitão deve-se amainar mui bem e esperal-o, porque é necessario que o capitão mór vá ahi para tomar sua agua, para que d'ahi em diante não tenha que fazer com a terra, mas arredar-se d'ella até Moçambique por... da gente e não ter n'ella que fazer.

E se fôr caso que o capitão mór venha primeiro a esta aguada que o tal navio ou navios que se d'elle perder... »

Era no sul d'Africa a Angra de S. Braz. Interrompe-se aqui essa parte do regimento, ou talvez esse rascunho de uma parte do regimento, com as indicações nauticas dadas por Vasco da Gama, que acabava de percorrer o mesmo caminho, indicações destinadas a intercalar no regimento, onde havia

detalhes meramente regulamentares, administrativos, politicos, etc.

Falta a parte relativa a Moçambique, e a Melinde onde haviam de ficar os pilotos mouros, e Cabral devia entregar presentes e cartas que levava para o rei.

Começa por estas palavras o fragmento existente na Torre do Tombo [1]: « Jesus. Item tanto que, a Deus prazendo, partirdes de Angediva, ireis vossa via ancorar diante de Calecut, com vossas naus juntas e mettidas em grande ordem, assim de bem armadas, como de vossas bandeiras e estandartes, e as mais louçans que poderdes. »

Preceituavam as instrucções a maior urbanidade.

Com respeito ás naus que encontrassem em Angediva estabeleciam o seguinte: « não fareis nenhum nojo, antes a salvareis e lhe mostrareis bom rosto e signal de paz e boa vontade, dando de comer e beber, e fazendo todo o outro bom tracto, a todos aquelles que ás ditas naus vierem ».

Apparece synthetisado nas communicações que

---

[1] Alguns documentos, etc., pag. 97.

Pedro Alvares Cabral devia fazer ao Samorim, ácerca da maneira como estava disposto a proceder, a ideia primordial das descobertas, o proposito, que levára ao oriente os portuguêses: « porquanto nós temos sabido que em sua cidade negoceiam mouros, inimigos da nossa santa fé, e a ella veem suas naus e mercadorias, com os quaes, assim pela obrigação que a isso deve ter todo o rei catholico, como porque a nós vem quasi por direita successão, pelo que miudamente lhe podereis apontar das cousas da guerra d'além, nós temos continuadamente guerra... lhe fazei saber que se, com as naus dos ditos mouros de Meca topardes no mar, haveis de trabalhar quanto poderdes por as tomar, e de suas mercadorias e cousas, assim mouros que n'ellas vierem, vos aproveitar, como melhor poderdes, e lhe fazerdes toda guerra e damno que possaes, como a pessoas com quem tanta inimisade e tão antiga temos; e tambem porque cumprimos com aquillo que a Deus nosso Senhor somos obrigados; porém, que seja certo que, em seu porto, e diante de sua cidade, posto que vós as topeis... lhes não fareis damno nem mal algum, e sómente lhes será assim feito topando-as no mar... que todos os indianos que n'ellas se acharem, e suas mercadorias e cou-

sas não se fará nojo nem damno, antes toda a honra e bom tracto, e serão seguros d'isto para livremente, com todo o seu, serem deixados; porque sómente aos ditos mouros será feita a guerra, como a inimigos que são nossos; e que ainda nos praz que... porque n'isto cumpria o que deve como rei christão, os lançar de sua terra e não consentir mais que a ella venham nem commerceiem ».

São a demonstração official de que a ida ao oriente tinha por fim continuar esse duello de religiões, de civilisações, de raças, e que proseguia conscientemente a larga cruzada em que se empenhára Portugal, as explicações que Pedro Alvares Cabral devia dar ao Samorim.

Sobreleva, porém, ao intuito politico o economico.

Ao mesmo tempo que devia aconselhar o rei de Calecut a cumprir o seu dever religioso, porque ainda era considerado como christão, offereceria Portugal como o melhor freguez para a sua especiaria.

Precisava o reino de lucros materiaes para continuar a guerra, e necessitava tambem fazel-o lucrar com a violenta mudança que lhe propunha.

Determinava-se isto no regimento de 1500.

Ainda em 1505 explicava o *Esmeraldo* « que

se acharia tanto ouro com outras tão ricas mercadorias com que... se poderia fazer guerra aos infieis inimigos da nossa santa fé catholica»; e continuava n'outro ponto: «por esta preversa gente ser inimiga da nossa santa fé catholica os reis d'estes reinos, do tempo de el-rei D. João de gloriosa memoria (D. João I) para cá, lhe fizeram sempre aspera guerra».

Levava Cabral portanto instrucções para continuar contra os musulmanos a desapiedada lucta de ha tantos seculos; e para tratar os indios da melhor fórma possivel, procurando ligal-os pelo interesse, e chamal-os ao gremio da religião christã.

Eis a razão da sangrenta guerra travada com os arabes, n'essa época o povo mais temido, que atemorisava a Europa inteira, e ia obtendo contra ella successivos triumphos.

Determinava-se tambem que no regresso constituisse a frota duas divisões, uma com os navios veleiros e outra com os mais pesados, commandando o capitão-mór aquella a que seu navio pertencesse, e assumindo Sancho de Toar o commando da outra, excepto se fossem de egual velocidade os navios de ambos, porque então viriam juntos, sendo nomeiado para a outra divisão novo capitão.

Está tudo preparado, organisado, determinado para a partida.

Prompta a armada dirigiu-se Pedro Alvares Cabral, com toda a gente ricamente vestida, sob o commando dos capitães, ao som das trombetas, ao paço da Alcaçova a despedir-se de el-rei e da rainha.

Atravessou festivamente a cidade o vistoso cortejo acompanhado de grande multidão, e foi ao Caes da Ribeira embarcar nos bateis enfeitados de bandeiras multicores. Salvaram as naus, alegremente embandeiradas, despedindo-se de Lisboa, e desceram o rio indo ancorar em Belem.

Houve no dia seguinte na ermida do Restello missa de pontifical, a que assistiu toda a côrte, tendo D. Manuel a seu lado na tribuna Pedro Alvares Cabral.

Prégou D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta e depois de Vizeu, um dos da junta dos astronomos de D. João II, tomando para assumpto a grande empreza que a frota ia desempenhar, e os feitos gloriosos dos antepassados dos capitães. Terminou exhortando-os a que se encommendassem a Nossa Senhora para que os guiasse a salvamento, afastando-lhes os perigos do mar.

Finda a oração, benzeu o bispo o estandarte real, arvorado no altar-mór, e entregou-o o rei solemnemente a Cabral.

Então saíram da egreja, a bandeira á frente levada pelo alferes, os frades com cruzes e reliquias cantando orações, n'uma imponente procissão, acompanhados pelo rei até á praia, onde o capitão-mór e os outros capitães se despediram, beijando-lhe a mão.

Regorgitavam de povo os campos e o areial, e o rio estava coalhado de embarcações.

Ao apparato brilhante da frota correspondiam os bateis ostentando colchas, flamulas, bandeiras com as divisas dos fidalgos.

Não se ouviam já os choros, os lamentos, os murmurios da partida de Vasco da Gama [1]. Atroavam os ares festivamente sistros, gaitas, atabaques, tambores, flautas, pandeiros e trombetas.

E assim se fez de véla, acompanhada pelo rei até á barra, a frota de Cabral, que reconheceu offi-

---

[1] *A viagem maravilhosa,* romance historico por Faustino da Fonseca.

cialmente o Brasil e marcou na historia a época do seu inicio na civilisação; a que, no elegante dizer do chronista João de Barros, era «a mais formosa e poderosa armada que até áquelle tempo para tão longe d'estes reinos partira».

IX

A viagem

«Maravilhosas coisas são os feitos do mar, e assignaladamente aquelles que fazem os homens em maneira de andar sobre elle, por mestria e arte, assim como em naus e galés e em todos os outros navios mais pequenos... Todos aquelles que no seu poderio forem devem trabalhar por quatro coisas: a primeira que sejam sabedores de conhecer o mar e os ventos; a segunda que tenham navios tantos e taes, e assim providos, encaminhados de homens e armas, e outras coisas de que houverem mister; a terceira é que não se deem a tardança nem a preguiça das coisas que devem, que bem assim como

o mar não é vagaroso em seus feitos, mas os faz depressa, bem assim os que n'elle querem andar devem ser aguçosos e apressados nas coisas que tiverem de fazer, por tal forma que, em quanto bom tempo tiverem não o percam, mas ajudem-se d'elle em seu proveito; a quarta é que sejam muito bem mandados aquelles que tiverem encargo de os mandar, porque, se os de terra em sua hoste o devem fazer assim, que bem podem ir por seus pés, ou em suas bêstas a qualquer parte que lhes aprouver, e quando quizerem, quanto mais o devem fazer assim os do mar, cujo ir ou ficar não está em seu poder ou querer, como aquelles que teem por cavalgaduras os navios, que são de madeira, e os ventos por freios, os quaes não podem mandar nem ter cada vez que o quizerem, posto que estejam em perigo de morte ».

Mostram essas interessantes palavras do regimento dos almirantes de Portugal [1], em que transparece o enthusiasmo dos portuguêses pela vida do mar, que já em 1471 eram cautelosamente dispostas as viagens, e detalhadamente delineadas, de ma-

[1] Alguns documentos, etc., pag. 33.

neira que o acaso desapparecia por completo, e o imprevisto era reduzido cada vez a menores proporções.

Tambem tivera o seu minucioso regimento a frota de Cabral, ia organisada de maneira que ainda hoje causa admiração, e levava marcado o proprio rumo, o discutido rumo em que foi ao Brasil.

Ao partirem da ilha de Santiago de Cabo Verde deviam os navios fazer o seu caminho pelo sul: « e se houverem de guinar (desviar, bordejar) seja sobre a banda de sudoeste... e tanto que n'elles der o vento escasso devem ir na volta do mar até metterem o Cabo da Bôa Esperança em leste franco ».

Duarte Pacheco, no *Esmeraldo de situ orbis,* descrevendo o caminho da costa de Africa, com escala pela Angra dos Ruivos, Bisiguiche (Goréa), e S. Jorge da Mina, que se pretendia seguir na viagem para a India; que Diogo Cão fizera até ao Congo, e Bartholomeu Dias percorrera, tocando tambem na Angra do Salto, ao descobrir o Cabo da Boa Esperança; consignava já outro rumo, porque as grandes difficuldades em dobrar o extremo sul do continente tinham feito abandonar aquelle: « costumamos fazer outra via para a India, partindo

do Cabo Verde pelo golfão por onde se encurta mais a viagem e nos fica em mór proveito».

Explica João de Barros [1], que transcrevemos por estar de accordo com o documento, que se tomava esse rumo: «por fugir da terra da Guiné, onde as calmarias lhe podiam impedir seu caminho, empegou-se muito no mar por lhe ficar seguro poder dobrar o Cabo da Boa Esperança».

Diz Galvão, *Tratado dos descobrimentos,* nas mesmas condições de Barros: «Partiu Pedro Alvares... com regimento que se afastasse da costa d'Africa para encurtar a via».

Por sua parte escreve Gaspar Correia: [2] «Dom Vasco da Gama fez conselho com os mestres e pilotos da navegação que fariam para encurtar caminho, que era cortar pelo mar largo, tomando largos os ventos do mar que corriam para terra, com muito resguardo por dobrar o Cabo da Boa Esperança».

Ficou sendo usual seguir este caminho para a India. Falando da viagem de D. Francisco d'Al-

---

1 *Decadas da Asia,* 1.ª, pag. 85.

2 *Lendas da India,* vol. I, pag. 149.

meida diz Galvão: «e fez seu caminho na volta do Brasil como era costume».

Percorrera-o tambem Vasco da Gama por conveniencia da sua viagem. Explicavam os escriptores de então com as mesmas rasões as viagens dos dois. Escreve Gaspar Correia [1], falando do rumo dos navios do Gama: «corriam quanto podiam para o mar, donde era o vento, por dobrarem a terra sem trabalho»; e depois [2] descrevendo o caminho seguido por Cabral: «por se mais metterem no mar, para que os ventos lhes fossem mais largos para navegar para o cabo».

Effectivamente indicára o Gama a Cabral o rumo que já seguira «indo na volta do mar ao sul e a quarta do sudoeste» [3].

Foi assim a primeira parte da viagem da frota, de Lisboa ao Brasil, o cumprimento das instrucções recebidas; o exacto seguimento d'esse caminho traçado por conveniencia da navegação; uma coisa natural, regular, prevista, sem incidentes, sem surpre-

---

1 *Lendas da India*, vol. I, pag. 16.

2 *Idem*, idem, pag. 149.

3 *Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, pag. 3.

zas, sem contrariedades, sem difficuldades de qualquer ordem.

Chegaram até nós as narrativas de Caminha e de um dos pilotos. Ninguem melhor do que elles póde dizer o que se passou.

Escreve Pero Vaz de Caminha a D. Manuel: «que a partida de Belem, como vossa alteza sabe, foi segunda-feira 9 de março; e sabado, 14 do dito mez, entre as 8 e 9 horas, nos achámos entre as Canarias, mais perto da Gran Canaria, e ali andámos todo aquelle dia em calmaria, á vista d'ellas, obra de tres ou quatro leguas; e domingo 22 do dito mez, ás 10 horas, pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber: da ilha de S. Nicolau, segundo dito de Pero Escolar, piloto; e a noute seguinte a segunda-feira lhe amanheceu se perdeu da frota Vasco de Athayde com a sua nau, sem ahi haver tempo forte, nem contrario para poder ser; fez o capitão suas diligencias para o achar a umas e outras partes, e não appareceu mais; e assim seguimos nosso caminho por este mar de longo até terça-feira de oitavas de paschoa, que foram 21 de abril, que topámos alguns signaes de terra... e a quarta-feira seguinte... houvemos vista de terra».

Descreve o piloto n'estes termos o que se passou: «No dia seguinte levantámos ancoras com vento prospero, e aos quatorze do mesmo mez chegámos ás Canarias; aos vinte e dois passámos Cabo Verde, e no dia seguinte esgarrou-se uma nau da armada, por fórma tal que não se soube mais d'ella. Aos vinte e quatro de Abril, que era uma quarta feira de oitavario da paschoa, houvemos vista de terra».

Foi avistado o Brasil na quarta-feira 22 de abril. Concorda o piloto em todas as datas com Caminha, e n'esta é egual no dia, mas differe na data por erro de copistas e traductores. Está na Torre do Tombo o original da carta de Caminha; foi traduzida para italiano, do original português, a narrativa do piloto que não se encontra, e vertida do italiano para a nossa lingua. Acertam com os dias da semana, antes e depois d'aquella, todas as datas de Caminha. A data da commemoração official é porém de 3 de maio, por se haver seguido os chronistas que a dão assim erradamente.

Nada dizem as duas testemunhas da viagem da tão falada *tempestade providencial, do temporal abençoado, do feliz acaso, das correntes impellindo a frota,* e de outros palavrosos logares communs com que

geralmente se pretende explicar a ida de Cabral ao Brasil.

Chega a dizer Caminha: «e assim seguimos nosso caminho», o que mostra como era consciente o rumo.

Houve porém um temporal, a que Caminha não allude porque fecha a sua carta em 1 de maio, vespera da saída do Brasil para o Cabo, mas que o piloto [1] descreve assim: «No outro dia, que eram dois de maio [2], fizemo-nos á véla para ir demandar o Cabo da Boa Esperança, achando-nos então engolfados nó mar mais de mil e duzentas leguas de quatro milhas cada uma; e aos doze do mesmo mez, seguindo o nosso caminho, nos appareceu um cometa para as partes da Ethiopia, com uma cauda muito comprida, o qual vimos oito ou dez noutes a fio; em fim do mesmo mez, navegando a armada toda junta, com bom vento, as vélas em meia arvore e seus traquetes, por causa de uma borrasca que ti-

[1] Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas, vol. II, pag. 107.

[2] Não só a chegada da frota ao Brasil não foi em 3 de maio, mas tambem n'esse dia nem sequer já lá estava.

*

nhamos tido em o dia antecedente, veiu um tufão de vento tão forte e tão de subito por diante, que o não percebemos senão quando as vélas ficaram cruzadas nos mastros; n'este mesmo instante se perderam quatro naus com toda a sua matalotagem, sem se lhes poder dar soccorro algum, e as outras sete que escaparam estiveram em perigo de se perderem; e assim fomos aguentando o vento com os mastros e as vélas rôtas, e a Deus misericordia todo aquelle dia; o mar embraveceu-se por maneira tal, que parecia alevantar-nos ao céo, até que o vento se mudou de repente, e posto que a tempestade ainda era tão forte que não nos atreviamos a largar as vélas, ainda assim navegando sem ellas, perdemo-nos uns dos outros, de modo que a capitania com duas outras naus tomaram um rumo, outra chamada *El-Rei* com mais duas tomaram outro, e as que restavam ainda outro; e assim passámos esta tempestade vinte dias consecutivos sempre em arvore secca; até que aos dezesseis do mez de junho, houvemos vista de terra da Arabia onde surgimos... »

Foi este o temporal que soffreram os navios de Cabral, mas deu-se depois de sairem do Brasil, ao irem para o Cabo. Se tivesse havido aquelle de que

falam, como teria escapado aos dois minuciosos narradores?

Deu logar á confusão a falta de um rigoroso estudo da viagem, a ignorancia d'estes preciosos detalhes, mudando-se inconscientemente a data da tempestade, para explicar com ella esse *mysterioso* procedimento de Cabral que, partindo para a India, fôra ter ao Brasil.

Em vez da frota ser occasionalmente arrastada áquelle rumo pelos ventos e correntes desconhecidas, foi o conhecimento das correntes maritimas e dos ventos geraes que determinou a escolha d'esse rumo, como mais conveniente á navegação.

De tentativa em tentativa, na ancia de colher novos resultados, mais seguras informações, tinham os navios portuguêses, nas suas longas viagens pelo Atlantico, notado a existencia das correntes, a ponto de contarem com ellas nas viagens, e de as descreverem nos roteiros.

Mostra o exame das correntes e ventos geraes, n'um planispherio actual, que ao seguir esse rumo se aproveitava a corrente equatorial do norte, para ir ao largo, evitando as calmarias do equador, a corrente equatorial do sul e os ventos geraes do sueste, contrarios á viagem para o sul; que se utili-

sava a corrente brasileira, que passa paralelamente á costa, á distancia de 40 ou 50 leguas, na direcção de nornordeste a susueste; e que se seguia essa corrente até que o encontro da corrente de juncção meridional, e dos ventos dominantes de noroeste, permittisse a viagem para o Cabo; que tinha de dobrar-se em rumo de nordeste, vindo do sul, por causa da corrente do Atlantico do sul, que contrariava a viagem aos que tocassem na costa occidental d'Africa, e por causa das correntes que do Mar das Indias vinham ali desembocar, tornando essa passagem tempestuosa e difficil.

E quanto mais os navios se afastavam das costas orientaes do Atlantico, quanto maior era o angulo que iam descrever para dobrar o cabo, quanto mais extenso era o caminho percorrido, tanto mais depressa realizavam a viagem, pela utilisação das correntes e ventos favoraveis, pelo afastamento das zonas de calmaria, pela distancia em que iam passar pelo sul d'Africa para entrarem no Oceano Indico.

Dura dezeseis mezes e dezesete dias a viagem de Bartholomeu Dias, que vae pela costa, levando nove mezes em explorações nos mares austraes, até que podesse passar á costa oriental; fazendo-se ao

largo, gasta Vasco da Gama, de Lisboa ao Cabo, quatro mezes e doze dias; correndo ainda mais para sudoeste faz Cabral o percurso em cerca de tres mezes, apezar da demora no Brasil e dos temporaes que soffreu de lá até ao Cabo.

Pôz Cabral ao Brasil o nome de Vera Cruz [1]. Diz Caminha: «ao qual monte alto o capitão pôz o nome monte Paschoal e á terra a terra de Vera Cruz». É datada a sua carta «d'este porto seguro da vossa ilha de Vera Cruz». É feita «em Vera Cruz» a carta de mestre João physico.

Mas não se vulgarisou este nome, e já em 29 de julho de 1501, na carta aos reis catholicos, diz D. Manuel: «á qual pôz o nome de Santa Cruz». Em carta de 1505 torna a dizer aos reis de Castella: «á qual terra pôz o nome de Santa Cruz: e isto foi porque na praia arvorou uma cruz muito alta».

No *Cancioneiro geral,* colligido por Garcia de

---

1 *Vera cruz* (verdadeira cruz), maneira corrente de alludir n'esse tempo á cruz: «muitos lenhos ha ahi, que dizem que são do lenho da vera-cruz e não são» Carta de Sá de Miranda em 1531. *Corpo diplomatico,* t. II, pag. 325.

Rezende (1516), emprega João Rodrigues de Sá a usual referencia á cruz:

«A veera cruz verdadeyra» [1].

Da mesma forma que, logo ao começo, originou a modificação do nome, produziu tambem a cruz a confusão da data. Lê-se nas *Lendas da India:* «o capitão mór pôz o nome de Santa Cruz a esta nova terra, por que a ella chegaram a tres de maio, dia de Santa Cruz». Tres de maio é o dia da «Invenção de Santa Cruz», isto é da «Descoberta da Santa Cruz», porque a *invenção* é mal traduzida do latim *inventione* (descoberta). E ahi está a origem da confusão.

Vem do pau brasil o nome Brasil, já conhecido na Europa na importação das drogas do oriente. Aponta-o por vezes Marco Polo entre as producções de varias terras da Asia. Indicam os preços do pau brasil do oriente o roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama, o *Livro dos pezos da India, o Livro das lembranças das cousas da India,* e outros.

Na carta do feitor João Brandão (1509) ligam-se de uma forma curiosa as duas designações, no-

---

[1] Fl. cxv, v.

ticiando-se a venda em Anvers do brasil de Santa Cruz.

Foi o Brasil ao começo tambem conhecido por Terra dos Papagaios, como se vê no mappa de Cantino; mas essa designação, como a de Santa Cruz ficaram supplantadas pela de terra do brasil e depois simplesmente Brasil.

Não passou de moda sem reluctancia o nome de Santa Cruz.

Indigna-se João de Barros [1] com a substituição:

«Por o qual nome Santa Cruz, foi aquella terra nomeada os primeiros annos: e a cruz arvorada alguns durou n'aquelle logar. Porém como o demonio por o signal da cruz perdeu o dominio que tinha sobre nós, mediante a paixão de Christo Jesus consumada n'ella: tanto que d'aquella terra começou de vir o pau vermelho chamado brasil, trabalhou que este nome ficasse na bocca do povo, e que se perdesse o de Santa Cruz: Como que importava mais o nome de um pau que tinge pannos; que d'aquelle pau que deu tintura a todos os sacramentos por que somos salvos, por o sangue de Christo Jesus que n'elle foi derramado. E pois em outra coisa

[1] *Decadas*, pag. 88.

n'esta parte me não posso vingar do demonio, admoesto da parte da cruz de Christo Jesus a todos os que este logar lerem que dêem a esta terra o nome que com tanta solemnidade lhe foi posto, sob pena de a mesma cruz, que nos ha-de ser mostrada no dia final, os accusar de mais devotos do pau brasil que d'ella. E por honra de tão grande terra chamemo-lhes provincia, digamos a Provincia de Sancta Cruz, que sôa melhor entre prudentes, que Brasil posto por o vulgo sem consideração e não habilitado para dar nome ás propriedades da real corôa ».

É Pero Vaz de Caminha quem descreve, n'aquella encantadora simplicidade que faz da sua carta um dos mais notaveis documentos dos descobrimentos de Portugal, o que se passou entre portuguêses e indigenas, n'esse memoravel encontro, que pode considerar-se o acto solemne da fundação da patria brasileira.

Commentam a narrativa do português, descrevendo o procedimento dos portuguêses, extractos do livro em que um hespanhol, contemporaneo e testemunha presencial, conta o que fizeram os hespanhoes.

No momento em que se impõe o dever de rei-

vindicar, sem contemplações de especie alguma, o glorioso papel de Portugal na descoberta e na colonisação da America, papel uzurpado por Colombo, Pinzon, Hojeda, Lepe, e tantos outros que assignalaram com sangue a sua chegada á terra americana, e exterminaram systematicamente as populações, temos de juntar ao processo historico essa peça sangrenta.

X

Os portuguêses no Brasil

CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA A EL-REI D. MANUEL

A parte em italico constitue a exacta reproducção da primeira pagina da celebre carta:

Senhor

posto que o capitam moor desta vossa frota e asy os outros capitaães spreuam a Vossa Alteza a noua do achamento desta vossa terra noua que se ora neesta nave-

---

Extractos da *Destruição das Indias* de Bartolomé de Las Casas:

Todas estas gentes (os Indios da America) creou Deus sem maldade nem dissimulação, obedientissimas, fidelissimas a seus senhores naturaes e aos Christãos a quem servem, mais humildes,

gaçom achou, nom leixarey tambem de dar disso minha comta a vossa alteza asy como eu milhor poder ajmda que pera o bem contar e falar o saiba pior que todos fazer, pero tome vossa alteza minha inoramçia por boa vomtade, a qual bem çerto crea que por afremosentar nem afear aja aquy de poer mais ca aquilo que vy e me pareçeo, da marinhajem e simgraduras do caminho nom darey aquy conta a vossa alteza porque o nom saberey fazer e os pilotos deuem teer ese cuidado e por tanto senhor do que ey de falar começo e diguo:
que a partida de belem como vossa alteza sabe foy segunda feira ix de março, e sabado xiiij do dito mes amtre as biij a ix oras, nos achamos antre canareas mais perto da gram canarea e aly amdamos todo aquele dia em calma a vista delas obra de tres ou quatro legoas, e

---

mais pacientes, mais pacificas e quietas, sem desordens nem tumultos, nem rixas nem questões, sem rancores, sem odios, sem desejar vingança, as mais simples que ha n'este mundo... suas armas são tão fracas e de tão pouca aggressão e resistencia e ainda menos de defeza, pelo que todas as suas guerras são pouco mais do que jogos de cannas ou brinquedos de creanças.

N'estas ovelhas mansas das qualidades sobreditas assim dotadas por seu creador, entraram os hespanhoes desde que os conheceram como lobos ou tigres e leões crudelissimos, esfomea-

domingo xxij do dito mes aas X oras pouco mais ou menos ouuemos vista das jlhas do cabo verde. s. da jlha de sam nicolau, segundo dito de Pero escolar piloto e a noute segujnte aa segunda feira lhe amanheçeo se perdeo da frota Vaasco datayde com a sua naao sem hy auer tempo forte nem contrairo pera poder seer. Fez o capitam suas deligençias pera o achar a huuas e a outras partes e nom pareçeo majs. E asy segujmos nosso caminho per este mar de longo ataa terça feira d oitauas de pascoa que foram xxj dias dabril que topamos alguns synaaes de tera seemdo da dita ilha segundo os pilotos deziam obra de bjclx ou lxx legoas, os quaaes heram mujta camtidade deruas compridas a que os mareantes chamam botelho e asy outras, a que tambem chamam rrabo dasno. E aa quarta feira seguinte pola ma-

---

dos de muitos dias. E outra coisa não tem feito... senão despedaçal-as, matal-as, angustial-as, affligil-as, atormental-as, e destruil-as pelas estranhas e novas maneiras de crueldade nunca vistas, nem lidas nem ouvidas.

Vêr a estes Indios quando se preparavam para conduzir as cargas dos Hespanhoes é ter d'elles grande compaixão e lastima. Porque vem nus, sómente cobertas suas vergonhas, e com umas redezinhas ao hombro com a sua pobre comida... como uns cordeiros muito mansos. Juntos todos no pateo com outra gente que

nhã, topámos aves a que chamam fura buchos, e n'este dia a horas de vesperas houvemos vista de terra, a saber: primeiramente de um grande monte mui alto e redondo, e d'outras terras mais baixas ao sul d'elle, e de terra chã com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão poz nome de Monte Paschoal e á terra a Terra da Vera Cruz.

Mandou lançar o prumo, acharam 25 braças, e ao sol posto, obra de 6 leguas de terra, surgimos ancoras em 19 braças, ancoragem limpa. Ali passámos toda aquella noite, e á quinta feira pela manhã fizemos véla e seguimos direitos á terra, e os navios pequenos diante, indo por 17, 16, 15, 14, 13, 12, 10 e 9 braças, até meia legua de terra onde todos lançámos ancoras em direito da bocca d'um rio, e chegariamos a esta ancoragem ás 10 horas pouco mais ou menos; e d'ali houvemos vista de homens que andavam pela praia, obra de 7 ou 8, segundo

---

esteja á volta d'elles, põe-se uns Hespanhoes á porta, guardando-a armados para que elles não saiam, e todos os outros passam á espada e atravessam com as lanças todas aquellas mansas ovelhas, que nenhum escapa que não seja trucidado. Ao cabo de dois ou tres dias de uma d'estas chacinas saiam alguns indios vivos, cobertos de sangue... e iam chorando pedir misericordia aos

os navios pequenos disseram por chegarem primeiro.

Ali lançámos os bateis e esquifes fóra, e vieram logo todos os capitães das naus a esta nau do capitão mór, e ali falaram, e o capitão mandou no batel a terra Nicolau Coelho, para ver aquelle rio; e tanto que elle começou a ir para lá acudiram pela praia homens aos dois, aos tres, de maneira que quando o batel chegou á bocca do rio eram ali 18 ou 20 homens pardos, todos nus, sem nenhuma cousa que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos e suas settas.

Vinham todos rijos para o batel, e Nicolau Coelho lhe fez signal que depozessem os arcos, e elles os depozeram. Ali não poude d'elles haver fala nem entendimento que aproveitasse, pelo mar quebrar na costa; sómente lhes deu um barrete vermelho, e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um

---

Hespanhoes, para que não os matassem. Mas nenhuma misericordia nem compaixão tiveram, antes os fizeram em pedaços. A todos os chefes, que eram mais de cem, e que tinham amarrado, mandou o capitão queimar...

... estando os Indios em suas povoações e casas, descansados iam de noite os funestos Hespanhoes salteadores até meia legua

sombreiro preto. E um d'elles lhe deu um sombreiro de pennas de aves compridas, com uma copazinha pequena de pennas vermelhas e pardas como as de papagaio, e outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas miudas, que querem parecer daljaveira, as quaes peças creio que o capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu ás naus por ser tarde e não poder d'elles haver mais fala por causa do mar.

A noite seguinte ventou tanto sueste, com chuvaceiros, que fez caçar as naus e especialmente a capitania. E na sexta pela manhã, ás 8 horas pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o capitão levantar ancoras e fazer vela, e fomos de longo da costa com os bateis e esquifes amarrados á popa, contra o norte, para ver se achavamos alguma abrigada e bom pouso onde poisassemos para tomar agua e lenha, não por nos já minguar mas

---

da povoação e ali n'aquella noite entre si mesmos apregoavam ou liam o dito requerimento dizendo: « Caciques e Indios d'esta terra firme de tal povoação, fazemos saber qua ha um Deus e um papa e um rei de Castella que é senhor d'estas terras: vinde immediatamente dar-lhes obediencia senão sabei que vos faremos guerra e mataremos e captivaremos, etc. » A tal quarto de alva

para nos acertarmos aqui. E quando fizemos vela seriam já na praia assentados junto ao rio obra de 60 ou 70 homens que se juntaram ali a pouco e pouco. Fomos de longo, e mandou o capitão aos navios pequenos que fossem mais chegados á terra, e que, se achassem poiso seguro para as naus, que amainassem.

E indo nós pela costa, obra de 10 leguas donde levantámos ferro, acharam os ditos navios pequenos um recife, com um porto dentro muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada, e meteram-se dentro e amainaram, e as naus arribaram sobre elles, e um pouco antes do sol posto amainaram obra de uma legua do arrecife, e ancoraram-se em 11 braças. E sendo Affonso Lopes, nosso piloto, em um d'aquelles navios pequenos por mandado do capitão, por ser homem vivo e destro para isso, met-

---

stando os innocentes a dormir com suas mulheres e filhos, atacaram a povoação, deitando fogo ás casas, que são de palha, e queimavam vivas as creanças, e mulheres, e muitos dos demais. Antes que acordassem matavam os que queriam, e os que tomavam com vida matavam com tormentos, para que dissessem se em outras povoações havia ouro, ou lhe dessem mais ouro que o que ali achavam...

teu-se logo no esquife a sondar o porto já dentro; e tomou em uma almadia dois d'aquelles homens da terra, mancebos e de bons corpos, e um d'elles trazia um arco e 6 ou 7 settas, e na praia andavam muitos com seus arcos e settas, e não se serviram d'ellas. Trouxe-os logo, já de noute, ao capitão, por quem foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição d'elles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes bem feitos, andam nús sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir nem mostrar suas vergonhas, e estão ácerca d'isso com tanta innocencia como teem em mostrar o rosto. Traziam ambos os beiços de baixo furados, e mettidos por elles ossos brancos de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, e agudo na ponta como furador; mettem-os pela parte de dentro do beiço e o que lhes fica entre o beiço e os dentes é

Uma vez os Indios sairam a receber-nos com mantimentos e presentes a dez leguas de uma grande povoação e, chegados ali, nos deram grande quantidade de pescado e pão, e comida com tudo o mais que puderam: subitamente o diabo revestiu os christãos e acutilaram na minha presença (sem que tivessem motivo) mais de tres mil almas que estavam sentadas diante de nós, ho-

feito como roque de xadrez, e em tal maneira o trazem ali encaixado que não os incommoda nem lhes estorva a falla, nem comer nem beber. Os cabellos são corredios, e andam tosquiados de tosquia alta, mais que de sobre pente de boa altura, e rapados até por cima das orelhas; e um d'elles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte virada para traz uma maneira de cabelleira de pennas de ave amarella, que seria de comprimento de um conto, mui basta e mui cerrada que lhe cobria o toutiço e as orelhas; a qual andava pegada nos cabellos penna e penna com uma confeição branda como cera, e não o era, de maneira que andava a cabelleira mui redonda e mui basta e mui egual, que não fazia mingua mais lavagem para a levantar.

O capitão, quando elles vieram, estava assentado em uma cadeira, e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido, com um collar de ouro mui grande

---

mens, mulheres e creanças. Ali vi tão grandes crueldades que nunca os vivos viram nem pensaram vêr.

Outro dia o capitão chamou o chefe principal, e outros muitos chefes, e vindo elles como mansas ovelhas prendeu-os a todos, e disse que lhe dessem tantas cargas de ouro. Responderam-lhe que não o tinham porque aquella terra não é de ouro. Mandou-os

ao pescoço, e Sancho de Toar e Simão de Miranda e Nicolau Coelho e Ayres Correia e nós outros, que aqui na nau com elle vamos, assentados no chão por essa alcatifa. Acenderam-se tochas e entraram, e não fizeram nenhuma menção de cortesia, nem de fallar ao capitão nem a ninguem, mas um d'elles poz os olhos no collar do capitão e começou a acenar com a mão para a terra e depois para o collar, como que nos dizia que havia em terra ouro; e tambem viu um castiçal de prata e assim mesmo acenava para terra e então para o castiçal, como a dizer que havia tambem prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o capitão traz, tomaram-o logo na mão e acenaram para terra como a dizer que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro, não fizeram caso d'elle. Mostraram-lhes uma gallinha e quasi que tinham medo d'ella, e não lhe queriam pôr a mão, e depois a tomaram como espantados.

---

logo queimar vivos sem outra culpa, nem outro processo nem sentença.

... dando-lhes um cacique ou chefe, por vontade ou por medo... nove mil castelhanos (moeda de ouro) não contentes com isto prenderam o dito chefe e ataram-n'o a um pau, sentado

Deram-lhes ali de comer [1] pão e pescado cozido, confeitos, fartees, mel e figos passados; não quizeram comer d'aquillo quasi nada e alguma coisa se a provavam lançavam-a logo fóra. Trouxeram-lhes vinho por uma taça, poseram-lh'o assim á bocca, contra vontade d'elles, mas não gostaram, nem o quizeram mais. Trouxeram-lhes agua por uma albarada, tomaram golos d'ella e não beberam, sómente lavaram as boccas e lançaram fóra.

Viu um d'elles um rosario de contas brancas, acenou que lh'as dessem e folgou muito com ellas e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e embrulhou-as no braço, e acenava para terra e então para

---

no chão, e estendendo-lhe os pés puzeram-lhes fogo para que desse mais ouro. Elle mandou a sua casa e trouxeram outros tres mil castelhanos. Tornando-lhe a dar tormentos e não dando elle

---

[1] Eram sempre bem tratados nos navios portuguêses os indigenas das terras onde chegavam. Eis como Vasco da Gama procedeu para com um preto do rio de Santiago (sul d'Africa) na sua primeira viagem: «levamol-o á nau do capitão-mór, o qual o pôz comsigo á mesa e de tudo o que nós comiamos comia elle. E ao outro dia o capitão-mór o vestiu muito bem e o mandou pôr em terra». *Roteiro da viagem de Vasco da Gama em 1497*, pag. 5.

as contas e para o collar do capitão, como que dariam ouro por aquillo. Isto tomavamos nós assim, por o desejarmos; mas se elle queria dizer que levaria as contas e mais o collar, isto não queriamos entender, porque lh'o não haviamos de dar; e depois tornou a dar as contas a quem lh'as deu, e então estiraram-se assim de costas na alcatifa a dormir, sem ter nenhuma maneira de cobrirem suas vergonhas, as quaes não eram fanadas [1], e as cabelleiras d'ellas bem rapadas e feitas.

---

mais ouro... tiveram-n'o d'aquella maneira até que os tutanos lhe saíram pelas solas dos pés, e assim morreu. E foram infinitas

---

[1] Circumcidadas. *O Esmeraldo,* descrevendo os pretos da costa d'Africa diz: « os negros d'esta costa não são circumcisos ». Na descripção da Ethiopia, que acompanha o *Livro de Marco Polo* por Valentim Fernandes Allemão, lê-se: « Estes christãos, segundo alguns, além de serem baptisados se circumcidam ». O *Roteiro* de Vasco da Gama, descrevendo os pretos do rio de Santiago, nota que « andam cobertos de pelles e trazem umas bainhas em suas vergonhas ». A intenção de Caminha é, como a dos outros, notar se os indigenas são ou não circumcidados, isto é, se pertencem ou não á religião musulmana, se são os inimigos e irreductiveis crentes mahometanos, ou os pagãos entre os quaes o christianismo podia fazer proselytos.

O capitão lhes mandou pôr debaixo da cabeça um coxim a cada um, e o da cabelleira procurava acommodar-se de maneira a não a quebrar, e lançaram-lhes um manto em cima, e elles consentiram e assim ficaram e dormiram.

Ao sabado pela manhã mandou o capitão fazer de vela, e fomos demandar a entrada, a qual era mui larga, e alta de 6 a 7 braças, e entraram todas as naus dentro e ancoraram-se de 5 a 6 braças, a qual ancoragem dentro é tão grande e tão formosa e tão segura que podem ancorar dentro n'ella mais de duzentos navios e naus. E tanto que as naus foram poisadas e ancoradas, vieram os capitães todos a esta nau do capitão-mór; e d'aqui mandou o capitão a Nicolau Coelho e Bartholomeu Dias que fossem a terra e levassem aquelles dois homens, e os deixassem ir com seus arcos e settas, aos quaes mandou dar, a cada um, camisas novas e carapuças vermelhas, e dois rosarios de contas brancas de osso, que elles levavam nos braços, e cascaveis e campai-

---

as vezes que d'esta maneira mataram e atormentaram chefes para lhes extorquir ouro.

Outra vez porque os Indios não lhes deram um cofre cheio de ouro... mataram infinitas almas e cortaram mãos e nari-

nhas; e mandou com elles, para ficar lá, um mancebo degredado, creado de Dom João Tello, a que chamam Affonso Ribeiro, para andar lá com elles e saber de seu viver e maneiras; e a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho.

Fomos assim de frecha direitos á praia; ali acudiram logo obra de duzentos homens, todos nús e com arcos e settas nas mãos. Aquelles que nós levavamos, acenaram-lhes que se afastassem e deposessem os arcos, e elles os deposeram e não se afastavam muito. Logo que deposeram seus arcos, saíram os que nós levavamos, e o mancebo degredado com elles, os quaes assim como sairam não pararam mais, nem esperava um por outro, senão a quem mais correria, e passaram um rio que por ali corre de agua dôce, de muita agua que lhes dava pela braga, e outros muitos com elles, e foram assim correndo alem do rio entre umas moitas de palmas onde estavam outros e ali pararam; e n'aquillo foi o degredado com um homem que logo ao sair do ba-

---

zes a mulheres e a homens, que não se poderiam contar, e lançaram outros aos ferozes cães que os despedaçavam e comiam.

Em tres ou quatro mezes, estando eu presente, morreram de

tel o agasalhou e levou-o até lá, e logo o tornaram a nós, e com elle vieram os outros que nós levámos, os quaes vinham já nús e sem carapuças.

E então se começaram de chegar muitos e entravam pela beira do mar para os bateis até que mais não podiam e traziam cabaças d'agua e tomavam alguns barris que nós levavamos, e enchiam-os de agua e traziam-os aos bateis. Não que elles de todo chegassem á borda do batel mas, junto com elle, lançavam-o da mão e nós tomavamo-l'o, e pediam que lhes déssem alguma coisa. Levava Nicolau Coelho cascaveis e manilhas, a uns dava um cacasvel e a outros uma manilha, de maneira que com aquella isca quasi nos queriam dar a mão. Davamnos d'aquelles arcos e settas por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer coisa que lhes queriam dar. D'ali se partiram os outros dois mancebos, que não os vimos mais.

Andavam ali muitos d'elles ou quasi a maior parte, que todos traziam aquelles bicos d'osso nos

---

fome, por lhe terem levado para as minas os paes e as mães, mais de sete mil creanças.

... chegaram mais de trezentos chefes... confiadamente... e mettidos os principaes n'uma grande casa de palha... queima-

beiços, e alguns que andavam sem elles traziam os beiços furados e nos buracos traziam uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha, e alguns d'elles traziam tres d'aquelles bicos, a saber: um na metade e os dois nos extremos. E andavam ali outros quartejados de côres, a saber: d'elles a metade da sua propria côr e a metade de tintura negra, á maneira de azulada, e outros quartejados de escaques. Ali andavam entre elles tres ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabellos muito pretos compridos pelas espaduas, e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabelleiras, que de nós muito bem olharmos não tinhamos nenhuma vergonha.

Ali por então não houve mais fala nem entendimento com elles, por a barbarie d'elles ser tamanha que se não entendia nem ouvia ninguem. Acenamos-lhes que se fossem e assim o fizeram, e passaram-se além do rio, e sairam tres ou quatro homens nossos dos bateis, e encheram não sei quantos barris

---

ram-os vivos. A todos os outros atravessaram á lançada, e passaram á espada com infinita gente, e enforcaram o chefe Anaçaona para lhe dar honra. Acontecia que alguns christãos, ou por piedade ou por cobiça, tomavam algumas creanças e, para

d'agua que nós levavamos, e tornámo-nos ás naus. E vindo nós assim acenaram-nos que voltassemos. Voltámos, e elles mandaram o degredado, e não quizeram que ficasse lá com elles, o qual levava uma bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas para dar ao senhor, se lá o houvesse. Não lhe tomaram nada, e assim o mandaram com tudo, e então Bartholomeu Dias o fez outra vez voltar, e deu aquillo á vista de nós áquelle que da primeira vez o agasalhou, e então regressou e trouxemo-l'o.

Este que o agasalhou era já de dias, e andava todo por louçania cheio de pennas pegadas pelo corpo, que parecia assetteado como São Sebastião. Outros traziam carapuças de pennas amarellas, e outros de vermelhas, e outros de verdes. E uma d'aquellas moças era toda tinta, do fundo a cima, d'aquella tintura, a qual certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha, que ella não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra,

---

que não as matassem, punham-as nas ancas dos cavallos; mas vinha outro Hespanhol por detraz e atravessava-as com a lança.

... outra coisa não teem feito os infinitos tiranos Hespanhoes senão... saltear, matar e roubar ouro áquellas gentes...

vendo-lhe taes feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ella. Nenhum d'elles era fanado, mas todos assim como nós [1], e com isto voltámos e elles foram-se.

Á tarde sahiu o capitão-mór em seu batel com todos nós, e com os outros capitães das naus em seus bateis, a folgar pela bahia perto da praia, mas ninguem sahiu em terra pelo capitão não querer, sem embargo de ninguem n'ella estar; sómente sahiu elle com todos em um ilheo grande que na bahia está, que no baixamar fica mui vazio e é de todas as partes cercado d'agua que não pode ninguem ir a elle sem barco ou a nado. Ali folgou elle e todos nós outros bem uma hora e meia e pescaram ali, andando marinheiros com um chinchorro, e mataram pescado miudo, não muito, e então volvemos ás naus já bem noute.

Ao domingo de paschoela pela manhã determinou o capitão ir ouvir missa e prégação n'aquelle ilheo, e mandou a todos os capitães que se apres-

... indo certo Hespanhol á caça com os cães... e não achando que caçar, parecendo-lhe que os cães tinham fome, tirou

[1] Assim como os christãos, não circumcidados.

tassem nos bateis e fossem com elle, e assim foi feito. Mandou n'aquelle ilheo armar um esperavel, e dentro n'elle alevantar um altar mui bem preparado, e ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual disse o padre frei Henrique em voz entoada, e officiada com aquella mesma voz pelos outros padres e sacerdotes que ali todos eram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. Ali era com o capitão a bandeira de Christo, com que saiu de Belem, a qual esteve sempre alta á parte do evangelho. Acabada a missa desvestiu-se o padre e pôz-se em uma cadeira alta, e nós todos lançados por essa areia, e prégou uma solemne e proveitosa prégação da historia do evangelho, e em fim d'ella tratou da nossa vinda e do achamento d'esta terra, conformando-se com o signal da cruz, sob cuja obediencia vimos, a qual veiu muito a proposito e fez muita devoção.

Emquanto estivemos á missa e á prégação estaria na praia outra tanta gente, pouco mais ou me-

---

uma creança de mama a sua mãe, com um punhal cortou-lhe em pedaços os braços e as pernas dando um bocado a cada cão, e depois de comidas essas rações atirou o corpito ao chão a todos juntos.

nos como os de hontem, com seus arcos e settas, os quaes andavam folgando e olhando-nos e assentaram-se. E depois de acabada a missa, assentados nós á pregação, alevantaram-se muitos d'elles e tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e dançar um pedaço e alguns d'elles se metteram em almadias, duas ou tres que ali tinham, as quaes não são feitas como as que eu já vi, sómente são tres traves atadas juntas, e ali se mettiam 4 ou 5 ou esses que queriam, não se afastando quasi nada da terra senão em quanto podiam tomar pé.

Acabada a prégação foi o capitão e todos para os bateis, com nossa bandeira alta, e embarcámos e fomos assim todos contra terra, para passarmos ao longo por onde elles estavam, indo Bartholomeu Dias em seu esquife, por mandado do capitão, adiante com um pau d'uma almadia, que o mar lhes levára, para lh'o dar, e nós todos obra de tiro de pedra atraz d'elle. Assim que elles viram o esquife de Bartholomeu Dias chegaram-se logo todos

---

Suppliciaram um chefe deitando-lhe sebo a arder na barriga, pondo-lhe em cada pé uma ferradura fincada n'um pau, e o pescoço atado a outro pau, e dois homens seguravam-lhe as mãos e assim lhe deitaram fogo aos pés. Entrava o tirano de pedaço a

á agua, mettendo-se n'ella até onde mais podiam. Acenaram-lhes que deposessem os arcos e muitos d'elles os foram logo depôr em terra e outros os não depunham.

Andava ali um que falava muito aos outros que se afastassem, mas não que me parecesse que lhe tinham acatamento nem medo. Este que assim os andava afastando trazia seu arco e settas e andava tinto de tintura vermelha pelos peitos e espaduas e pelos quadris, coxas e pernas até baixo, e os vazios com a barriga e estomago eram da sua propria côr, e a tintura era assim vermelha que a agua lh'a não comia nem desfazia, antes quando saia da agua era mais vermelha.

Sahiu um homem do esquife de Bartholomeu Dias e andava entre elles sem elles lhe fazerem mal, antes lhe davam cabaços d'agua e acenavam aos do esquife que saissem a terra. Com isto se volveu Bartholomeu Dias ao capitão e viemos ás naus

---

pedaço, e dizia-lhe que assim havia de o matar pouco a pouco se não lhe désse ouro...

A um grande numero de Indios... mandou o tirano mór cortar desde o nariz com os labios até á barba, deixando rasas todas as caras.

a comer, tangendo trombetas e gaitas sem lhes dar mais incommodo, e elles tornaram a assentar-se na praia e assim por então ficaram.

N'este ilheo onde fomos ouvir missa e prégação espraia muito a agua e descobre muita areia e muito cascalho. Foram alguns quando nós ali estavamos buscar marisco, e não o acharam, e acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quaes vinha um camarão muito grande e muito grosso que em nenhum tempo o vi tamanho. Tambem acharam cascas de berbigões e de ameijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira.

E tanto que comemos vieram logo todos os capitães a esta nau, por mandado do capitão-mór, com os quaes elle se apartou, e eu na companhia, e perguntou assim a todos se nos parecia bem mandar a nova do achamento d'esta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para a melhor mandar descobrir, e saber d'ella mais do que agora nós podiamos saber por irmos de nossa viagem, e

---

Os Hespanhoes apanharam grande numero de Indios, e encerraram-os em tres casas grandes até não caberem mais, e queimaram-os todos... E aconteceu que um clerigo, chamado Ocaña, tirou do fogo uma creança de mama, mas um Hespanhol tirou-lh'a

entre muitas falas que no caso se fizeram foi por todos ou a maior parte dito que seria muito bem, e n'isto concordaram. E tanto que o accordo foi tomado perguntou mais se seria bom tomar aqui por força um par d'estes homens para os mandar a Vossa Alteza, e deixar aqui por elles outros dois d'estes degredados. A isto concordaram que não era necessario tomar por força homens, porque geral costume era dos que assim levavam por força para alguma parte dizerem que ha ali tudo o que lhe perguntam, e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens d'estes degredados que aqui deixassem, do que elles dariam se os levassem por ser gente que ninguem entende, nem elles tão cedo aprenderiam a falar para o saberem tambem dizer, que muito melhor estes o não digam quando cá Vossa Alteza mandar, e que portanto não tratassem aqui de por força tomar ninguem nem fazer escandalo, para os de todo mais amansar e pacificar, senão sómente deixar aqui os dois degre-

---

das mãos e atirou-a ao meio das chammas, onde se fez cinza como os mais.

... A este enforcaram e foram infinitas as gentes que eu vi queimar vivas, e despedaçar, e atormentar por diversas e novas

dados quando d'aqui partissemos. E assim, por melhor parecer a todos, ficou determinado.

Acabado isto disse o capitão que fossemos nos bateis a terra e ver-se-hia bem o rio como era, e tambem para folgarmos. Fomos todos nos bateis a terra armados, e a bandeira comnosco. Elles andavam ali na praia á bocca do rio onde nós iamos, e antes que chegassemos, do ensino que d'antes tinham, deposeram todos os arcos e acenavam que saissemos, e tanto que os bateis pozeram as proas em terra passaram-se logo todos alem do rio, o qual não é mais largo que um jogo de mangoal, e tanto que desembarcámos alguns dos nossos passaram logo o rio e foram entre elles, e alguns aguardavam e outros se afastavam. Porem era a cousa de maneira que todos andavam misturados. Elles davam d'esses arcos, com suas settas, por sombreiros e carapuças de linho e por qualquer cousa que lhes davam.

Passaram alem tantos dos nossos, e andavam

---

maneiras de mortes e tormentos, e fazer escravos todos os que ficaram com vida.

Idos os Hespanhoes á penedia subiram á força, porque os Indios são nus e sem armas; e chamando-os os Hespanhoes á paz,

assim misturados com elles, que elles se esquivavam e afastavam-se, e iam-se d'elles para cima onde outros estavam, e então o capitão fez-se tomar ao collo de dois homens e passou o rio e mandou voltar todos.

A gente que ali era não seria mais que aquella que costumava, e tanto que o capitão fez tornar todos, vieram alguns d'elles a elle, não por o conhecerem por senhor, porque parece-me que não entendem nem tomavam d'isso conhecimento, mas por que a gente nossa passava já para aquem do rio. Ali falavam e traziam muitos arcos e continhas d'aquellas já ditas e resgatavam por qualquer coisa, em tal maneira que trouxeram d'ali para as naus muitos arcos e settas e contas, e então tornou-se o capitão aquem do rio e logo acudiram muitos á beira d'elle.

Ali verieis galantes pintados de preto e vermelho e quartejados assim pelos corpos como pelas pernas, que certo pareciam assim bem. Tambem andavam entre elles quatro ou cinco mulheres mo-

---

assegurando-lhes que não lhes fariam mal nenhum, que não combatessem, logo os Indios cessaram. Mandou o crudelissimo capitão aos Hespanhoes que tomassem todas as forças da penedia, e tomadas que atacassem os Indios. Dão os tigres e leões nas

ças, assim nuas que não pareciam mal, entre as quaes andava uma com a coixa, do joelho até o quadril, e a nadega toda tinta d'aquella tintura preta, e o resto todo da sua propria côr. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e tambem os collos dos pés, e suas vergonhas tão nuas, e com tanta innocencia descobertas, que não havia ali nenhuma vergonha. Tambem andava ali outra mulher moça, com um menino ou menina ao collo, atado, com um panno não sei de quê, aos peitos que lhe não apparecia se não as perninhas, mas as pernas da mãe, e o resto, não trazia nenhum panno.

E depois foi o capitão para cima, ao longo do rio que anda sempre perto da praia, e ali esperou um velho que trazia na mão uma pá d'almadia. Falou, estando o capitão com elle, perante nós todos, sem nunca ninguem o entender, nem elle a nós quantas cousas lhe perguntavam d'ouro, que nós desejavamos

---

mansas ovelhas e estripam-n'as, e passam tantos á espáda, que páram para descançar, tantos tinham feito em pedaços. Depois de ter descançado um pedaço, mandou o capitão que matassem e despenhassem da alta penedia toda a gente que ficara viva. E assim despenharam a todos...

saber se o havia na terra. Trazia este velho o beiço tão furado que lhe caberia pelo furado um grande dedo polegar e trazia mettido no furado uma pedra verde ruim, que cerrava por fóra aquelle buraco, e o capitão lh'a fez tirar e elle não sei que diabo falava e ia com ella para a bocca do capitão para lh'a metter. Estivemos sobre isso um pouco reinando, e então enfadou-se o capitão e deixou-o, e um dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho, não por ella valer alguma cousa, mas por amostra, e depois a houve o capitão, creio que para com as outras cousas a mandar a vossa alteza.

Andámos por ali vendo a ribeira a qual é de muita agua e muito boa, ao longo d'ella ha muitas palmas não muito altas em que ha muito bons palmitos; colhemos e comemos muitos d'elles. Então tornou-se o capitão para baixo, para a bôca do rio onde desembarcámos, e alem do rio andavam muitos d'elles dançando e folgando uns ante outros sem se tomarem pelas mãos e faziam-n'o bem.

... affirmo que eu mesmo vi ante meus olhos os Hespanhoes cortarem mãos, narizes e orelhas a Indios e Indias sem razão, só porque lhes apetecia fazel-o... E vi que os Hespanhoes largavam cães aos Indios para que os fizessem em pedaços, e vi-os assim

Passou então além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavem, que é homem gracioso e de prazer, e levou comsigo um gaiteiro nosso com sua gaita, e metteu-se com elles a dançar [1], tomando-os pelas mãos, e elles folgavam e riam, e andavam com elle mui bem ao som da gaita. Depois de dançarem fez-lhe ali, andando no chão, muitas voltas ligeiras e salto real, de que se elles espantavam e riam e folgavam muito, e com quanto com aquillo muito os segurou e afagou, tomavam logo uma esquiveza como montezes e foram-se para cima.

E então o capitão passou o rio com todos nós, e fomos pela praia adiante indo os bateis assim perto de terra, e fomos até uma lagoa grande d'agua doce

---

lançar muitos aos cães. Assim mesmo vi queimar tantas casas e povoações que não saberia dizer o numero... Assim mesmo é

---

[1] Na primeira viagem de Vasco da Gama deu-se com os pretos de Africa uma scena identica: « Elles começaram logo a tanger quatro ou cinco flautas, e uns tangiam alto e outros baixo, em maneira que concertavam muito bem para negros, de que se não espera musica, e bailavam como negros. E o capitão mór mandou tanger as trombetas, e nós nos bateis bailavamos e o capitão mór tambem de volta comnosco ». *Roteiro,* pag. 11.

que está junto com a praia, porque toda aquella ribeira do mar é apaulada por cima, e sae a agua por muitos logares; e depois de passarmos o rio foram uns sete ou oito d'elles andar entre os marinheiros, que se recolhiam aos bateis, e levaram d'ali um tubarão que Bartholomeu Dias matou e levou-lh'o, lançando-o na praia.

Ainda que até aqui, como quer que se elles de alguma maneira amansassem, logo de uma mão para a outra se esquivavam, como pardaes de cevadoiro, e ninguem ousa de falar-lhes rijo por se mais não esquivarem, e tudo se passa como elles querem para bem os amansar.

Ao velho, com que o capitão falou, deu uma carapuça vermelha, e com toda a fala que com elle passou, e com a carapuça que lhe deu, assim que se despediu começou a passar o rio, foi-se logo retirando, e não quiz mais tornar do rio para aquem. Os outros dois que o capitão teve nas naus, a quem deu o que já dito é, nunca mais appareceram aqui;

---

verdade que tomavam creanças de mama e as atiravam longe quanto podiam, e outros desaforos e crueldades sem proposito que me faziam espanto...

Habitualmente matavam os chefes d'esta maneira: faziam

do que infiro ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assim esquivos.

Elles porém comtudo andam muito bem tratados e muito limpos, e n'aquillo me parece ainda mais que são como aves ou alimarias montezes, que lhes faz o ar melhor penna e melhor cabello que ás mansas, porque os seus corpos são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não podem mais ser, e isto me faz presumir que não teem casas nem moradas em que se recolham, e o ar a que se criam os faz taes, nem nós ainda até agora vimos nenhumas casas nem maneira d'ellas.

Mandou o capitão áquelle degredado Affonso Ribeiro que se fosse outra vez com elles, o qual se foi e andou lá um bom pedaço e á tarde tornou-se, que o fizeram elles voltar e não o quizeram lá consentir, e deram-lhe arcos e settas e não lhe tomaram nenhuma cousa do seu; antes disse elle que lhe tomára um d'elles umas continhas amarellas que levava e fugia com ellas, e queixou-se, e os outros

---

grelhas de varas sobre forquilhas e atavam-os a ellas e punham-lhes por debaixo fogo brando, para que pouco e pouco, dando gritos n'aquelles tormentos, lhes fugisse a vida.

Vi uma vez que estando nas grelhas a queimar quatro ou

foram logo apoz elle e lh'as tomaram, e tornaram-lh'as a dar, e então mandaram-o vir. Disse elle que não vira lá entre elles senão umas choupaninhas de rama verde e de fetos, muito grandes como de Entre Douro e Minho, e assim nos tornamos ás naus já quasi noite a dormir.

Á segunda-feira depois de comer sahimos todos em terra a tomar agua. Ali vieram então muitos, mas não tantos como as outras vezes, e traziam já muito poucos arcos, e estiveram assim um pouco afastados de nós, e depois a pouco e pouco misturaram-se comnosco, e abraçavam-nos e folgavam, e alguns d'elles se esquivavam logo. Ali davam alguns arcos por folhas de papel, e por alguma carapucinha velha, e por qualquer cousa; e em tal maneira se passou a cousa que bem 20 ou 30 pessoas das nossas se foram com elles, onde outros muitos d'elles estavam com moças e mulheres, e trouxeram de lá muitos arcos e barretes de pennas de aves, d'elles verdes e d'elles amarellos, de que creio que

---

cinco dos principaes e chefes (e ainda creio que havia dois ou tres pares de grelhas onde queimavam outros) e porque davam grandes gritos desgostavam o capitão ou não o deixavam dormir, mandou que os afogassem; e o aguazil, que era peior que o ver-

o capitão ha-de mandar amostra a Vossa Alteza; e segundo diziam esses que lá foram folgavam com elles.

N'este dia os vimos de mais perto e mais á nossa vontade, por andarmos todos quasi misturados, e alli d'elles andavam d'aquellas tinturas quartejados, outros de metades, outros de tanta feição como em pannos d'armar, e todos com os beiços furados, e muitos com os ossos n'elles e outros sem ossos. Traziam alguns uns ouriços verdes de arvores; que na côr queriam parecer de castanheiros, senão quanto eram mais e mais pequenos, e aquelles eram cheios d'uns grãos vermelhos pequenos, que esmagando-os entre os dedos fazia tintura muito vermelha de que elles andavam tintos, e quanto se mais molhavam tanto mais vermelhos ficavam. Todos andam rapados até acima das orelhas, e assim as sobrancelhas e pestanas. Trazem todos as testas, de fonte a fonte, tintas da tintura preta, que parece uma fita preta da largura de dois dedos.

---

dugo que os queimava (e sei como se chamava e ainda seus parentes conheci em Sevilha) não quiz afogal-os, antes lhes metteu paus nas bôccas, para que não gritassem, e atiçou-lhes o fogo até que se fossem assando lentamente como elle queria.

E o capitão mandou aquelle degredado Affonso Ribeiro, e a outros dois degredados, que fossem andar lá entre elles, e assim a Diogo Dias, por ser homem lêdo com que elles folgavam; e aos degredados mandou que ficassem lá esta noute. Foram-se lá todos e andaram entre elles e, segundo elles diziam, foram bem uma legua e meia, a uma povoação de casas em que haveria 9 ou 10 casas, as quaes diziam que eram tão compridas cada uma como esta nau capitania, e eram de madeira e as ilhargas de taboas, e cobertas de palha de rasoavel altura, e todas em uma só casa sem nenhum repartimento. Tinham de dentro muitos esteios e de esteio a esteio uma rede, atada pelos cabos em cada esteio, altas, em que dormiam, e debaixo para se aquentarem faziam seus fogos; e tinha cada casa duas portas pequenas, uma em um cabo e outra no outro, e diziam que em cada casa se recolhiam 30 ou 40 pessoas; e que assim os achavam e que lhes davam de comer d'aquella vianda que elles tinham,

---

A todos os chefes, que eram mais de cem, e que tinham amarrado, mandou o capitão queimar...

A tal quarto de alva, estando os innocentes a dormir com suas mulheres e filhos, atacaram a povoação, pondo fogo ás ca-

a saber: muito inhame e outras sementes que na terra ha que elles comem.

E como foi tarde fizeram-os logo todos tornar, e não quizeram que lá ficasse nenhum, e ainda, segundo elles diziam, queriam vir com elles.

Resgataram lá por cascaveis, e por outras cousinhas de pouco valor que levavam, papagaios vermelhos muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos, e carapuças de pennas verdes, e um panno de pennas de muitas côres, maneira de tecido assaz formoso, segundo Vossa Alteza todas estas cousas verá porque o capitão vol-as ha-de mandar, segundo elle disse; e com isto vieram, e nós tornamo-nos ás náus.

Á terça-feira depois de comer fomos a terra dar guarda lenha e lavar roupa. Estavam na praia quando chegámos obra de 60 ou 70 sem arcos e sem nada. Tanto que chegámos vieram logo para nós sem se esquivarem, depois acudiram muitos que seriam bem 200, todos sem arcos; e misturaram-

---

sas que são de palha, e queimaram vivas as creanças e mulheres, e muitos dos mais.

... vi que chamavam os caciques e principaes Indios que viessem em paz, confiadamente, e promettendo-lhes segurança, e

se todos tanto comnosco que nos ajudavam d'elles a acarretar lenha, e metter nos bateis, e luctavam com os nossos e tomavam muito prazer.

E emquanto nós faziamos a lenha, faziam dois carpinteiros uma grande cruz, d'um pau que hontem para isso se cortou. Muitos d'elles vinham ali estar com os carpinteiros, e creio que o faziam mais por verem a ferramenta de ferro com que a faziam, que por verem a cruz. porque elles não tem cousa que de ferro seja, e cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas, mettidas em um pau entre duas talas mui bem atadas, e por tal maneira que andavam fortes, segundo os homens que hontem as suas casas diziam porque lh'as viram lá. Era já a conversação d'elles comnosco tanta, que quasi nos estorvavam ao que haviamos de fazer.

E o capitão mandou a dois degredados e a Diogo Dias que fossem lá á aldeia, e a outras se tivessem noticia d'ellas, e que de toda a maneira

---

ao chegarem logo os queimavam. E em minha presença queimaram dois, um em Andon e outro em Tumbala, e não pude impedir que os queimassem apezar do que lhes prégnei.

Outra vez, ha poucos dias, enviei eu mensageiros, assegurando que não temessem, a todos os chefes da provincia de

não viessem dormir ás naus, ainda que elles os mandassem; e assim se foram.

Emquanto andavamos n'essa matta a cortar a lenha, atravessaram alguns papagaios por essas arvores, uns verdes e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece que haverá n'esta terra muitos, porém eu não veria mais que até 9 ou 10. Outras aves então não vimos, sómente algumas pombas seixas, e pareceram-me maiores em boa quantidade que as de Portugal. Alguns diziam que viram rolas mas eu não as vi; mas segundo os arvoredos são muitos e grandes, e de infindas maneiras, não duvido que por esse sertão haja muitas aves. E cerca da noite nos volvemos para as naus com nossa lenha.

Eu creio, Senhor, que não dei ainda aqui conta a Vossa Alteza da feição de seus arcos e settas. Os arcos são pretos e compridos, e as settas compridas, e os ferros d'ellas de cannas aparadas, segundo

---

Havana, porque já tinham ouvido meu credito, que não se ausentassem, que viessem receber-nos, que não se lhes faria mal algum, porque das matanças passadas estava toda a terra assombrada, e isto fiz com parecer do capitão; e chegados á provincia sairam a receber-nos vinte e um chefes e caciques, e logo os

Vossa Alteza verá por algumas que, creio, que o capitão ha-de enviar.

Na quarta-feira não fomos a terra, porque o capitão andou todo o dia no navio dos mantimentos a despejal-o, e a fazer levar ás naus o que cada uma podia levar. Elles acudiram á praia muitos, segundo das naus vimos, que seriam obra de 300, segundo Sancho de Toar, que lá foi, disse.

Diogo Dias, e Affonso Ribeiro o degredado, a que o capitão hontem mandou que em toda a maneira lá dormissem, volveram-se já de noite por elles não quererem que lá dormissem, e trouxeram papagaios verdes e outras aves pretas, quasi como pêgas, senão quanto tinham o bico branco e os rabos curtos.

E quando Sancho de Toar se recolheu á nau queriam vir com elle alguns, mas elle não quiz senão dois mancebos dispostos e homens de prol. Mandou-os essa noute mui bem cuidar e tratar, e comeram toda a vianda que lhes deram, e mandou-

---

prendeu o capitão quebrantando a segurança que eu lhes tinha dado, e queria queimal-os vivos no dia seguinte, dizendo que era bom, porque aquelles chefes em algum tempo haviam de fazer algum mal. Tive muito trabalho para os tirar da fogueira, mas

lhes fazer cama de lençoes, segundo elle disse, e dormiram e folgaram aquella noute, e assim não houve mais este dia que para escrever seja.

Na quinta-feira, derradeiro de abril, comemos logo quasi pela manhã, e fomos a terra por mais lenha e agua; e querendo o capitão sair d'esta nau chegou Sancho de Toar com seus dois hospedes e, por elle não ter ainda comido, pozeram-lhe toalhas e veiu-lhe vianda e comeu. Os hospedes assentaram-se cada um em sua cadeira, e de tudo o que lhes deram comeram muito bem, especialmente presunto cosido frio e arroz; não lhes deram vinho por Sancho de Toar dizer que o não bebiam bem. Acabado o comer mettemo-nos todos no batel, e elles comnosco. Deu um grumete a um d'elles uma armadura grande de porco montez bem revirada, e tanto que a tomou metteu-a logo no beiço e porque se lhe não queria segurar deram-lhe uma pequena de cera vermelha, e elle arranjou-lhe detraz seu adereço para se segurar, e metteu-a no beiço assim voltada para cima e

---

por fim sempre escaparam. Depois do que todos os Indios d'esta ilha foram postos na servidão e calamidade dos da Hespanhola, vendo-se morrer e perecer sem remedio todos, começaram uns a fugir para os montes, outros a enforcar-se desesperados, e en-

vinha tão contente com ella como se tivera uma grande joia. E tanto que saimos em terra foi-se logo com ella que não appareceu ahi mais.

Andariam na praia quando saímos 8 ou 10 d'elles, e d'ahi a pouco começaram a chegar, e parece-me que viriam este dia á praia 400 ou 500. Traziam alguns d'elles arcos e settas, e todos os deram por carapuças e por qualquer cousa que lhes davam. Comiam comnosco do que lhes davamos, e bebiam alguns d'elles vinho, e outros o não podiam beber, mas parece-me que, se lh'o avezarem, que o beberão de boa vontade; andavam todos tão dispostos, e tão bem feitos, e galantes com suas tinturas, que pareciam bem. Acarretavam d'essa lenha quanta podiam, com mui boa vontade, e levavam-a aos bateis, e andavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós andavamos entre elles.

Foi o capitão com alguns de nós um pedaço por este arvoredo até uma ribeira grande e de muita agua, que, a nosso parecer, era esta mesma

---

forcavam-se maridos e mulheres e comsigo enforcavam os filhos; e pelas crueldades de um Hespanhol mui tirano (que eu conheci) se enforcaram mais de duzentos Indios.

Faziam apostas sobre quem, de uma cutilada, abriria um ho-

que vem ter á praia, em que nós tomámos agua. Ali descançamos um pedaço, bebendo e folgando ao longo d'ella, entre esse arvoredo que é tanto, e tamanho, e tão basto, e de tantas plumagens, que não se lhe pode dar conto.

Ha entre elle muitas palmas, de que colhemos muitos e bons palmitos.

Quando saímos do batel disse o capitão que seria bom irmos direitos á cruz, que estava encostada a uma arvore, junto com o rio, para se pôr ámanhã, que é sexta-feira, e que nos pozessemos todos de joelhos, e a beijassemos, para elles verem o acatamento que lhe tinhamos, e assim o fizemos. E a estes dez ou doze, que ali estavam, acenaram-lhes que fizessem assim, e foram logo todos beijal-a.

Parece-me gente de tal innocencia que, se os entendessemos, e elles a nós, que seriam logo christãos, porque elles não teem nem entendem nenhuma crença, segundo parece. E portanto, se os degredados que aqui hão-de ficar aprenderem bem a sua

---

mem ao meio, ou lhe cortaria a cabeça, ou lhe descobriria as entranhas com uma lançada. Tiravam as creanças do seio das mães e, pegando-lhes pelas pernas, davam-lhes, com a cabeça nas paredes. Outros atiravam com ellas aos rios... Outras creanças atravessavam

fala, e os entenderem, não duvido, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, fazerem-se christãos e crêrem a nossa santa fé, á qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque decerto esta gente é boa e de boa simplicidade, e imprimir-se-ha ligeiramente n'elles qualquer cunho que lhe quizerem dar, e logo lhes Nosso Senhor deu bons corpos e bons rostos como a bons homens, e elle que nos por aqui trouxe creio que não foi sem causa, e portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja accrescentar na santa fé catholica, deve entender na sua salvação, e prazerá a Deus que com pouco trabalho será assim.

Elles não lavram nem criam, nem ha aqui boi, nem vacca, nem cabra, nem ovelha, nem gallinha, nem outra nenhuma alimaria que costumada seja ao viver dos homens, nem comem senão d'esse inhame, que aqui ha muito, e d'essa semente e fructos que a terra e as arvores de si lançam, e com isto andam taes e tão rijos e tão nédios que o não

---

de uma espadeirada juntas com as mães... Faziam umas forcas baixas, para que os suppliciados tocassem quasi com os pés no chão e, de treze em treze, em honra do nosso redemptor e dos doze apostolos, punham lenha, accendiam fogo e queimavam-os

somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.

Emquanto ali este dia andaram, sempre ao som d'um tamborim nosso dançaram e bailaram com os nossos, de maneira que são muito mais nossos amigos que nós d'elles. Se lhes alguem acenava se queriam vir ás naus, faziam-se logo prestes para isso, em tal maneira que, se os convidassem todos, todos viriam. Porém não trouxemos esta noute ás naus senão quatro ou cinco, a saber: o capitão-mór dois, e Simão de Miranda um, que trazia já por pagem, e Ayres Gomes outro assim por pagem. Os que o capitão trouxe era um d'elles um dos seus hospedes, que á primeira vez quando aqui chegámos lhe trouxeram, o qual veio hoje aqui vestido na sua camisa, e com elle um seu irmão, os quaes foram esta noite muito bem agasalhados, assim de vianda, como de cama de colchões e lençoes, pelos mais amansar.

E hoje que é sexta-feira, primeiro dia de maio, pela manhã, saímos em terra com nossa bandeira e

---

vivos. A outros envolviam todo o corpo em palha secca e deitavam-lhe o fogo. A todos os que deixavam com vida cortavam as mãos...

Eu vi todas as coisas acima ditas e muitas outras infinitas.

fomos desembarcar acima do rio contra o sul, onde nos pareceu melhor plantar a cruz, para ser melhor vista, e ahi o assignou o capitão onde fizessem a cova para a plantar. E emquanto a ficaram fazendo, elle, com todos nós outros, fomos pela cruz abaixo do rio onde ella estava. Trouxemol-a d'ahi com esses religiosos e sacerdotes adiante, cantando á maneira de procissão. Estavam já ali alguns d'elles, obra de 70 ou 80, e quando nos assim viram vir, alguns d'elles se foram metter debaixo d'ella a ajudar-nos. Passámos o rio ao longo da praia, e fomol-a pôr onde havia de ser, que será do rio obra de dois tiros de bésta. Ali, andando n'isto, viriam bem 150 ou mais.

Firmada a cruz, com as armas e divisa de Vossa Alteza, que primeiro lhe pregaram, armaram altar ao pé d'ella. Ali disse missa o padre frei Henrique, a qual foi cantada e officiada por esses já ditos. Ali estiveram comnosco, a ella, obra de 50 ou 60 d'elles, assentados todos nos joelhos assim como nós, e quando chegou ao evangelho, que nos erguemos

---

Pois outro feito direi, que não vejo qual seja mais cruel, mais infernal, mais cheio de ferocidade de bêstas feras, ou esse, ou o que conto agora. Já disse que os Hespanhoes das Indias ensinaram e amestraram cães bravissimos e ferocissimos para

todos em pé, com as mãos levantadas, elles se levantaram comnosco e alçaram as mãos, estando assim até ser acabado, e então tornaram-se a assentar como nós. E quando levantaram a Deus, que nos pozemos de joelhos, elles se pozeram todos, assim como nós estavamos, com as mãos levantadas, e em tal maneira socegados que, certifico a Vossa Alteza, que nos fez muita devoção. Estiveram assim comnosco até acabada a communhão e, depois da communhão, commungaram esses religiosos e sacerdotes, e o capitão, com alguns de nós outros. Alguns d'elles, por o sol ser grande, em nós estando commungando, levantaram-se, e outros estiveram e ficaram.

Um d'elles, homem de 50 ou 55 annos, ficou ali com aquelles que ficaram. Aquelle, em nós estando, ajuntava aquelles que ali ficaram, e ainda chamava outros. Este, andando assim entre elles, fallando-lhes, acenou com o dedo para o altar, e depois apontou

---

matar e despedaçar os Indios. Saibam todos os que são verdadeiros christãos, e mesmo os que o não são,... que, para sustentar os ditos cães, trazem pelos caminhos muitos Indios acorrentados, como se fossem manadas de porcos, e matavam-os e tem açougue publico de carne humana, e dizem uns aos outros — em-

com o dedo para o céo, como que lhes dizia alguma cousa de bem, e nós assim o tomámos.

Acabada a missa tirou o padre a vestimenta de acima, e ficou na alva, e assim se subiu junto ao altar a uma cadeira, e ali nos prégou do evangelho e dos apostolos, cujo dia hoje é, tratando, em fim da prégação, d'este vosso proseguimento tão santo e virtuoso, que nos causou mais devoção. Esses que á prégação sempre estiveram, estavam, assim como nós, olhando para elle. E, aquelle que digo, chamava alguns que viessem para ali. Alguns vinham e outros iam-se; e, acabada a prégação, trazia Nicolau Coelho muitas cruzes de estanho com crucifixos, que lhe ficaram ainda da outra vinda, e houveram por bem que lançassem uma ao pescoço cada um. Pela qual cousa se assentou o padre frei Henrique ao pé da cruz, e ali a um e um lançava sua cruz atada em um fio ao pescoço, fazendo-lh'a primeiro beijar e levantar as mãos.

Vinham a isso muitos, e lançaram-as todas, que

---

presta-me um quarto de um d'esses velhacos, para dar de comer aos meus cães até que eu mate outro — como se emprestassem quartos de porco ou de carneiro.

Um capitão cortou muita quantidade de mãos de mulheres

seriam obra de 40 ou 50; e isto acabado, era já bem uma hora depois do meio dia, viemos ás naus a comer, onde o capitão trouxe comsigo aquelle mesmo que fez aos outros aquella mostrança para o altar e para o céo, e um seu irmão com elle, ao qual fez muita honra, e deu-lhe uma camisa mourisca, e ao outro uma camisa d'estas outras; e segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhes fallece outra cousa para ser toda christã que entenderemnos, porque assim repetiam aquillo que nos viam fazer como nós mesmos, por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração teem. E bem creio que se Vossa Alteza aqui mandar quem mais entre elles de vagar ande, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza. E para isso, se alguem vier, não deixe logo de vir clerigo para os baptisar porque já então terão mais conhecimento de nossa fé pelos dois degredados que aqui entre elles ficam, os quaes ambos hoje tambem commungaram.

---

e de homens, e atou-as em umas cordas, e as pôz dependuradas de um pau ao comprido, para que os outros Indios vissem o que tinha feito áquelles, no que haveria setenta pares de mãos; e cortou muitos narizes a mulheres e a creanças.

Entre todos estes que hoje vieram não veiu mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre á missa, á qual deram um panno com que se cobrisse, e pozeram-lh'o de redor de si, mas ao assentar não tinha cuidado de o estender para se cobrir. Assim, Senhor, que a innocencia d'esta gente é tal que a de Adão não seria mais, quanto em vergonha.

Ora veja Vossa Alteza quem em tal innocencia vive, ensinando-lhes o que para sua salvação pertence, se se converterão ou não.

Acabado isto fomos assim perante elles beijar a cruz, e despedimo-nos, e viemos comer.

Creio, Senhor, que com estes dois degredados que aqui ficam, ficam mais dois grumetes que esta noute saíram d'esta nau no esquife em terra, fugidos, os quaes não vieram mais e cremos que ficarão aqui, porque de manhã, prazendo a Deus, fazemos d'aqui nossa partida.

Esta terra, Senhor, me parece que, da ponta que mais contra o sul vimos, até á outra ponta que con-

---

Pelas guerras infernaes que os Hespanhoes lhes teem feito, e pelo captiveiro horrivel em que os puzeram, mataram mais de quinhentas ou seiscentas mil pessoas...

... São tantos e taes os estragos e crueldades, matanças e

tra o norte vem, de que nós d'este porto houvemos vista, será tamanha que haverá n'ella bem 20 ou 25 leguas por costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas e outras brancas, e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia parma, muito cheia e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu do mar muito grande, porque a estender olhos não podiamos vêr senão terra e arvoredos, que nos parecia mui longa terra. N'ella até agora não podemos saber que haja ouro, nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro, nem lh'o vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de entre Douro e Minho, porque n'este tempo de agora assim os achavamos como os de lá. Aguas são muito infinidas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-ha n'ella tudo, por bem das aguas que tem.

Porém o melhor fructo que n'ella se pode fazer,

---

destruições, despovoações, roubos, violencias e tiranias, e em tantos e taes reinos da grande terra firme, que todas as coisas que temos dito nada são em comparação das que se fizeram...

Atado ao poste (o cacique Hatuey, de Cuba) dizia-lhe um re-

me parece que será salvar esta gente, e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ella deve lançar. E que ahi não houvesse mais que ter aqui esta poisada, para esta navegação de Calecut, abastára; quanto mais disposição para se n'ella cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber: accrescentamento da nossa santa fé.

E n'esta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza conta do que n'esta vossa terra vi, e se algum pouco alonguei me perdôe, e o desejo que tinha de tudo vos dizer m'o fez assim pôr pelo miudo.

E pois que, Senhor, é certo que assim n'este cargo que levo, como em outra qualquer cousa que de vosso serviço fôr, Vossa Alteza ha-de ser de mim bem servido, peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Thomé Jorge de Osorio meu genro, o que receberei em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

---

ligioso de São Francisco, santo varão que ali estava, algumas coisas de Deus e da nossa fé, que elle nunca tinha ouvido, o pouco que podia n'aquelle instante que os verdugos lhe davam; e aconselhava-o a crêr no que elle dizia, porque assim iria para o céo, onde teria gloria e eterno descanço, e senão que iria para

D'este Porto Seguro da vossa ilha da Vera Cruz, hoje sexta-feira primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha. »

Assim procederam os portuguêses ao chegarem ao Brasil. Eis o que fizeram os indigenas:

«... Saindo a dita armada d'este logar, escreve D. Manuel aos reis de Hespanha, o capitão deixou ahi dois christãos á mercê de Deus...»

Explica o piloto: «... deixando... dois degredados n'este logar, os quaes começaram a chorar e foram animados pelos naturaes do país, que mostravam ter piedade d'elles...»

Nasceu assim o Brasil, n'aquelle solo orvalhado das lagrimas dos nossos.

Ao largar de Porto Seguro a « formosa » armada de Cabral, em vez de levar, para informe da terra, alguns dos indigenas com quem os descobridores comeram, dançaram e travaram relações commerciaes, confiou dois portuguêses á sua bondade infantil.

---

o inferno, a padecer perpetuos tormentos e penas. Elle, pensando um pouco, perguntou ao religioso se iam Hespanhoes para o céo. O religioso respondeu que sim, mas que só iam os que eram bons. Disse logo o cacique, sem mais pensar, que não

Vendo-os chorar desesperados, olhos fitos nas vélas desferidas, foram animal-os, mostrando ter piedade d'elles, os pintalgados indios, garridos no rubro do Brasil, nas plumagens verdes e amarelas da « Terra dos Papagaios », tão graciosos na castidade da sua nudez, que logo os considerou Caminha materia prima para tudo o que fosse de grandioso.

E durante quatro seculos sempre vibraram portuguêses na mesma saudade, ao entreverem nos seus navios a patria distante, e offereceram-lhes sempre brasileiros, no mesmo abraço, a patria adoptiva.

---

queria ir para o céo, mas para o inferno, para não estar onde elles estivessem, e para não vêr tão cruel gente.

(O supplicio d'este cacique, que Las Casas não poude evitar, indignou-o a ponto de vir a Hespanha, onde se tornou o verdadeiro apostolo das Indias, protestando com vehemencia contra a destruição systematica dos Indios, um dos maiores crimes de toda a historia).

XI

Prioridade dos portuguêses na descoberta do Brasil

Dissera categoricamente D. João II a Christovão Colombo, nas entrevistas em que tão affavelmente o recebeu, «que aquella conquista lhe pretencia», isto é, que eram suas as terras aonde elle chegára. Declarou Colombo que o não sabia, e que os reis de Castella apenas lhe tinham ordenado que não fosse á Guiné nem á Mina. «El-Rei graciosamente lhe respondeu que tinha a certeza de que n'isso não haveria mister de terceiros» [1].

---

1 Diario da primeira viagem de Colombo.

Encobria a maneira *graciosa* de dizer o projecto de empregar a força para defender a posse d'essas terras. Era sempre D. João II um habil politico. Disfarçavam habitualmente as suas boas palavras graves propositos. Queria vêr Colombo, na recepção que lhe fizera, o desejo de que constasse em Castella, «para que os reis o soubessem». Procurando impedir que elle se apossasse violentamente das Antilhas, descreviam-n'o os reis de Castella como «um principe que não declarava os seus designios aos seus amigos».

Mandou logo o rei português preparar uma armada que, sob o commando de D. Francisco d'Almeida, devia ir á America expulsar os hespanhoes que lá tinham ficado.

Receiando a guerra, procuraram os reis de Castella legalizar a posse d'essas terras, e appellaram para o papa, fonte da propriedade das descobertas de além-mar. Foi tal a pressa com que trataram do assumpto que, tendo Colombo chegado a Palos em 15 de março, logo em 3 de maio o papa Alexandre VI, o celebre Borgia, concedia aos reis de Castella todas as terras descobertas e por descobrir. Era a mesma concessão que a respeito de Africa se fizera aos reis de Portugal.

Fez-se sentir o protesto de D. João II; e logo no dia seguinte, 4 de maio, emendou o papa a primeira concessão, restringindo o alcance da doação aos reis de Castella, e reconhecendo o direito de Portugal ás terras áquem de um meridiano, que devia passar a 100 leguas ao occidente das ilhas de Cabo Verde ou dos Açôres.

A bulla de 3 de maio, que está no Real Archivo de Simancas, e vem publicada na collecção de Navarrete, vol. II, pag. 29, diz: «... para sempre damos, concedemos e assignamos, segundo o theor das presentes, todas e cada uma das terras e ilhas supraditas assim conhecidas e até agora descobertas e que de futuro se descobrirem, que não estejam debaixo do dominio actual e temporal de Senhor algum christão, com todos os seus dominios...»

A bulla de 4 de maio, existente na Torre do Tombo (gaveta 10, maço 11, n.º 16) e publicada no *Bullarium Romanum,* tomo V, pag. 361; no livro *Alguns documentos,* etc., pag. 66, e tambem em Navarrete, vol. II, pag. 34; só difere d'aquella em restringir assim a concessão: «... todas as ilhas e terra firme achadas e por achar, descobertas e por descobrir, fabricando e construindo uma linha desde o polo arctico ou septentrião até ao polo antarctico

ou Meio-dia; a qual linha distará de qualquer das ilhas que vulgarmente são chamadas dos Açôres e Cabo Verde 100 leguas para o Occidente e Meio-dia...»

Fôra tão precipitadamente incluida a restricção, que nem houve tempo de verificar qual dos dois archipelagos era o mais occidental, para fazer partir d'elle a demarcação.

Continham as duas bullas graves penalidades para quem não as acatasse: «E por outra parte defendemos e prohibimos, sob pena de excommunhão, a toda e qualquer pessoa, de qualquer estado, ordem, condição ou dignidade que seja, mesmo imperial ou real, que vá ou mande sem permissão vossa... a alguma das ditas ilhas ou terras firmes... E ninguem seja ousado a infringir e quebrantar o que está determinado por este nosso mandamento... E se alguem fôr ousado a contravil-os, seja certificado em como incorrerá na colera e indignação de Deus Todo Poderoso, e dos apostolos S. Pedro e S. Paulo».

Mas apezar de tão severas penas continuou D. João II no seu proposito de enviar uma frota, que impedisse a intervenção dos hespanhoes nos nossos descobrimentos.

Se tivesse sómente o proposito de defender o caminho maritimo para a India, se nutrisse apenas a vaga esperança de partilhar a posse das ilhas de onde vinha Colombo, bastar-lhe-iam essas 100 leguas que lhe concedia o papa, restringindo a primitiva concessão a Castella.

Não o satisfaz porém esse limite, porque não resalva positivamente o que elle quer.

Póde admittir-se que D. João II não acatasse a bulla, affrontasse a excommunhão papal e a colera e indignação de Deus, quando os reis portuguêses de então eram os maiores amigos de Roma, os defensores e propagandistas do christianismo; e estavam na posse de grandes terras d'além-mar em vista de outras bullas, de identicos titulos de propriedade?

Só desconhecendo-se a época se póde admittir semelhante procedimento.

É que o rei portuguez estava ao abrigo da seguinte clausula da bulla de 4 de maio, ampliação de identica passagem da anterior: «... mas de maneira que todas as ilhas e continentes achados e por achar, descobertos e por descobrir, desde a dita linha para o Occidente e Meio-dia, não sejam actualmente possuidos por outro rei ou principe christão

até ao dia do nascimento de N. S. Jesus Christo, pelo que principia o presente anno de 1493... »

Assim as bullas acautelando um direito, reservando uma precedencia, são uma prova indirecta do reconhecimento d'essa precedencia, d'esse direito de posse porque D. João II luctava. Estava nas repetidas viagens dos portuguezes á America a razão que lhe assistia para o fazer, e que tanta força lhe dava para persistir.

Vendo que a intervenção do papa não resolvia a questão, decidiram os reis de Castella negociar directamente com Portugal a divisão das terras do occidente, e propozeram a D. João II que « ... quizesse pôr em téla judiciaria a duvida que tinha nos seus descobrimentos, para que em boa paz e amizade désse o direito a cada um o que fosse seu, e que por emtanto lhe supplicavam desistisse do apresto da armada, porque se faziam suspeitosas na paz preparações de guerra... »

Prova ainda hoje a grande serie de documentos existentes nos archivos hespanhoes a importancia da lucta que se travou entre os dois países, e que não chegou a um rompimento formal pela cedencia dos reis de Castella á exigencia de D. João II. Vê-se por elles que o duque de Medinasidonia e o almirante

D. João da Fonseca receberam ordem de armar naus para irem dar combate á esquadra que se preparava em Portugal; que Colombo seria reforçado no mar das Antilhas pelo dobro dos navios que de Lisboa saissem; e que da Madeira tinha partido para a America uma caravela, seguida de outras tres que se fingira terem sido mandadas apoz ella para a capturar. Ordena-se em muitos d'elles uma activa espionagem para se saber o que faziam os portuguêses, e transparece em todos o receio de que D. João II persista em mandar á America a frota de D. Francisco d'Almeida, em vez de enviar a Castella embaixadores que n'um tratado resolvam a questão.

Mostrava-se D. João II disposto a fazer o que dissera a Colombo: « tinha a certeza de que n'isso não haveria mister de terceiros ».

Eis alguns d'esses documentos. Em 1 de junho de 1493 escrevem [1] a Colombo os reis de Castella: « vimos vossa carta, e a respeito do que nos escrevestes, que soubestes dos navios que El-Rei de Portugal enviou, (os que saíram da Madeira) é conforme

[1] Navarrete, vol. II, pag. 83.

com o que cá sabiamos... Do mais que souberdes informae-nos continuamente ». No dia 12 tornavam a escrever-lhe: [1] « parece-nos que está conforme (o rei de Portugal) com a intenção em que nós estamos *que cada um tenha o que lhe pertence.* E para que se *decida isto* diz que nos enviará seus mensageiros ».

São do maior alcance as phrases que sublinhámos. Mostram bem claramente que se trata de delimitar, de decidir uma posse, anterior ás negociações e á viagem de Colombo origem da questão.

Nova carta [2] dos reis a Colombo, em 18 de agosto, noticia-lhe que os embaixadores de Portugal chegaram ha tres dias, e diz-lhe crêrem: « que elles se chegarão á rasão e justiça porque nós não queremos outra coisa ».

Manifesta-se mais claramente essa disposição de fazer justiça, em que diziam estar na carta enviada no mesmo dia ao almirante D. João da Fonseca, e que pela data parece a solução de uma reclamação dos enviados portuguêses. Diz a carta: [3] « No da

---

[1] Navarrete, vol. II, pag. 88.

[2] Idem.

[3] Idem.

armada de Vizcaya que está em Cadiz não sabemos que moveu a Inigo de Artieta, capitão d'ella, a mandar perseguir os navios que passavam com indios de Portugal além, porque semelhante coisa não se deve fazer sem nosso mandado: nós lhe escrevemos a este respeito, e lhe ordenamos que, se os tomou, os restitua a quem o rei de Portugal mandar por elles: fazei vós com que assim o cumpra».

Estabelece este importante documento que em 1493 o rei de Castella reconhecia a existencia de *indios de Portugal,* o direito de D. João II á terra de onde vinham esses indios e portanto a essa *India de Portugal,* isto 10 mezes antes da assignatura do tratado de Tordesillas! Eram a America e os seus indigenas, estas Indias e estes indios, porque os hespanhoes sempre assim os tratavam. Demais Vasco da Gama só regressou da India em 1499, de maneira que os indios, de que se fala antes d'essa data, só podem ser os indios americanos.

A vinda dos indios, a existencia de indios em Portugal, o commercio português com essas terras dos indios, absolutamente possivel em vista do grande numero de viagens á America, são estabelecidos claramente por essa carta e por outras noticias e documentos.

Escreve Diogo Gomes, de Cintra [1]: « O que eu quiz experimentar mandando Jacob, indio que o senhor infante (D. Henrique) comnosco mandou, para que chegassem á India, nos servisse de lingua em terra... O qual Jacob indio... »

Foi sempre o descobrimento de novas terras anterior ao que dizem os chronistas, reproduzem as historias, e geralmente se crê.

Tinham o infante D. Henrique e D. João II as mais precisas informações de terras, cuja descoberta se fixa em data posterior. Recebera D. João II, de Roma, um livro em latim com a descripção da costa oriental d'Africa, Abyssinia, ilha de Socotorá, Persia e India. Essa descripção vem publicada no prologo do livro de Marco Polo, por Valentim Fernandes Allemão.

Uma bulla [2] de absolvição, de 4 de julho de 1505,

---

[1] As relações, etc., pag. 17.

[2] «Bulla de Julio II. *Sedes apostolicæ benigna*... O nosso carissimo filho em Christo, Manuel, illustre rei de Portugal e dos Algarves, nos fez humildemente expôr que o rei João (D. João II)... de esclarecida memoria mandava commerciar com os mouros e negros de Guiné e com os indios, aos quaes enviava metaes e outros artigos, dos quaes resultava grande uti-

mostra que D. João II commerciava com os indios, como antes d'elle outros reis, e reforça essa affirmação com a indicação de que D. Manuel seguia o costume, e com a designação precisa e distincta de mouros, negros e indios, que afasta completamente a hypothese de uma confusão de palavras.

Por causa da chegada dos embaixadores de Por-

---

lidade aos christãos que habitavam os referidos reinos de Portugal e Algarves e seus dominios, e assim o mesmo Manuel, pelo referido modo e seguindo o costume estabelecido, tambem mandava ás preditas terras dos negros, dos mouros e dos indios, os seus enviados e navios para progredirem no commercio com os naturaes e habitantes das referidas partes, das quaes recebiam especiarias e muitas outras coisas de que resultava utilidade aos christãos, enviando-lhes metaes e outras cousas convenientes ás suas necessidades e usos. E segundo crêmos tendo esperança de que os mesmos negros mouros e indios, e os habitantes d'aquellas partes com os quaes os fieis christãos entretinham commercio e conversação, podessem ser convertidos á fé de Christo, por meio da recepção d'esses metaes e outras cousas que como mercadorias o mesmo rei a essas partes mandava. E como por tua parte foi humildemente pedido que tanto aquelles christãos que por licença tua e do rei João, pelo referido modo, levaram áquelles referidos negros e mouros e indios as referidas mercadorias, sem licença da referida Sé fossem

tugal são chamados cosmographos e marinheiros para esclarecerem a questão. Em 26 de agosto escreve [1] o cardeal de Hespanha, arcebispo de Toledo, a Jayme Ferrer: « Nós queriamos falar comvosco algumas coisas necessarias; por isso vos rogamos, assim que receberdes esta carta, parti, e

---

absolvidos de quaesquer excommunhões, censuras e penas ecclesiasticas em que por causa d'aquelle procedimento incorressem, quer no tempo do dito Manuel como no tempo de qualquer outro rei existente em Portugal, por cuja licença os referidos habitantes dos seus reinos e dominios, por sua licença os referidos metaes e mercadorias ás citadas partes possam levar, e concedemos licença e faculdade para esse effeito conveniente, nós pela singular auctoridade que possuimos de Deus annuimos pelo mesmo modo ás supplicas do referido rei gostosamente e absolvemos por nossa auctoridade apostolica os referidos habitantes e naturaes dos mesmos reinos e dominios, que por licença dos referidos reis João e Manuel, ou de outros quaesquer que pelo mesmo modo tenham levado suas mercadorias e metaes aos referidos negros ou mouros ou indios, sem licença da Sé apostolica, de quaesquer excommunhões, censuras e penas que tanto pela bulla da Ceia como por outras constituições apostolicas dadas e promulgadas houvessem incorrido... » Torre do Tombo, Coll. de Bullas, maço 31, n.º 12.

[1] Navarrete, vol. II, pag. 111.

vinde aqui a Barcelona, trazendo o mappamundi e outros instrumentos que tiverdes relativos á cosmographia ».

Falando da reunião dos embaixadores em Tordesillas, mostra Las Casas [1] a superioridade do saber dos portuguêses, a conta em que eram tidos, e a maneira como conheciam o assumpto: « ali mandaram ir os reis de Castella muitas pessoas que sabiam de cosmographia e astrologia (astronomia) posto que houvesse muito poucas então n'aquelles reinos, e as pessoas de mar que se poderam reunir... e ahi enviou o rei de Portugal as suas que deviam ter, ao que eu julguei, mais pericia e mais experiencia n'aquellas artes, ao menos das coisas do mar, que as nossas... Os embaixadores davam determinadamente resposta em cousas que requeriam que com seu rei as consultassem ».

Logo em 5 de setembro escrevem os reis a Colombo [2] consultando-o sobre uma revelação dos delegados portuguêses. É da maior importancia a seguinte passagem da carta: « E porque depois da

---

[1] *Historia de las Indias*, cap. 87, pag. 16.

[2] Navarrete, vol. II, pag. 123.

vinda dos portuguêses a pratica que com elles se tem tido, alguns querem dizer que o que está em meio desde o cabo que os portuguêses chamam de Boa Esperança, que está na derrota que levam agora pela Mina do Ouro e Guiné abaixo, até á raia que dissestes que devia vir na Bulla do papa, pensam que poderá haver ilhas e ainda terra firme, que segundo a parte do sol em que estão se crê que serão mui proveitosas e mais ricas que todas as outras; e porque sabemos que d'isso sabeis melhor que ninguem, vos rogamos que nos envieis já o vosso parecer a este respeito, porque se convier, e vos parecer que aquillo é tal como aqui pensam que será, se emendará a bulla».

Indica a redacção confusa da carta que os reis de Castella não sabiam positivamente do que se tratava; mas o conhecimento da revelação dos portuguêses é da maior importancia. Tratava-se portanto de uma terra, de uma grande terra ao sul, de uma terra firme a que os portuguêses attribuiam a maior importancia, do Brasil emfim. Era essa terra cuja posse os nossos pretendiam assegurar a todo o transe.

Eram esses delegados portuguêses, cujo saber impressionava Las Casas, cujas revelações surpre-

hendiam os reis de Castella e o proprio Colombo, Ruy de Leme, provavelmente parente de Antonio Leme que entre 1473 e 1484 descobriu tres ilhas ao occidente, e que por esse motivo devia conhecer as regiões da America e a sua navegação; e Duarte Pacheco, auctor do *Esmeraldo*.

Prova indiscutivelmente a interessante carta dos reis de Castella que esses dois homens, os outros da embaixada, e o rei que os enviára, pugnavam pelo reconhecimento do seu direito á posse de uma terra, que não era attingida pelas 100 leguas da bulla de Alexandre VI.

Finalmente em 7 de junho de 1494 é assignado o tratado de Tordesillas [1] que afasta para 370 leguas das ilhas de Cabo Verde a linha divisoria da bulla de 4 de maio de 1493, abrangendo assim o Brasil, cujos limites foram traçados por esse meridiano.

Regista o mappa de Cantino essa linha, que inclue na parte portugueza, além do Brasil e da Terra Nova, a Groenlandia, marcada com a bandeira portuguêsa. Diz a legenda: « Este he o marco

---

[1] Alguns documentos, etc., pag. 69.

dantre castella e portugall». Á direita, a oriente da linha, estão as bandeiras das quinas, as antigas bandeiras nacionaes; á esquerda, a occidente, a bandeira dos Leões de Castella.

Disse-se durante muito tempo que esta divisão era meramente nominal, e que não havia maneira de a tornar pratica porque se ignorava então o meio de determinar a longitude.

Regulavam porém os marinheiros d'esse tempo os limites pelo ponto em que o equador cortava a costa americana, ponto muito proximo d'aquelle por onde devia passar o meridiano. É o que dizia a carta de Estevam Froes [1] a D. Manuel: «o que se usava e praticava entre os limites assim era que da linha equinocial para o sul era de vossa alteza, e que da mesma linha para o norte era de el-rei padre de vossa alteza (o rei de Castella sogro de D. Manuel)».

---

[1] «Senhor. — Eu escrevi a Vossa Alteza d'estas Indias onde estou preso, como Vossa Alteza sabe, e assim, senhor, tive cá maneira que fiz trasladar o processo que contra nós fizeram, e o mandei a Vossa Alteza para que fosse informado do que se dizia contra nós, e depois de lá, senhor, ser o processo, o que se mais ao diante fez n'elle. Assim é que saiu o alcaide mór Marcos

Eram defendidos encarniçadamente esses limites. Muitos marinheiros, de um e de outro paiz, foram presos e castigados por os haverem transposto. Trocou-se muita correspondencia por causa da linha divisoria entre os reis de Portugal e de Castella; e em muitos documentos officiaes e particulares se allude a ella, se fala nas suas demarcações.

O que interessa estabelecer é que desde 1494

---

d'Aguilar com um desembargo que antes de todas as coisas mandava que mice Francisco Corso e Pero Corso, ò que cá havia estado, fossem mettidos a tormento, não prejudicando o provado contra nós por o promotor da justiça, do qual mandado e desenbargo nós apellámos para a relação de Sua Alteza, os quaes senhores confirmaram a sentença do alcaide mór, o qual os metteu a tormento d'agua e cordas e lhes perguntavam no dito tormento se vinhamos de Portugal com tenção de entrarmos em terras de el-rei de Castella, os quaes sempre disseram que não, e que vinham a descobrir terras novas de Vossa Alteza, como o tinham dito em seus ditos e mais não disseram, e sobretudo isto senhor nos não querem despachar, nem nos quizeram receber a prova do que alegávamos, como Vossa Alteza possuia estas terras ha vinte annos e mais, e que já João Coelho, o da porta da Cruz, visinho da cidade de Lisboa, viera ter por onde nós outros vinhamos a descobrir, e que Vossa Alteza estava em posse d'estas terras por

um documento official, um tratado de limites, reconhecia a Portugal a posse do Brasil. Em 1493 e 1494 era já da posse que se tratava. O conhecimento do grande país da America do Sul ha muito que fôra registado.

Apresenta-o o mappamundi de Bianco, de 1436. Confirma-o o mappa de 1448, do mesmo Bianco, que o traça em Londres, depois de passar em Portugal. Na ponta mais avançada de Africa vêem-se o Cabo

---

muitos tempos, e que o que se usava e praticava entre os limites assim era que da linha equinocial para o sul era de Vossa Alteza, e que da mesma linha para o norte era d'el-rei padre de Vossa Alteza (el-rei de Castella sogro de D. Manuel), e que nós que não passáramos a linha equinocial, nem chegáramos a ella com cento e cincoenta leguas, e quanto mais que os testemunhos que contra nós eram dados nos eram todos suspeitos, e causa da suspeição: assim era que todos eram castelhanos, e que segundo a regra e lei de direito assim era que sobre caso de propriedade d'entre um reino a outro não se haviam de receber aos autores testemunhos dos naturaes do reino, quanto mais senhor que todos estes testemunhos que contra nós deram eram todos os que nos prejudicavam, dos naturaes de Palos de Moger, que eram homens que nos queriam mal por causa de um Diogo de Lepe que Vossa Alteza mandou enforcar, porque foi tomado nas partes da Guiné com certos negros que levava furtados, as quaes testemunhas an-

Verde, e o Cabo Roso em frente as ilhas *dos ermanos*, as actuaes ilhas do Fogo e Brava do archipelago de Cabo Verde, e ao sul d'ellas, com quanto mais avançada para leste do que está realmente, a parte do Brasil correspondente ao cabo de S. Roque. Ahi, para tirar todas as duvidas, escreveu Bianco: « ixola otinticha (?) xe longa a ponente 1500 mia », ilha authentica (ou antilia) 1:500 milhas ao poente.

---

davam dizendo por toda esta cidade que nos enforcassem a todos sobre suas almas, que não lhe faltava nada de os apropriar aos judeus quando diziam o seu sangue venha sobre nós e sobre nossos filhos e etc. D'isto senhor e d'outras cousas mais por inteiro fazemos artigos, sem a nenhum nos quererem receber a prova, agora não sei senhor o que quererão fazer; o feito está conclu-zo, sobre o tormento não sei o que será de nós, senhor, nem temos quem por nós faça, senão o bacharel Pero Moreno, o qual temos por nosso lettrado, e além de advogar por nós nos ajuda em todas as outras necessidades, por sermos naturaes do reino de Vossa Alteza, e nos diz que por sermos vassallos de Vossa Alteze fará tudo o que n'elle fôr, como de feito senhor o faz, supplico a Vossa Alteza que não nos desampare e que nos proteja de maneira que não pereçamos como culpados, pois que o não somos, e que no caso que nós fossemos culpados em ficar onde ficámos, se é terra de el-rei de Castella, nós não ficámos na dita terra

Ora o cabo de S. Roque dista effectivamente 1:520 milhas de Cabo Verde.

Para melhor comprehensão do assumpto podemos dividir as descobertas da America em dois grupos principaes: as do noroeste a que serviram de base as ilhas dos Açores; as de sudoeste de que o archipelago de Cabo Verde é o ponto de referencia e de partida.

---

como em terra d'el-rei de Castella, senão como em terra de Vossa Alteza, e porque n'ella nos quizeram matar os indios e um Pero Galego, como Vossa Alteza sabe, nos acolhemos a estas partes por não termos outra mais perto onde nos a caravela podesse trazer, porque estava toda comesta do busano e brama, e fazia muita agua, e mais traziamos o leme comesto e quebrado e etc. Como Vossa Alteza mais largamente sabe e vol-o eu senhor tenho escripto, portanto senhor supplicamos a Vossa Alteza que nos livre d'este captiveiro em que estamos, e não consinta Vossa Alteza que, pois Diogo de Lepe pagou como culpado, que nós paguemos a justiça que n'elle fez, sendo innocentes do peccado que nos poêm, porque assaz abasta ter-nos vae em um anno presos como nos têm, sem causa, e tomado toda nossa fazenda, só por nos virmos acolher em sua terra, pôr-nos o que nós não fizemos nem pensámos, que é bem certo senhor que a obra que elles recebem nas ilhas dos Açôres, de Vossa Alteza, não é esta com

Da mesma fórma que do continente saem os navegantes para os Açores, base das explorações da Terra Nova, da Terra do Lavrador; logar marcado para a partida das frotas; séde dos trabalhos de descoberta e das relações commerciaes; assim os que de Portugal e de Hespanha pretendem ir á America do Sul é ao archipelago de Cabo Verde que primeiro se dirigem, e partem das ilhas de Santiago ou do Fogo em rumo de sudoeste.

---

que nos elles receberam, que quantos navios de cá vão todos vão tocar em cada uma d'estas ilhas, onde os vassallos de Vossa Alteza lhes fazem muita honra, e não os prendem nem atormentam como elles nos fizeram; não me culpe Vossa Alteza de o eu assim dizer e escrever, porque senhor se fôra em culpa ou suspeita houvera em mim do que nos poem, eu senhor soffrera tudo com muita paciencia; porem, senhor, esta rixa que elles, senhor, teem comnosco não é nova, senão muito velha, que lhe ficou dos nossos antecessores d'Alfarrobeira (quer dizer d'Aljubarrota) e com ella hão de ir á cova; supplico a Vossa Alteza que me queira remediar com justiça escrevendo a el-rei vosso padre, senhor, que olhe nossa innocencia e quanta injustiça nos fazem em nos terem presos vae em um anno sem causa, em o que além de Vossa Alteza administrar justiça nos fará muita mercê, e rogaremos a Deus por vosso real estado com accrescentamento de muita vida e posto que Vossa Alteza me não conhece como

Por isso foi referida ás ilhas de Cabo Verde, a demarcação de Tordesillas, embora as dos Açores estejam mais ao occidente, porque era d'ellas que se conhecia a distancia e o rumo do Brasil.

Diz Fructuoso que João Vaz Corte-Real descobriu «algumas partes do poente e do Brasil» e relaciona essa descoberta com a ilha do Fogo.

Sabe-se de uma outra viagem ao Brasil, a de João Coelho, de que ha duas noticias valiosas que permittem limitar-lhe a epoca. Diz um manuscripto de fr. Diogo das Chagas [1]: «offendido João Coelho

---

a creado eu senhor na vontade e de coração o sou de Vossa Alteza, porque senhor se ficára no Rio onde fiquei não foi com intenção se não de saber o que havia na terra, para de tudo dar conta a Vossa Alteza como espero em Deus de dar, segundo achei em um alvará que Vossa Alteza tinha dado a Diogo Ribeiro, arauto de Vossa Alteza, em que Vossa Alteza lhe encarregava que olhasse bem pelas cousas da terra, o qual cargo eu senhor tomei por o matarem os indios como Vossa Alteza sabe; beija as mãos de Vossa Alteza d'esta cidade de Santo Domingo aos trinta dias do mez de julho de quinhentos e quatorze annos das Indias d'el-rei de Castella = do criado e servidor de Vossa Alteza = Estevão Froez.» Torre do Tombo, Corpo Chronologico, parte 1.ª, maço 15, n.º 99.

[1] Citado por Drumond, *Annaes da ilha Terceira*, tomo 1, pag. 71.

(de João Vaz Corte-Real) alguns annos depois, preparando um navio com gente á sua custa, sahiu em descobrimento de novas terras... dando com terras desertas na parte do sul». Pela data do fallecimento de João Vaz póde fixar-se a viagem de João Coelho como anterior a 1496.

Diz a carta de Estevam Froes em 1514; «alegavamos que vossa alteza possuia estas terras ha vinte annos e mais (1494 e anteriores) e que já João Coelho, o da porta da Cruz, visinho da cidade de Lisboa, viera ter por onde nós outros vinhamos a descobrir, e que vossa alteza estava em posse d'estas terras por muitos tempos».

Tinha sido tão notoria a viagem de João Coelho que Estevam Froes referia-a de tão longe, e escudava-se com o seu precedente para dizer que a terra onde fôra ter pertencia a Portugal.

Na sua primeira viagem (1497) passou Vasco da Gama junto da costa do Brasil, tendo signaes de terra em 22 de agosto, 19 dias depois de sair de Santiago de Cabo Verde. Eis a passagem do roteiro [1] que os regista: «indo na volta do mar ao sul

[1] Roteiro da viagem de Vasco da Gama, pag. 3.

e a quarta de sudoeste, achámos muitas aves feitas como garções, e quando veio a noute tiravam contra o susueste muito rijas como aves que iam para terra, e neste mesmo dia vimos huma baleia, e isto bem oitocentas leguas em mar ». Na viagem de Cabral são tambem as aves os signaes de terra, que encontram pouco depois de as terem visto. Tambem Colombo conclue a proximidade de terra pelo vôo dos passaros, e indica que os portuguêses tinham descoberto ilhas por esses signaes. É claro que Vasco da Gama teria procurado a terra para onde essas aves se dirigiam « como aves que iam para terra », se não soubesse perfeitamente que havia ali uma terra portuguêsa, já visitada por outros, e já incluida nos nossos dominios.

Em 1498 vae ao Brasil Duarte Pacheco, por ordem de D. Manuel, certamente para verificar, na sua qualidade de cosmographo e geographo, os limites da linha divisoria estabelecida pelo tratado de Tordesillas [1].

---

[1] Tambem só depois da nossa primeira edição vae sendo acceite este ponto. Já na Introducção do *Livro da Marinharia*, por João de Lisboa, pag. XLV, regista o facto, o snr. Brito Rebello: « Pedro Alvares Cabral, que em 1500 a 27 d'abril (aliás 22) avis-

Eis a passagem do *Esmeraldo* [1] em que noticia a sua viagem: « ... bemaventurado Principe, temos sabido e visto como no terceiro anno do vosso reinado do anno de nosso senhor de mil quatrocentos e noventa e oito, donde nos vossa alteza mandou descobrir a parte occidental, passando além a grandeza do mar oceano, onde é achada e navegada uma tão grande terra firme... (n'este ponto a descripção da America que transcrevemos a pag. 56) e indo por esta costa sobredita, do mesmo circulo equinocial em diante, por vinte e oito graus de ladeza (latitude) contra o polo antarctico é achado n'ella muito e fino brasil com outras muitas coisas de que os navios n'estes reinos vem grandemente carregados... »

A phrase « passando além a grandeza do mar » quer dizer « passando eu além a grandeza do mar », o que indica a acção de passar e portanto a realisação da viagem.

---

tou a terra de *Vera Cruz*, hoje *Brazil*, de que reconheceu a parte, já tocada dois annos antes por Duarte Pacheco. »

[1] Ed. Epiphanio, pag. 23 e 24.

Tem absoluta authenticidade essa noticia, em que se invoca o nome do rei, se cita a data e se precisa com a referencia ao anno do reinado. O caracter de Duarte Pacheco, o heroe do oriente, o Grão Pacheco na phrase de Camões, o autor do *Esmeraldo* em que, a par de uma erudição pouco commum, revela altas qualidades que fazem d'elle um dos maiores vultos do periodo das descobertas, afasta completamente a hypothese de que referisse uma viagem não realisada.

Essa maneira de dizer é a mesma que emprega ao referir as suas explorações na costa de Africa «mandou descobrir por mim e por outros seus capitães», sem acrescentar nada mais, nem sequer uma equivalencia da phrase «passando além a grandeza do mar oceano».

Ao noticiar a partida do Gama para a descoberta da India emprega as mesmas expressões que ao falar da sua ida ao Brasil: «no segundo anno de vosso reinado da era de Nosso Senhor de mil e quatro centos noventa e sete annos e no vinte e oito de vossa idade vossa alteza mandou descobrir esta costa do ilheo da Cruz... em diante... até se saber a grande provincia do Malabar que India baixa se chama...» Narrando ter sido encarregado de fa-

zer o *Esmeraldo* escreve: « vossa alteza me disse que se queria n'isto fiar de mim ».

Em resumo, se não tivesse feito a viagem ao Brasil em 1498, não faria Duarte Pacheco a allegação d'essa incumbencia, não falaria n'ella sequer. Elle só fazia affirmações fundadas: « testemunhando o que vimos, e o nosso testemunho é verdadeiro ».

Trata-se de uma passagem absolutamente authentica, uma nota pessoal, mas accidental, feita sem o proposito de valorisar serviços, de estabelecer precedencias, de ganhar honra ou proveito, dirigida ao rei que mandára executar a viagem.

O funcionario sob cuja direcção se publicou o *Esmeraldo* [1], em vez de fazer áquelle admiravel livro a devida annotação, verificando as riquissimas noticias de toda a ordem que elle encerra, comparando os conhecimentos de hoje com os revelados então, commentando com documentos ou noticias de chronicas as suas principaes passagens, fa-

[1] Trata-se aqui da edição de 1892, trabalho infeliz sob todos os aspectos. As citações do *Esmeraldo de situs orbis* referem-se á Edição Critica, annotada por Augusto Epiphanio da Silva Dias, Sociedade de Geographia de Lisboa, 1905.

zendo sobresair os pontos em que elle rectifica e emenda o que está escripto e é acceite geralmente, limitou-se a oppôr á narração da sua ida ao Brasil a seguinte nota: «Tentativa para a descoberta do Brasil, levada a effeito por Alvares Cabral em 1500, sendo acompanhado por Duarte Pacheco».

É a seguinte passagem de um chronista, referindo o aprisionamento de uma nau de mouros no mar da India, o que auctorisa a dar Cabral acompanhado por Pacheco: «... Pedralvares porque tinha já dado o cuidado de a ir demandar a Pero d'Ataide capitão do navio *S. Pedro:* tanto que foi vista metteram-se com elle Vasco da Silveira, Duarte Pacheco Pereira, João de Sá, que fôra com Vasco da Gama, e outras pessoas de qualidade que Pedralvares escolheu e foram-se a ella». Ora só terá maior valor que a outra, esta passagem, quando a narrativa de um chronista fôr considerada mais authentica do que uma nota autobiographica, dada em tão excepcionaes condições de desinteresse e de verificação.

Mas podem ficar de pé as duas passagens. Uma não annula a outra. Duarte Pacheco, que foi ao Brasil em 1498, podia perfeitamente embarcar em 1500 na frota de Cabral.

O que auctorisou porém a negativa da ida ao Brazil em 1498? Diz o prologo: «Por motivos difficeis se não impossiveis de averiguar, não foi posto em execução o plano de D. Manuel». Então como averiguou que não foi realizado? Qual é o documento que desmente o *Esmeraldo?*

Ignorava o annotador que assignára Duarte Pacheco o tratado de Tordesillas. Explica o motivo da ida ao Brasil a sua intervenção na questão dos limites.

E assim se pretendia annular a affirmação de Duarte Pacheco com uma nota impertinente, filha do falso criterio historico de que apparecendo um importante documento relativo á descoberta do Brasil, cuja narrativa andava cheia de duvidas e confusões, é com essa narrativa que se deve emendar o documento, e não com o documento que deve esclarecer-se a narrativa!

Em resumo: é positivo que Duarte Pacheco, o cosmographo de cujo saber os hespanhoes se admiravam, e que revelou aos reis de Castella a existencia da America do Sul, foi descobrir (reconhecer) o Brasil em 1498, certamente para verificar os limites, como n'esse tratado era estabelecido.

Partira Colombo para as Antilhas muitos mezes

antes da assignatura do tratado de Tordesillas e só regressou dois annos depois. Ao largar em 1498, na terceira viagem, primeira depois do estabelecimento do limite, procura reconhecer qual a terra que com tanto afinco D. João II disputára.

É de tal importancia este facto que basta elle para demonstrar, por si só, que de ha muito era conhecido o Brasil em Portugal.

Eis as proprias palavras de Colombo: [1] « ... Diz mais na Instrucção que ia pelas ilhas de Cabo Verde... e que ia, em nome da Santissima Trindade, com proposito de navegar ao austro (sul) d'ellas até chegar debaixo da linha equinocial, e seguir o caminho do poente até que esta ilha Hespanhola lhe ficasse ao noroeste para ver se ha ilhas ou terras... »

Ia Colombo em procura do Brasil, a terra cuja existencia tinham revelado em Castella os delegados de Portugal, a terra para onde se navegava de

---

[1] Segundo Las Casas, que escreve sobre os seus papeis e lhe transcreve as proprias palavras. *Historia de las Indias,* cap. 130 e 132, pag. 220 e 226 do volume 63 da *Coleccion de documentos ineditos para la historia de España.*

Cabo Verde, a terra delimitada pela linha equinocial, que elle pretendia seguir pois era esse o limite porque os pilotos se regulavam, como diz a carta de Estevam Froes, vista a facilidade de o determinar e a proximidade do ponto em que o meridiano das 370 leguas cortava a costa.

É, porém, Colombo ainda mais categorico:

« ... Torna o almirante a dizer que quer ir ao austro (sul) porque entende, com ajuda da Santissima Trindade, achar ilhas e terras, com que Deus seja servido, e suas altezas e a christandade tenham prazer, e que quer vêr qual era a intenção do rei D. João de Portugal, que dizia que ao austro (sul) havia terra firme... »

É portanto uma nova indicação de D. João II que leva Colombo ao rumo do Brasil, ao encontro da terra firme, do continente; como as « canas grossas » que lhe mostrou tinham sido um dos indicios das terras do occidente.

Confessa pois Christovão Colombo, que nos apresentam como tendo vindo offerecer um mundo a Portugal, mundo que Portugal recusou, mas que D. João II tentou descobrir, roubando-lhe o *segredo*, que se guiou pelas informações de D. João II, que seguiu as indicações das viagens dos pilo-

tos portuguêses, dos Corte-Reaes e de tantos outros!

Mas dá ainda Colombo mais preciosas informações. Diz elle proprio que foi essa terra firme, esse continente, que D. João II disputou em Tordesillas: «... e por isso diz que teve differenças com os reis de Castella e emfim, diz, que se concluiu que o rei de Portugal tivesse 370 leguas das ilhas dos Açores e Cabo Verde, de oeste ao fim do norte, de polo a polo...»

Não era porém o Brasil só conhecido do rei, e dos que em Castella tinham revelado a sua existencia. Todos sabiam d'isso em Cabo Verde, e confirmam o proposito em que ia, como elle proprio diz, n'estas palavras: «Vieram vel-o as pessoas principaes d'aquella ilha de Santiago e disseram-lhe que a sudoeste da ilha do Fogo, que é uma das mesmas de Cabo Verde, que está a 12 leguas d'esta, se encontrava uma ilha, e que el-rei D. João tinha grande tendencia para mandar descobrir ao sudoeste, e que se tinham achado embarcações que saíam da costa da Guiné e navegavam a oeste com mercadorias....»

É a mesma a referencia do Brasil ás ilhas de Cabo Verde e em especial á do Fogo. Assim se re-

conhece a verosimilhança de Fructuoso ligando as descobertas de João Vaz Corte-Real, em algumas partes do Brasil, á descoberta da ilha do Fogo.

Continua Colombo e diz que ao partir: «mandou governar pela via de sudoeste que é o caminho que leva... porque então chegaria... debaixo da linha equinocial, de onde diz que debaixo d'aquelle parallelo do mundo se acha mais ouro e coisas de valor...»

Era ao limite das terras portuguêsas que se dirigia, mas não com a intenção de aportar a ellas, o que fôra severamente prohibido. Mandou D. João II justiçar por causa d'isso muitos hespanhoes, como se vê pelas instrucções do rei de Castella [1].

---

[1] O que vós Lope Furtado de Mendonça gentil-homem de nossa casa haveis de dizer de nossa parte ao serenissimo Rei de Portugal nosso mui caro e mui amado filho é o seguinte:

Que já sabe como pelo capitulado e assentado entre a corôa real d'estes reinos de Castella, e a corôa real de seu reino de Portugal, sobre a conquista das cousas do mar pertence a estes reinos, tudo o que está dentro da raia, que se concertou pela dita capitulação, que é do polo arctico ao polo anctartico, de norte a sul.

Assentando as tresentas e setenta leguas das ilhas de Cabo Verde á parte do ponente, e que assim mesmo sabe quão inteira-

Quando mandavam á descoberta, davam severas ordens para que não se tocasse no que pertencia a Portugal, e applaudiam as medidas severas tomadas pelo rei português.

Era só de passagem que veria a terra tão disputada: «no qual caminho veria a sobredita opinião do rei D. João».

Ora quando era tão geral o conhecimento da terra de sudoeste, da terra do Brasil, que fôra revelada em Castella, que tinha sido o motivo do tratado de Tordesillas, que em Cabo Verde era sabida

---

mente se ha guardado por parte d'estes reinos o que cerca d'isto se assentou e capitulou, mandando sob grandes penas aos que havemos enviado a descobrir que de nenhuma maneira tocassem no que pertence a Portugal, e que alguns dos que foram contra o assentado hão sido castigados, e d'outros que aportaram a Portugal o senhor rei D. João seu predecessor tomou a emenda d'elles e os mandou justiçar. E assim mesmo por mandado do dito rei meu filho foi justiçado em Portugal Diogo de Lepe, e muitos dos que com elle tomaram morreram no carcere, o qual houvemos por bem eu e a serenissima rainha minha mulher, que santa gloria (sic), quando o dito rei D. João o mandou fazer, porque quebrantaram as taes pessoas o dito tratado e o que por nós lhes havia sido mandado quando se despacharam de cá, e se a estes reinos viessem vivos os mandáramos castigar com pena de morte, e assim castigaremos todos os que contra o assentado vierem, fa-

de toda a gente, que tinha levado Colombo a modificar o rumo da terceira viagem, é muito natural que lá tivessem ido João Coelho e Duarte Pacheco verificar a delimitação, ou fazer um reconhecimento.

Está o maior alcance das palavras de Colombo, revelando em 1498 que, seguindo as indicações de D. João II, ia em procura de terra firme a sudoeste da ilha do Fogo, na explicação dos motivos e do rumo das viagens dos pretendidos descobridores do Brasil: Vicente Yanez Pinzon, Diogo de Lepe e

---

zendo o dito rei meu filho cerca do que abaixo se dirá, o que é rasão como eu espero que o fará, e que agora me hão dito que alguns navios do seu reino tem ido a descobrir a terra que até aqui se tem chamado terra firme, e agora mandamos chamar Castella do Ouro, e elles a titulo de irem á terra que chamam do Brasil, que está pegada á dita terra de Castella do Ouro, hão entrado no que está descoberto por nosso mandado muito mais adeante do que pertence a Portugal pela dita raia da demarcação, em grande prejuizo da corôa real d'estes reinos e em quebrantamento do que está assentado, de que me maravilharia muito se assim houvesse feito, o qual sendo assim tenho por certo que não se haverá feito com conhecimento e vontade do dito rei meu filho, por isto que rogo mui affectuosamente mande logo pôr toda diligencia em saber a verdade, porque já poderia ser que, ainda que o tivessem feito, que o negassem por medo de serem

Alonso Hojeda, que, segundo se diz, sairam de Hespanha em 1499.

Vão todos, como Colombo, ás ilhas de Cabo Verde, partem como elle em rumo de sudoeste, dirige-se Lepe á ilha do Fogo, a que se referia a situação do Brasil, e encaminha-se Pinzon, exactamente como Colombo, ás ilhas do Fogo e de Santiago.

Procuram todos attingir a grande terra do sudoeste, não para a descobrir, porque é já conhecida, tanto que pelas indicações do rei de Portugal e dos portuguêses de Cabo Verde se lhe dirigem. Não para tomarem parte d'ella, porque pertencia a Portugal, e D. João II defendia rudemente os seus limites.

---

castigados, e sabido se fôr certo os mande castigar aos que assim foram a descobrir o sobredito, e quaesquer outros que não hajam guardado o dito tratado, como a transgressores do estabelecido e capitulado, e como se fez e é de razão que se faça em semelhantes casos, para que a elles seja castigo e a outros exemplo, e não ousem fazer d'aqui em diante taes atrevimentos semelhantes pessoas, de onde costumam nascer discordias e differenças entre os reinos, porque não o fazendo assim estes reinos teriam justa causa de aproveitar-se de sua justiça, segundo que em semelhantes casos se costuma e deve fazer, o que eu não queria em nenhuma maneira pelo muito amor que tenho ao dito rei meu filho

O que pretendiam era descobrir terras de que tinham recebido concessão, e iam procural-as n'esse continente além do limite de Tordesillas.

Determinavam expressamente que se não tocasse nas terras de Portugal as cartas passadas pelos reis de Castella.

Dá conta d'essa prohibição uma carta de Francisco Roldan a Colombo [1]: «Faço saber a V. S. como cheguei aonde estava Hojeda no domingo 29 de setembro (1499)... tive de ir ás caravelas e falei a João Velasques e a João Vizcainho, o qual me mostrou uma capitulação que trazia para descobrir n'estas partes, comtanto que não tocasse na terra

---

senão que entre a corôa real d'estes reinos e a de Portugal haja perpetuamente toda conformidade e amor como é razão e devido o requeiro. Feita na Villa de Valladolid aos quatro dias do mez de agosto anno de mil e quinhentos e treze eu el-rei por mandado de sua alteza Lope Canchillo (?)

Lope Furtado de Mendonça.

Torre do Tombo, Corpo Chronologico, parte 3.ª, maço 5.º, n.º 24.

[1] *Historia de las Indias*, por Las Casas, livro I, cap. 164.

do senhor rei de Portugal nem na terra que V. S. havia descoberto até ao anno de 95 ».

Era bem categorica a restricção feita pelos reis de Castella nas cartas dos que iam descobrir terras da America. Diz Alonso Vellez de Mendoza: « que não sejam... das ilhas e terra firme que pertencem ao senhor rei de Portugal, nem tocareis n'ellas nem em parte alguma d'ellas ».

Não se conhece positivamente o ponto da costa da America do Sul em que tocaram esses aventureiros; o que se sabe é que assignalaram com a morte a sua passagem, travando sangrentas campanhas com os indigenas, e levando Pinzon captivos trinta e seis d'elles.

Não têem pois a menor importancia as viagens d'esses tres homens, a que tanta importancia se tem querido dar. Estão claramente estabelecidos o seu alcance geographico e o seu alcance sociologico, desde que se sabe que, como de costume, exterminaram indios, e seguiram os rumos indicados pelos portuguêses. Do seu caracter moral conclue-se sabendo que foi accusado Hojeda de ter furtado roupa e outras coisas de uns navios portuguêses que estavam em Cabo Verde; que Lepe foi enforcado em Portugal com applauso do rei de Castella; e que

Pinzon procurou roubar a Colombo a gloria da primazia da descoberta da America, e os interesses com que os reis de Castella haviam recompensado os seus serviços.

É ensejo de falar agora de João Ramalho, não para aproveitar o argumento da sua estada no Brasil desde 1490, mas para frizar a possibilidade da sua existencia ali n'essa data.

Escreveu fr. Gaspar da Madre de Deus, em 3 de julho de 1784, que tinha em seu poder a copia do testamento de João Ramalho, escripto nas notas do tabellião Lourenço Vaz, na villa de S. Paulo, em 3 de maio de 1580. Na presença do tabellião, do juiz ordinario Pedro Dias e de quatro testemunhas, declarou Ramalho que estava no Brasil ha 90 annos, isto é, desde 1490, dois annos antes da chegada de Colombo ás Antilhas.

Torna a serie de viagens para occidente, a multiplicidade de noticias, documentos e informações de toda a ordem que provam a ida dos portuguêses á America, em data muito anterior ao que geralmente se julga, perfeitamente natural a existencia de Ramalho, ou de qualquer outro português, no novo continente, muito antes de que Colombo guiasse os hespanhoes á conquista.

Dão os chronistas o Brasil descoberto em 1500, mas essa omissão do antigo conhecimento da terra nada quer dizer.

Fazia a orientação d'esses trabalhos de elogios aos reis e aos grandes, aos que predominavam e triumphavam, deixar na sombra as explorações do occidente, realisadas por particulares; o encontro de terras que não eram a India ou que não serviam para estabelecer relações commerciaes. Não se procedia ao registo de tudo, perdiam-se noticias, esqueciam-se datas.

Desculpava-se João de Barros de não tratar em particular das ilhas de S. Thomé, Anno Bom e Principe por não saber quando e por quem foram descobertas.

Succede o mesmo com a Madeira a respeito da qual um documento de 1379, relativo ao maritimo Machico, parece indicar a origem do nome de uma das suas capitanias, provando mais um descobrimento, anterior á data officialmente acceite (1418).

Falando do tempo de D. Affonso V diz João de Barros: « porém sabemos ser voz commum serem mais cousas passadas e descobertas no tempo d'este rei do que temos escripto ». Referindo-se á descoberta da costa da Mina escreve Galvão:

« Muitos querem dizer que n'este tempo foram terras e ilhas descobertas de que já não ha memoria ».

Mostra Duarte Pacheco no *Esmeraldo* [1] o pouco que gostava de descrever terras que não davam resultados uteis: « o mór aggravo que recebi n'esta obra... é que quiz a ventura que no quinhão que coube ao serenissimo rei D. João de seu descobrimento, a maior parte da terra que descobriu do cabo de Catharina em diante, muita parte d'ella é deserta, e alguma que é habitada, pouco commercio ou nada n'ella se acha; porque se fora de rico trato, como as que atraz ficam, receberia muito contentamento em escrever o proveito que d'aquella região podiamos receber ».

A necessidade de manter em segredo o rumo das novas terras fez com que muitas cousas não chegassem até nós.

Era prohibido traçar cartas de marear, para que os estrangeiros não podessem percorrer os caminhos cujo conhecimento constituia a riqueza de Portugal.

Dizer que descobriu o Brasil em 1500 Pedro

---

[1] Ed. Epiphanio, pag. 132.

Alvares Cabral, não quer dizer que antes d'elle não fosse conhecido qualquer outro ponto do grande paiz da America do Sul, cuja unidade geographica estava constituida desde os limites do tratado de 1494. A palavra descobrir não se usava então no sentido absoluto e geral em que se usa hoje. Cabral de facto reconheceu o monte Paschoal, o Porto Seguro, algumas leguas de costa, e chamou ao todo Terra de Vera Cruz. Desde que não achou occupada nem apadroada esta região, considerou-a descoberta, isto é, reconhecida por elle.

A palavra descobrir usava-se no sentido de reconhecer. Diz Caminha na sua carta: « para melhor a mandar descobrir e saber ». Emprega Gaspar Correia, nas *Lendas,* a seguinte phrase: « e tornareis a descobrir este cabo ». Diz o *Esmeraldo* [1] « muitas cousas que este glorioso principe mandou descobrir por mim [2] e por outros seus capitães em

---

[1] Ed. Epiphanio, pag. 15.

[2] A noticia d'esta descoberta de Duarte Pacheco, que as chronicas registam, tem a mesma fórma e é dada da mesma maneira que a da sua ida ao Brasil em 1498, e até com menos solemnidade do que aquella, que é dirigida expressamente ao rei.

muitos logares e rios da costa de Guiné, dos quaes em tempo do infante D. Henrique e d'el-rei D. Affonso a costa do mar sómente era sabida, sem se saber o que dentro n'elles era». Escreve n'outro ponto: «convem que vossa alteza mande tornar a descobrir e a apurar esta costa do ilheo da Cruz em diante, porque é certo que no seu primeiro descobrimento se soube em somma e não pelo meudo» [1].

De tudo isto se conclue que havia descobrir melhor e peor, primeiros e segundos descobrimentos, que os reis mandavam descobrir terras descobertas. Ora palavras de uma applicação e de um sentido tão vago não podem destruir a serie de factos que recuam o conhecimento do Brasil pelos portuguesês para uma epoca distante.

Estabelece claramente a propria viagem o conhecimento anterior do Brasil. Seria perigosa a grande bordada de sudoeste sem a existencia de um porto ao occidente onde se podesse refrescar. É esse porto que Cabral procura reconhecer quando tem os mesmos signaes de terra que Vasco da Gama

[1] Ed. Epiphanio, pag. 17.

em egual periodo da sua viagem. Attingido o primeiro ponto da costa, segue a frota para o norte, como diz Caminha: « para ver se achavam alguma abrigada e bom pouso onde descançassemos para tomar agua e lenha, não por nos já minguar, mas para nos acertarmos aqui ». O piloto diz « nos chegámos a ella para a reconhecer ».

O motivo que o leva a procurar um porto é o mesmo que o fez aproximar de terra; a necessidade de refrescar, de descançar de uma viagem tão extensa, de fazer aguada, porque ha mez e meio que andavam pelo mar e os navios eram pequenos para trazerem agua em abundancia para tanta gente. Na viagem pelo mar largo necessitava-se de um ponto de escala, como os que havia pela costa d'Africa, para tornar possivel em todas as contingencias tão distante navegação.

Tem Caminha a noção d'essa necessidade, e finaliza a carta considerando o Brasil como o ponto preciso para a viagem: « E que ahi não houvesse mais que ter aqui esta poisada para esta navegação de Calecut, abastára ».

É a importancia do ponto de escala da nova derrota que avulta aos olhos de D. Manuel, como aos de Caminha e de Cabral. Nas cartas aos reis

catholicos, falando da ida de Cabral ao Brasil diz: «é muito necessaria e conveniente á navegação da India»; e noticiando terem lá tocado os navios de João da Nova: «ahi foram ter para tomar algum refresco, pois certo a dita terra é muito necessaria para essa viagem».

É a conveniencia de tomar essa terra para refrescar que decide Cabral a mandar a Lisboa um navio, para que as frotas que o seguirem possam já utilisar esse ponto tão util para a navegação.

Levavam dez navios regimento para Calecut, e dois para Sofala. O dos mantimentos ou devia regressar a Lisboa, ou tinha de ser queimado como o que acompanhou Vasco da Gama. Escreve D. Manuel para Castella: «D'esta terra o capitão fez regressar a nós aquella caravela que levava mantimentos».

Não regressa pela simples ordem do capitão-mór, pela imperiosa necessidade de participar ao rei o encontro de uma terra inteiramente nova. Reune conselho, e Cabral «perguntou a todos, diz Caminha, se nos parecia bom mandar a nova do achamento d'esta terra a vossa alteza pelo navio dos mantimentos». É principalmente a boa viagem que a frota leva o que alegra o rei.

Trazendo expontaneamente cabaças de agua, já mostram os indios conhecer as necessidades de um navio. A maneira como estabelecem logo relações de troca, vão a bordo e fraternisam com os nossos, parece mostrar que já tinham tratado com portuguêses. O velho indio que aponta para o ceu deixa prevêr o conhecimento de identicas cerimonias.

Prova claramente o cosmographo da frota, mestre João, physico d'el-rei, que regista o Cruzeiro do Sul na sua interessante carta, o conhecimento da terra, já traçada no mappa de Pero Vaz da Cunha *Bisagudo,* que indica a D. Manuel.

Como cosmographo incumbia-lhe directamente a determinação geographica do local. Desembarca no dia 27 de abril e acha a latitude sul de 17 graus. E em vez de fazer uma larga descripção da terra, como a que faz Caminha do que se passou, escreve estas palavras, de uma importancia e de um alcance extraordinario, que são verdadeiramente o fecho de toda a demonstração:

«... quanto, senhor, ao sitio d'esta terra, mande vossa alteza trazer um mappamundi que tem Pero Vaz Bisagudo, e por ahi poderá vêr vossa alteza o sitio d'esta terra, ainda que aquelle mappamundi não certifica se esta terra é habitada ou não: é mappa-

mundi antigo e ahi achará Vossa Alteza escripta tambem a Mina...»

Havia portanto um mappamundi onde o Brasil estava já traçado; era um mappamundi antigo, o que demonstra o seu antigo conhecimento; um documento de existencia real, pertencente a Pero Vaz Bisagudo, e não uma vaga indicação. Conhecia-o bem mestre João, como se deprehende dos detalhes que dá: antiguidade, não certificar se a terra era habitada, traçado da costa de Mina. Sabia portanto o cosmographo da frota que havia terra n'esse rumo de sudoeste por onde se dirigiam.

Assim pertencem indiscutivelmente a Portugal as grandes phases da descoberta da America: a ida pelos Açores á Terra Nova, e por Cabo Verde ao Brasil; a indicação das terras do occidente a Colombo antes de 1492 em que vae ás Antilhas, e das de sudoeste antes de 1498 em que aprôa á America do Sul; a primeira grande viagem de descoberta para occidente, Gonçalo Velho (1431), e a ultima descoberta da America e primeira realisação pratica do caminho do oriente por occidente, a descoberta do estreito de Magalhães!

XII

Pedro Alvares Cabral

Descendia de uma antiga familia nobre o commandante da frota de 500, que tinha n'essa data trinta e dois ou trinta e tres annos, fôra nomeado em 1484 moço fidalgo da côrte de D. João II; recebia uma tença annual de 13:000 reaes concedida por aquelle rei, outra de 30:000 reaes, de que se encontraram recibos de 1502 e 1504, e outra de 200:000 reaes, de que ha um documento de 1514 em que se allude á sua carta geral. Assim parece que seria esta ultima a recompensa dos seus serviços como capitão-mór da frota da India. Isenta de servidões os seus caseiros, mordomos e lavradores uma carta re-

gia de 1509; e auctorisa-o a trocar alguns bens que possuia em Aldegalega pela quinta do *Rosaio,* de Santarem, outra do mesmo anno. Em carta de 1514 pede Affonso de Albuquerque a D. Manuel que o chame ao seu serviço. Figura em 1518 com a designação de cavalleiro do conselho de D. Manuel, e com 2:437 reaes por mez. Em 3 de novembro de 1520 é concedida á sua viuva, D. Isabel de Castro, a tença de 30:000 reaes. Limitam as duas ultimas datas o periodo da sua morte.

Está sepultado Cabral na egreja da Graça, de Santarem, onde em 1882 foi authenticado o seu jazigo e a sua ossada, reconhecendo-se que era de avantajada estatura, como dizia a tradição. Já a seu pae, Fernão Cabral, chamavam o *Gigante da Beira.* Nada mais se conhece da sua biographia.

Desde a saída do Brazil, foi um verdadeiro desastre a viagem da frota. Perderam-se quatro naus com a tempestade: as de Bartholomeu Dias, Simão de Pina, Ayres Gomes da Silva e Vasco d'Ataide, segundo se lê na folha do *Livro das Naus,* e escrevem Damião de Goes e João de Barros. Diverge Gaspar Correia em dar Gaspar de Lemos, em vez de Ayres Gomes da Silva, mas tambem apresenta Vasco d'Ataide como tendo naufragado. Ora foi esse ca-

pitão o que se perdeu da frota logo ao sair de Cabo Verde, como estabelece o irrecusavel testemunho de Caminha. Faltando assim Vasco de Ataide póde admittir-se que Gaspar Correia tenha razão dando como perdido tambem Gaspar de Lemos. Mas esse, no dizer dos tres livros citados, foi o que regressou do Brasil a Lisboa. Dá porém Correia esse encargo a André Gonçalves, em quem os outros nem falam. Á falta de documentos a este respeito não se póde saber quem tem razão.

Foi ter desgarrada a Magadoxo a nau de Diogo Dias, descobrindo Madagascar e voltando a Lisboa sem ter encontrado as outras. Chegaram os seis navios restantes a Sofala, cheios de avarias, em 16 de julho; a Melinde em 2 de agosto; e a Calecut em 13 de setembro, não sendo porém mais felizes do que na viagem. Atacaram os mouros a feitoria, que se estabelecera com licença do Samorim, e mataram cincoenta portuguêses, entre elles o feitor Ayres Correia. Como represalia foi bombardeada a cidade; tomadas, saqueadas e queimadas dez naus; e mortos quinhentos mouros. Perdeu-se á volta o navio de Sancho de Toar, que depois ficou n'uma caravela a explorar a costa de Sofala. Desgarrou no regresso o de Pero d'Ataide, e entrou Cabral em Lis-

boa apenas com tres navios dos treze que levára. Voltaram mais tarde os de Diogo Dias, Pedro d'Ataide e Sancho de Toar.

Carregou a frota especiaria em Cochim e Cananor. Mandaram de Coulão offerecer gengibre, mas não o poude tomar. O documento citado pela *Historia geral do Brasil*, não só pelo numero de navios não póde referir-se a esta frota, como pela circumstancia de terem carregado em Coulão as naus *S. Pedro* e *Espera*.

Ficou D. Manuel tão desgostoso com o insuccesso da missão, de que Cabral fôra incumbido, que esteve para abandonar a India.

Escreve Alberto Cantino em 1502: «o mesmo rei... declarou já ao embaixador de Veneza que se este anno as suas coisas não corressem bem, como se julga, deixaria de todo a empreza, porque o anno passado perdeu n'ella oitenta mil ducados».

Partia Vasco da Gama n'esse anno. Na carta de doação de 20 de fevereiro de 1504, em que lhe dá mais 400:000 reaes, o dobro de que recebeu Cabral, diz D. Manuel: «nossa frota em que o enviámos, trouxe a salvamento bem carregada e com muita riqueza». É isto claramente uma allusão á perda dos navios de Cabral.

Ao recommendar precauções na viagem para o Cabo refere-se ao desastre o *Esmeraldo*: «pode acontecer a nau... se perder como já por mau recato se perderam outras». Deprehende-se d'esta passagem o mesmo que o procedimento havido para com Cabral deixa prevêr, que lhe era attribuida a responsabilidade do prejuizo.

Dizia o regimento com que Fernão Soares foi á India: «E muito vos encommendamos que em toda a vossa viagem leveis todas as naus a mui grande recato... para vossa navegação ser mais segura em todo o caminho e se não possa seguir algum desastre, que Nosso Senhor sempre defenda, em especial n'aquella paragem em que as naus se perderam na viagem em que foi Pedro Alvares Cabral».

Foi tal o desagrado em que caiu, que Albuquerque, ao pedir por elle a D. Manuel em 1514, escreve: «não posso saber que descontentamento é este que Vossa Alteza de sua pessôa tem, que assim o tendes lançado de vosso serviço, e quanto me a mim mais parece que a culpa d'este feito era sua tanto mais sua de parecer e hei de crêr que elle tem certo o perdão e galardão de Vossa Alteza... eu senhor vos beijarei as mãos por elle ser chamado

de Vossa Alteza e aconselhado e reprehendido e tornando em vossa graça e serviço ».

Não é levado em conta para a avaliação dos resultados da sua viagem o reconhecimento do Brasil.

Nenhum documento dá a esse facto o relevo que hoje tem. Ao escrever para a Italia o que succedeu na viagem, nem fala Leonardo de Chá Masser da ida ao Brasil.

O que se passou com Cabral mostra que o rei o considerou como um capitão que não desempenhára a grande missão de que ia encarregado.

N'uma bordada, ordenada no seu regimento, vae tomar agua e lenha a essa terra de sudoeste, já defendida teimosamente por D. João II, já repartida no tratado de Tordesillas, já delimitada por Duarte Pacheco, já descoberta quando os portuguêses procuravam a India para occidente.

É isto o que se deprehende da maneira como Cabral é julgado pelo rei, pelo *Esmeraldo* e pelo proprio Albuquerque, que, sem duvida, se podesse allegar a descoberta do Brasil a citaria em favôr do seú protegido.

Morreu Cabral sob o peso do insuccesso na India.

Não lhe avaliou a sua época o alcance sociologico do papel desempenhado no Brasil.

Preoccupada com a grande lucta do Oriente, objectivo dos esforços de tantos annos, não fez o reconhecimento d'essa terra esquecer os naufragios do Cabo, nem a traição dos moiros de Calecut.

Escrevendo muito depois, já lhe attribuem os chronistas a descoberta do Brasil, que então começava a ser aproveitado. Mas só a nossa época lhe faz inteira justiça, comprehendendo e admirando a maneira como procedeu.

Geralmente fixa na historia o nome de um commandante o commettimento de uma expedição; symbolisa uma data muitos annos de esforços; representa um grupo de homens nas consagrações, nas apotheoses, nos centenarios esses feitos maravilhosos em que trabalhou uma nação inteira, desde os capitães que recebiam as instrucções e executavam o pensamento do rei e do conselho, até aos modestos pilotos que corriam atrevidos ao mar largo; desde os cosmographos que procuravam nas estrellas do Cruzeiro a maneira de conhecer a latitude sul, e nas variações da agulha o segredo da determinação das longitudes, até aos obscuros degredados os primeiros exploradores do sertão.

Symbolisam assim o nome de Cabral e a data de 500 a fundação da patria brasileira.

Mas não merece Pedro Alvares Cabral o elogio da historia simplesmente por ter sido nomeado commandante de uma frota pelo rei.

Constitue o seu maior titulo de gloria a maneira como procedeu para com os indigenas, lançando as bases da solida amizade que ligou para sempre os dois povos irmãos.

Salvaram para Portugal o grande país da America do Sul as viagens dos portuguêses que o precederam na descoberta do Brasil.

Integra-se na grande somma de conhecimentos geographicos e cosmographicos, com que os portuguêses organisaram uma nova sciencia, o conhecimento d'essa terra, que permittiu a D. João II defendel-a com tanto ardôr. Constituindo o patrimonio da sua raça engrandecem-n'o em vez de amesquinhal-o, elevam-n'o, dão-lhe a verdadeira consciencia da sua missão, tornam-n'o representante n'aquelle momento historico, n'aquelle soberbo continente, do trabalho luminoso, persistente, methodico de tantos annos de descobrimentos.

Estava pessoalmente Pedro Alvares Cabral á altura do papel que desempenhou.

Ha nas grandes figuras da epopeia maritima portuguêsa traços dominantes que as tornam incunfun-

diveis, lhes imprimem caracter, lhes destinam missão.

Não é Cabral homem para a aventura ou para a conquista; o seu espirito sereno, tolerante e bondoso manifesta a intuição do colonisadôr.

É tudo o que ha de mais alevantado e nobre a sua permanencia na terra de Vera Cruz; coloca-o bem acima de Colombo, de Pinzon, de Hojeda e Lepe, de todos os exterminadores enviados pela Hespanha ao novo continente.

Ao reconhecer officialmente a situação e o valor da terra de Vera Cruz, ao revelar a bondade dos seus habitantes, a sua conveniencia para a viagem da India, escreveu Cabral a primeira pagina intencional da historia do Brasil; perpetuou-lhe os segredos do passado na pittoresca narrativa do escrivão; e ligou-lhe, na carta do cosmographo, o emblema do futuro, a formosa constellação do Cruzeiro do Sul, que quatro seculos depois o país nascente ostenta orgulhosamente na bandeira.

FIM

INDICE

Pag.

PREFACIO 5
PROLOGO DA I.ª EDIÇÃO 7
INTRODUCÇÃO 11
I. As lendas geographicas da antiguidade 21
II. O projecto do infante D. Henrique 31
III. Á descoberta 38
IV. Prioridade dos portuguêses na descoberta da America 43
V. Os Corte-Reaes 79
VI. Expedições portuguêsas á America de 1474 a 1492 99
VII. Colombo 143
VIII. A frota de Cabral 197
IX. A viagem 220

«O primoroso escriptor e jornalista Faustino da Fonseca acaba de publicar um interessante livro, com copiosos documentos alguns dos quaes ineditos, sobre a descoberta do Brazil por Pedro Alvarẹs Cabral.

Esse livro, que vem fazer grande luz sobre a historia da viagem de Cabral reivindica, á face dos documentos cartas e narrativas de vista das pessoas que acompanharam o grande navegador, a prioridade do descobrimento para os portuguezes contra outras opiniões que tentaram menoscabar ao ousado e experimentado mareante o glorioso commettimento.

Na sua fórma elegante de escriptor correctissimo, Faustino da Fonseca analisa e aclara com a mais escrupulosa exactidão e verdade todos os pontos que, mais ou menos, podiam ainda estabelecer quaesquer duvidas nos espiritos mais increduos.

E' um trabalho de grande alcance historico e, principalmente, de grande patriotismo e que todos os portuguezes devem ler, porque redunda em brilhantismo para nós e demonstra, de uma maneira cathegorica e precisa, o talento nautico dos nossos antigos capitães.

Faustino da Fonseca, trabalhador incansavel e investigador emerito, compulsou velhos papeis e velhos alfarrabios, com uma rara presciencia, e elaborou o seu livro com um methodo clarissimo e consequente, que põe a sua leitura ao alcance de todas as intelligencias.

Como manifestação congratulatoria para a festiva data do quarto centenario do descobrimento do Brazil, a obra de Faustino da Fonseca é um dos mais preciosos elementos de brilhan-

tismo para a condigna celebração d'esse glorioso acontecimento que marca uma epoca aurea na historia maritima portugueza.

A fórma calorosa como a prioridade da descoberta do Brazil é reivindicada, a maneira superior como o assumpto é tratado e o trabalho e erudição revelados na resolução do intrincado problema historico tornam o livro absolutamente excepcional.

Resolvendo por uma fórma inteiramente nova a questão da descoberta, destruindo as versões que pretendem attribuil-a aos hespanhoes, o livro não só reivindica para Portugal a descoberta do Brazil mas de toda a America, estabelecendo por uma série de preciosos documentos muitas viagens nossas anteriores á de Colombo.

Pela primeira vez, o grande feito da fundação da patria brazileira é tratado com tanta amplitude, contendo grande copia de documentos e de mappas do mais alto valor.

Calcula-se o interesse com que será recebido o livro do nosso collega Faustino da Fonseca, a «Descoberta do Brazil», livro destinado a reivindicar para Portugal a gloria da descoberta, pulverisando por uma vez as pretensões hespanholas, as duvidas, as interrogações, de que estava eivada a narrativa do grande facto.

Não póde haver maior commemoração da descoberta; nenhuma será decerto tão grata á colonia portugueza do Brazil.

Faustino do Fonseca trabalhou n'esta obra com verdadeiro enthusiasmo, investigando mananciaes de riquissimos documentos, que lhe permittiram resolver por uma vez o interessante problema da descoberta.»

O Seculo, *Lisboa, 6 de maio de 1900*

«Com irrecusaveis documentos e excellente argumentação demonstra o sr. Faustino da Fonseca n'este seu magnifico estudo o direito de Portugal ao descobrimento do Brasil—direi-

to contestado por uns tantos apologistas mais ou menos sinceros dos navegadores hespanhoes, e pela jacobinagem que faz gosto em amesquinhar os portuguezes d'outr'ora pelo odio que lhe inspiram os portuguezes de hoje.

O Sr. Faustino da Fonseca, que se entregou a um aturado trabalho de investigação, argumenta por vezes com texto hespanhoes, d'onde resalta, indiscutivel, a prioridade dos portuguezes no descobrimento do Brasil.»

A Mala da Europa, *Lisboa, 13 de agosto de 1900*

«Para a commemoração do quarto centenario do descobrimento do Brasil, surgiram bastantes trabalhos de investigação historica tendentes não só a abrilhantar o facto, mas, tambem, a tirar d'elle conclusões muito apreciaveis, algumas das quaes arrojadas e peregrinas.

Está n'este ultimo caso o livro de Faustino da Fonseca, de que nos occupâmos.

Não cabe, porém, na estreiteza d'esta secção uma analyse circumstanciada á *Descoberta do Brasil*, porque ella carece de um estudo mais demorado que nos é impossivel resumir em meia duzia de linhas.

Entretanto, é forçoso confessar, com applauso, que o livro de Faustino da Fonseca é o producto de muita investigação historica e que, além da responsabilidade assumida com elle, se vê transparecer claramente o esforço e a perseverança do auctor para tirar de um campo tão arido resultados proficientes.

O que vale este livro, attesta-o, sem duvida, a inserção de documentos, indestructiveis provas das affirmações ousadas que o auctor expende. Esses documentos, que foram arrancados ao pó das bibliothecas, são de grande importancia e a concatenação d'elles, ajustada ao assumpto, tornam o livro apreciavel. Todo elle é tratado com elevação e cuidado.

Faustino da Fonseca parece ter realmente encontrado a sua

especialidade. Entre varias aptidões, lhe conhecemos, algumas das quaes teem sido mais ou menos expressas n'outros trabalhos, a de monographista espanta-nos.

Na *Descoberta do Brasil* mostra ter predicados de historiador. E, como se dê o caso de Faustino da Fonseca ser incansavel trabalhador, as suas qualidades podem consolidar-se á vontade n'estas rebuscações historicas.»

BRAZIL PORTUGAL, *Lisboa, 16 de julho de 1900.*

«E' uma obra de muito valor, merecedora de um bom logar em todas as bibliothecas, não só pela desataviada clareza do estylo e pelas magnificas qualidades de observação historica que o auctor nos revela, mas tambem, e principalmente, pelos intuitos altamente patrioticos que a inspiraram, pois que n'ella se reivindica para os portuguezes a gloria, que os hespanhoes tentaram surripiar-nos, do descobrimento das vastas e riquissimas terras de Vera Cruz.»

INDEPENDENTE REGOENSE, *Regoa, 1900.*

«O sr. Faustino da Fonseca escreveu, em commemoração da descoberta do Brazil, um excellente livro... util e instructivo. *A Descoberta do Brazil* do sr. Faustino da Fonseca, póde collocar-se a par dos bons livros historicos, devendo ser lido por todas as pessoas estudiosas e que desejem ter amplos conhecimentos da nossa historia maritima e colonial.»

A VOZ DO OPERARIO, *Lisboa 24 de junho de 1900.*

«Faustino da Fonseca é um escriptor brilhante, muito estudioso, paciente, que, habituado a consulta de chronicas antigas quando escreveu o seu valioso livro sobre o *Descobrimento do Brazil.*»

AS NOVIDADES, *Lisboa, 25 de julho de 1900.*

«...Faustino da Fonseca, cujo merito, como jornalista e como escriptor tem sido devida e justamente apreciado, principalmente no seu livro ultimamente publicado—o *Descobrimento do Brazil.*

N'elle mostrou o brilho da sua intelligencia, o seu paciente e aturado estudo de chronicas antigas...»

A União, *Angra do Heroismo, 28 de agosto de 1900.*

«... e, a seguir, entrou denodadamente no campo das lettras, escrevendo um notavel estudo historico sobre o descobrimento do Brazil, e ainda outro a proposito do Centenario da India.

Estes trabalhos mereceram-lhe justos encomios da imprensa periodica do paiz, que via no joven escriptor uma esperança para a litteratura nacional.

E não se enganava.»

Silveira Moniz.

Primeiro de Maio, *Angra do Heroismo 16 de agosto de 1902.*

«Impossivel seria, n'uma simples apreciação de jornal, fazer ao livro de Faustino da Fonseca uma apreciação rigorosa e muito menos uma critica de tudo quanto n'elle se contem.

A serem feitas, essa critica e essa apreciação não poderiam deixar de brindar o auctor com o mais justo e imparcial elogio, pois que sendo quasi todo esse trabalho assente em documentos authenticos e de irrefutavel probidade, o critico não encontraria motivo para desdenhar das affirmações n'elle contidas, e nem por sombras desmerecer dos nobres intuitos que o produziram.

Agradecendo a Faustino a offerta da sua obra, que tanto illustra e nobilita o seu nome, só me resta felicital-o por assim haver dado tão brilhantemente mais uma prova publica do seu

brio civico, da sua intelligencia, do seu amor ao trabalho e do seu ardente desejo de honrar a patria na esphera das suas qualidades e aptidões litterarias.»

Alfredo Gallis.—O Universal, *Lisboa, 12 de maio de 1900.*

«Seguiu-se *A descoberta do Brazil*, livro historico, destinado á commemoração d'esse glorioso acontecimento no seu quarto centenario, em que o auctor se mostrou investigador erudito.

Este volume, a que outro dia nos referiremos mais detidamente, porque o merece e porque n'elle se encontram interessantes passagens, que interessam aos açorianos, teve grande voga no Brazil, onde desappareceram quasi repentinamente alguns milhares de exemplares, e em Portugal tem sido apreciado como trabalho de subido valor litterario e historico.»

Portugal, Madeira e Açores, *Lisboa, 20 de agosto de 1900.*

«*A descoberta do Brazil*, veio confirmar a reputação, ha muito estabelecida, do nosso amigo e conterraneo Faustino da Fonseca, como escriptor distincto.

O seu novo livro agora publicado, pode considerar-se como a consagração do escriptor.

E' uma obra de largo folego historico, e com um fim profundamente nobre e patriotico—a reivindicação para Portugal do glorioso facto que ha pouco se commemorou no Brazil.»

Gazeta de Noticias, *Angra do Heroismo, 1900.*

«Mas d'entre as obras de Faustino da Fonseca seriamos injustos se esquecessemos mencionar justamente aquella que lhe dá verdadeiros fóros de erudito investigador. Referimo-nos á *A descoberta do Brazil*, estudo excellentemente documentado,

e onde a historia das nossas descobertas é pela primeira vez collocada na sua verdadeira orientação.

ERA NOVA, *Lisboa, 28 de julho de 1908.*

«... quem descubriu a America?

Quem se atreverá a dizer que essa honra, embora totalmente esquecida, pertence aos portuguezes?

Faustino da Fonseca, um joven de muito talento, de muito criterio e de muito estudo, levantou-se com aquelle amor-patrio que tanto o enobrece e reivindica para Portugal a honra de haver, muito antes de Colombo, descoberto este paiz, onde hoje residem cerca de 100:000 descendentes dos nautas insignes do seculo XV.

Ao preparar alguns trabalhos para a commemaração da descoberta da India, convenceu-se Faustino da Fonseca da necessidade de puxar para Portugal direitos que andavam pelo estrangeiro. Apaixonado pelo estudo da historia patria, e sobretudo da historia açoriana, tão rica em paginas gloriosas, Faustino da Fonseca, como açoreano, como terceirense, não podia ver no esquecimento os esforços dos denodados navegadores que, dos rochedos d'aquelle archipelago, haviam soltado as velas em direcção occidental. Foi desenterrar documentos, rebuscar provas authenticas, indiscutiveis; e n'este livro, cofre de verdades inconcussas, dá o moço historiador aos personagens d'esse drama maravilhoso do seculo XV o papel que realmente tiveram; apresenta-os na nudez da verdade, á luz da historia.

Nas 262 paginas, grandes, d'este grande livro, ha muito que aprender. Todo o portuguez, digno d'este nome, deve ler, saber estas paginas, onde achará conforto á miseria que hoje lavra na nossa querida patria.

E nós, os portuguezes n'este paiz, com muito mais razão devemos estudar, capitulo a capitulo, pagina a pagina, linha a

linha, este livro precioso, porque d'elle aprenderemos a responder aos dislates que por ahi correm na imprensa.

A linguagem é singela, não tediosa. Onde parece haver parcialidade, não ha mais do que amor da patria ferido pelas injustiças contra ella praticadas. Aquelles que dizem ser o portuguez um monstro, producto da alma traiçoeira, ignobil, do hespanhol, podeis responder com as paginas em que se descreve a visita dos portuguezes ao Brazil, em contraste bem distincto com o modo como os hespanhoes trataram os indigenas das Antilhas.

Se ha obra que no momento actual mereça ser lida, se ha obra que o portuguez deva possuir é esta.

O livro de Faustino da Fonseca merecia longas columnas d'apreciação; mas deixo-vos o aprecia-lo directamente na leitura que de elle deveis fazer.»

O Arauto, *Oakland (California)*, *7 de fevereiro de 1901*.

«Alguem soltou já energicamente esse brado de álerta, que deve encontrar echo em todos os corações portuguezes, para que, repercutindo-se fóra da patria, possa despertar a attenção e ser escutado.

O sr. Faustino da Fonseca, no seu valiosissimo livro—*Descoberta do Brasil*, interpreta em tantos documentos as provas da propriedade de Portugal no descobrimento da America, com um criterio tão luminoso esclarece pontos de tão saliente verdade, que incrivel parece não terem feito abrir todos os olhos; demonstra a incuria com que temos desprezado documentos preciosos, reivindicadores d'essa gloria, e impossivel será de bôa fé affirmar o contrario do que elle procura provar no seu livro.

Não era na formosa, mas pouco conhecida lingua portugueza que este livro devia estar escripto . N'uma lingua universal, que todos lêssem, deviam ser traduzidas essas paginas

de reivindicação, para que fossem despertar o interesse de todos os que se preoccupam com os grandes problemas historicos.

O estudo que o sr. Faustino da Fonseca fez dos documentos relativos ás navegações portuguezas do seculo XV é da mais alta importancia, e o livro em que commemorou o centenario do descobrimento do Brazil, a mais bella homenagem que um portuguez de hoje podia prestar a esses grandes navegadores do nosso glorioso passado.»

B. Sesinando Ribeiro Arthur.

REVISTA MILITAR, *Lisboa, 15 de setembro de 1900. Anno LII, n.º 17, pag. 541*

Em 2 de outubro de 1904 na sessão solemne da Real Casa Pia de Lisboa foram offerecidos, como premio aos alumnos distinctos, exemplares da *Descoberta do Brazil.*

«Centenario da Descoberta do Brazil

Foi extraordinariamente concorrida a sessão solemne que se realisou na espaçosa sala da Associação Commercial de Logistas de Lisboa, promovida pela importante Associação de classe dos Caixeiros Portuguezes, para commemorar o 4.º centenario do descobrimento do Brazil.

...O orador sr. Decio Carneiro referiu-se com elogio ao livro do nosso collega Faustino da Fonseca, *A Descoberta do Brazil*, pondo em evidencia a fórma como elle reivindica o direito portuguez.

Em seguida, o sr. Taborda recitou uma poesia. O *Descobrimento do Brazil*, original do destincto poeta sr. Antonio José Henriques e dedicada ao nosso amigo sr. Faustino da Fonseca.

...Em seguida, o digno consul do Brazil sr. Vieira da Silva, agradeceu em phrase calorosa e enthusiastica as saudações ao Brazil, o trabalho do nosso amigo Faustino da Fonseca e

em nome do Brazil, em nome do povo brazileiro, em nome da nação irmã, saudou vivamente Portugal.

DIARIO DE NOTICIAS, *Lisboa, 14 de maio de 1900.*

Referencias da HISTORIA DO BRAZIL

de José Francisco da Rocha Pombo, Vol. I, Rio de Janeiro, sem data (1906).

«Esse outro imperterrito mestre que tão util nos tem sido —o quasi sempre irrefutavel e cathegorico Faustino da Fonseca.»
Pag. 183

«São de tal importancia estes dois capitulos de Faustino da Fonseca sobre os Corte-Real, que tomamos a liberdade de os transcrever aqui na integra, como documento de alto preço archivado para a historia do Novo Mundo.» *Pag. 109*

«Este livro (A Descoberta do Brazil) é a obra mais preciosa e mais completa de tudo que se publicou por occasião de celebrar-se em 1900 o 4.º centenario do descobrimento do Brazil. Revela, alem da vasta erudição do seu auctor, o esforço e cuidado paciente com que foram colligidos, em grande copia, documentos originaes e ineditos a respeito de muitos pontos da historia d'aquellas navegações. Não ha palavras que possam exprimir todo o louvor que se deve a trabalho de tal magnitude—do qual na presente obra aproveitaremos, quanto se nos permittir, toda a substancia.» *Pag. 32*

«O auctor da *Historia do Brazil* confessa que baseou grande parte dos capitulos referentes ao descobrimento, no trabalho do nosso presado amigo e distincto escriptor sr. Faustino da Fonseca, ha annos publicado sob o titulo de *A descoberta do Brazil.* O sr. Rocha Pombo presta-lhe esta homenagem...

... Palavras estas de merecido louvor dirigidas por um escriptor estrangeiro a um compatriota nosso.

NOVIDADES, *Lisboa, 14 de setembro de 1906.*

«Recebemos a *Historia do Brazil*, do sr. José Francisco da Rocha Pombo. O grosso volume que temos presente, parece-nos um trabalho de valor, feito com consciencia e cuidado. O seu auctor serve-se em grande parte do trabalho que sobre o assumpto fez o nosso presado amigo e correligionario Faustino da Fonseca—o que deve ser motivo de orgulho para o nosso collega.

O MUNDO, *Lisboa, 12 de setembro de 1906.*

«Mal recebemos o livro procurámos ávidamente a parte relativa á descoberta, cuja velha discussão ainda ultimamente se renovou, por occasião do centenario, tomando parte n'ella todos os nossos historiadores e homens de letras.

Rocha Pombo faz inteira justiça á obra de Cabral, baseando-se para isso na patriotica reivindicação de Faustino da Fonseca, a *Descoberta do Brazil.*»

O MUNDO, *Lisboa, 15 de setembro de 1906.*

«Na parte relativa á historia do descobrimento e causas que o motivaram, presta o auctor um alto preito de justiça a um nosso talentoso compatriota, o sr. Faustino da Fonseca, auctor d'um livro, *A descoberta do Brazil*, que na patria brazileira se reputa «o mais precioso e completo» publicado sobre o assumpto. Effectivamente o livro do nosso compatriota que serviu de *substractum* a quasi toda a primeira parte da obra monumental do sr. Rocha Pombo, além da erudição que revela, é uma obra conscienciosa, isempta do chauvinismo dos historiadores hespanhoes e italianos, basilada em investigações novas e na analyse de documentos ineditos.»

A OPINIÃO, *Lisboa, 27 de outubro de 1906.*

«No capitulo III da primeira parte, ventilam-se com proficiencia varios pontos, para se determinar a quem cabe a prioridade no descobrimento do Brazil. Para nós, cujo patriotismo é argumento de primeira ordem, não ha duvida de que os portuguezes foram os descobridores do Brazil; mas nem todos nos respeitam esta crença, que varias vezes tem sido combatida pelos que pretendem conferir a honra do descobrimento ao hespanhol Pinzon.

N'este ponto, o sr. Rocha Pombo, fazendo o elogio da *Descoberta do Brazil*, obra do nosso compatricio sr. Faustino da Fonseca, segue na esteira do escriptor portuguez e acumula demonstrações cathegoricas de que, antes de Pedralvares Cabral, nenhum navegador europeu pizara o territorio, que hoje se chama Brazil.

Dr. Candido de Figueiredo.
DIARIO DE NOTICIAS, *22 de setembro de 1906.*

«Rocha Pombo transcreve largos trechos da obra de Faustino da Fonseca, como: «Documentos de alto preço archivados para a historia do novo mundo».

Felicitamos Faustino da Fonseca por triumphar a sua patriotica reivindicação da descoberta portugueza, e congratulamo-nos pelo exito d'esse primoroso livro.»

O SECULO, *Lisboa 15 de setembro de 1906*

«No livro em questão, faz o sr. Rocha Pombo inteira justiça ao excellente trabalho do nosso querido camarada da imprensa lisbonense, Faustino da Fonseca, acerca da descoberta do Brazil, tendo para esse notavel trabalho o mais caloroso elogio e até filiando n'elle a obra a que se abalançou.

Alberto Bessa A NOSSA PATRIA, *Lisboa 1 de outubro de 1906*

«Refere-se ao livro de Faustino da Fonseca sobre a descoberta do Brazil d'uma fórma que rarissimas vezes escriptores